

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

MESTRADO EM SOCIOLOGIA

ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO:

RECURSOS HUMANOS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

BARRANCOS E ENCINASOLA – FRONTEIRA E DESTINO

MESTRANDA:

Cristina Maria Rubio Domingues

ORIENTADOR:

Prof. Doutor Francisco Martins Ramos

"Esta Dissertação não inclui as críticas e sugestões feitas pelo Júri".

Évora
2003

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

MESTRADO EM SOCIOLOGIA

ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO:

RECURSOS HUMANOS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

BARRANCOS E ENCINASOLA – FRONTEIRA E DESTINO

MESTRANDA:

Cristina Maria Rubio Domingues

ORIENTADOR:

Prof. Doutor Francisco Martins Ramos



143804

“Esta Dissertação não inclui as críticas e sugestões feitas pelo Júri”.

Évora
2003

30/11/03

ÍNDICE

ÍNDICE	1
RESUMO	3
Agradecimentos	4
Introdução	5
1. Enquadramento Teórico - Conceptual	8
1.2. O Conceito de Cultura e Identidade Cultural	12
1.3. A problemática do Desenvolvimento	18
2. Metodologia da Investigação	26
3. A Contextualização - As Zonas Fronteiriças	30
3.1. Caracterização do Município de Barrancos	34
3.2. Caracterização do Município de Encinasola	48
4. A Taberna do Conhecimento - Um Lugar de Memória Viva	58
5. Barrancos e Encinasola Num Circuito de Fronteira	71
6. Considerações Finais	96
7. BIBLIOGRAFIA	100
8. Anexos	108

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro nº 1 - Distribuição da População de Barrancos	38
Quadro nº 2 - População com Ensino Superior Completo 1991 - 2001	40
Quadro nº 3 -Número de desempregados do Município de Barrancos	40
Quadro nº4 - Distribuição da População de Encinasola	53
Quadro nº5 - Distribuição da População Estudantil de Encinasola	54

ÍNDICE DE MAPAS

MAPA 1 - Caracterização da Zona Transfronteiriça	29
MAPA 2 - Mapa Representativo do Município de Barrancos	33
MAPA 3 - Mapa/Planta Representativo (a) do Município de Encinasola	47

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA Nº1 - Vista Parcial de Barrancos	46
FIGURA Nº 2 - Vista Parcial de Encinasola	52
FIGURA Nº3 - Plaza Mayor - Encinasola	52
FIGURA Nº 4 - A Taberna do Conhecimento	70
FIGURA Nº 5 - Ermida de Flores - Encinasola	86
FIGURA Nº 6 - Dança Del Pandero - Encinasola	88
FIGURA Nº 7 - Traje da Dança Del Pandero	88

RESUMO/ABSTRACT**Barrancos e Encinasola – Fronteira e Destino**

A presente investigação incide sobre a problemática do contacto de culturas entre Barrancos e Encinasola. Especificamente pretende-se abordar a problemática do contacto entre culturas, a sua relação com a construção e "manutenção" da Identidade Cultural de Barrancos e apresentar propostas de intervenção no sentido de dinamizar o contacto transfronterizo por via do turismo cultural.

Metodologicamente utiliza-se o método qualitativo, utilizando como técnicas na recolha dos dados, a pesquisa bibliográfica e documental, a observação participante, as entrevistas semi-estruturadas e as "histórias de vida".

Palavras chaves - Identidade Cultural - Cultura - Desenvolvimento.

Barrancos and Encinasola – Frontier and destiny

The present investigation has approached on the problem of cultures' contact, between Barrancos and Encinasola.

Specifically it pretends to reach the issue of contact between cultures, it's relation with the construction and "maintenance" of Barrancos' cultural identity and to present intervention proposals to dynamize the border contact trough cultural tourism.

Metodologically it's used the qualitative approach, using as research technics the bibliographical and documentary search, the participant observation, the semi-structured interviews and "life stories".

Key words - Cultural Identity - Culture - Development.

AGRADECIMENTOS

A realização desta investigação contou com a ajuda de numerosas pessoas e instituições que, directa ou indirectamente, tornaram possível a realização da pesquisa. Assim torna-se imprescindível fazer uma referência a todos eles.

Ao meu orientador Prof. Doutor Francisco Ramos, endereço o meu primeiro e mais profundo agradecimento, pela disponibilidade e todo o acompanhamento ao longo destes dois anos.

Aos meus colegas e amigos de mestrado, em especial à Gracinda e à Ema, por todo o apoio, sugestões e incentivo durante este percurso. Aos meus amigos, em especial à Suzete e aos meus primos Rafael e Emílio por todo o apoio prestado na organização informática, à “Kika,” pelos serões disponíveis.

Um lugar de destaque merecem os meus informantes privilegiados de Barrancos e de Encinasola, que deram um testemunho importantíssimo na elaboração da Investigação.

Agradeço também ao Sr. Presidente da Câmara Municipal de Barrancos e Alcadeza do Ayuntamiento de Encinasola.

A Angel Mendez, a Mary Loli, Esperança, Antonio Guillén e ao Sr. Director da Escola de Encinasola por toda a disponibilidade e apoio prestado.

Ao chefe da Divisão Sócio-cultural da Câmara Municipal de Barrancos por toda a documentação cedida e disponibilidade demonstrada.

Finalmente, uma palavra de apreço aos meus pais e em especial ao meu irmão que ajudou a construir este passo, pela forma como souberam entender a exigência de total disponibilidade que uma trajectória de investigação exige.

À Laura, que me ensinou as primeiras letrinhas e iniciou nas asas do conhecimento.

INTRODUÇÃO

Este documento é o resultado da investigação conducente à Dissertação de Mestrado em Sociologia na Universidade de Évora, na área de especialização de Recursos Humanos e Desenvolvimento Sustentável.

Quando tomamos contacto com os problemas do mundo rural, simultaneamente e contraditoriamente observamos alguns aspectos "reluzentes" face àquilo que hoje se apresenta como global. Basta estarmos atentos "à pequena caixa", que hoje embeleza um dos recantos das nossas casas. A razão da minha escolha não se prende com o facto da mediatização e a curiosidade que a mesma despertou, em alguns olhares curiosos sobre Barrancos. Prende-se com o facto de esta ser a minha terra natal, aqui viver e sentir o que de "bom e mau", esta gente pensa e sente (gente que é a minha e com a qual me identifico plenamente).

Tendo elaborado um estudo no final da minha licenciatura (em 1995), sobre as principais vantagens e desvantagens que a abertura da fronteira trouxe para Barrancos, decidi recorrer a ele aprofundando-o e dando uma outra visão e dimensão àquela realidade passada.

Neste sentido, esta investigação incide sobre a problemática do contacto cultural e da própria relação transfronteiriça.

Ao iniciar a Dissertação e apesar de já ter estudado a mesma localidade, coloquei algumas interrogações que foram o ponto de partida para o processo da investigação científica:

- Como é que a abertura da fronteira constitui um factor de desenvolvimento para duas localidades geograficamente próximas?
- Que transformações ocorreram em Barrancos (em comparação com a situação verificada) desde a abertura da fronteira até aos nossos dias?

Assim, a partir das questões mencionadas anteriormente delinieei um objectivo geral, a partir do qual foram criados os objectivos específicos.

OBJECTIVO GERAL:

Analisar o processo do contacto de culturas entre Barrancos Encinasola.

OBJECTIVO ESPECÍFICOS:

- Abordar a problemática do contacto de culturas e a sua relação com a construção e "manutenção" da Identidade Cultural de Barrancos.
- Apresentar propostas de intervenção no sentido de dinamizar o contacto transfronteiriço pela via do turismo cultural.

Numa primeira parte procedeu-se ao enquadramento teórico conceptual do objecto de estudo. Num primeiro ponto centrei o enquadramento, na questão das identidades nacionais, para posteriormente desenvolver o conceito de cultura, sendo este baseado essencialmente em Lupi e Jorge Dias.

Porque a identidade local é um dos instrumentos que pode contribuir para o processo de desenvolvimento, aproveitando as singularidades e especificidades das comunidades, centrei o ponto (1.3), nesta problemática.

No ponto dois da investigação é referenciada toda a metodologia utilizada, onde os informantes privilegiados permitiram um conhecimento muito aprofundado do objecto de estudo. Um dos primeiros obstáculos encontrados foi quando seleccionei um informante e repentinamente adoeceu, tendo de procurar um outro. Dai que a história de vida incorporada na investigação, não seja de um informante que reside em Barrancos, com naturalidade de Encinasola, sendo este meu informante natural de Aroche.

No ponto três da investigação apresento a contextualização das zonas fronteiriças e dos Municípios em análise.

No Capítulo número cinco, são apresentadas algumas sugestões de dinamização turística.

No último capítulo são tecidas as considerações finais de acordo com os dados recolhidos.

As entrevistas foram dirigidas a informantes privilegiados, sendo

selecionados, de acordo com as informações pretendidas, quer em Barrancos, quer em Encinasola, que deram pormenores importantes para a interpretação da realidade em estudo.

Um outro aspecto interessante na recolha dos dados, tem a ver com a alcunha colectiva dos habitantes de Encinasola, ao perguntar "porquê tal alcunha?" Ninguém sabia dizer ou responder, até descobrir tal facto num dos documentos que posteriormente analisei.

Revelou-se de importância fundamental, a bibliografia e os dados cedidos pela Câmara Municipal de Barrancos, Ayuntamiento de Encinasola e António Guillén.

No que diz respeito às entrevistas, os entrevistados mostraram-se interessados, tendo surgido várias situações interessantes e curiosas, permitindo assim elaborar e ilustrar o capítulo da Taberna do Conhecimento - Um Lugar de Memória viva.

Um outro aspecto a referir deve-se à problemática da Guerra Civil de Espanha, aqueles que viveram este período, não gostam ou preferem não falar muito no assunto, no entanto alguns indivíduos contaram episódios interessantes, como se pode observar em anexo.

Ao longo da pesquisa e contrariamente ao final de 1995, quando terminei a licenciatura, encontrei vários estudos principalmente sobre a Vila de Barrancos.

O facto de Barrancos e de Encinasola se encontrarem próximas geograficamente e as acessibilidades que ligam estas duas localidades serem excelentes, permitiu e facilitou o contacto com os meus informantes, o que permitiu um conhecimento muito mais aprofundado do outro e relações de inter-conhecimento.

1 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO -CONCEPTUAL

A elaboração de uma Dissertação de Mestrado implica que a mesma se encontre enquadrada no âmbito de estudos ou teorias, cujo carácter científico permite dar forma e, em certa medida, legitimar o estudo que se pretende efectuar.

A Dissertação agora elaborada tem, como foi dito, um enquadramento teórico-conceptual que vai ao encontro daquilo que foi estudado por vários autores, como conhecedores de reconhecido rigor científico, na temática em causa.

Num primeiro ponto e antes de nos centrarmos nos conceitos de identidade cultural, considerei pertinente abordar a problemática da criação das Identidades Nacionais, colocando mesmo a questão do que é uma "Identidade Nacional" e porque é que houve necessidade da criação das identidades nacionais, numa perspectiva macro.

Para abordar a questão anteriormente referida considerei importante a perspectiva de Anne-Marie Thiesse. A autora considera que nunca existiu nada mais internacional do que a própria formação das identidades nacionais, existindo um grande paradoxo, uma vez que a identidade nacional já foi pretexto para enormes guerrilhas e grandes confrontos "(...) o verdadeiro nascimento de uma nação é o momento em que um punhado de indivíduos declara a sua existência e pretende prova-lo" (Thiesse 2000:16).

Mas afinal, "do que é feita a nação e o porquê da sua existência?" Para Thiesse e parafraseando Renan, pertencer à nação é fruto de um legado que os próprios antepassados deixaram. Sendo assim, herdeiros desse património simbólico e material, o fruto da construção colectiva das identidades nacionais não é apresentado por apenas um modelo. Segundo o sociólogo Orvar Lofgren existem uma multiplicidade de variantes no que diz respeito "a alma nacional" e uma grande diversidade de procedimentos necessários à sua elaboração. "(...) Hoje podemos estabelecer a lista dos elementos simbólicos e materiais que uma nação digna desse nome deve apresentar: uma história que estabelece uma continuidade com os

ilustres antepassados, uma série de heróis modelos das virtudes nacionais, uma língua, momentos culturais, um folclore, locais eleitos e uma paisagem típica, uma determinada mentalidade, representações - hino e bandeira - e identificações pitorescas - trajes, especialidades culinárias ou um animal emblemático" (Thiesse 2000:18), enfim um conjunto de sinais e símbolos que nos permitem identificar com algo que é nosso, remetem-nos imediatamente para um país e dentro desse mesmo país para uma região e dentro dessa mesma região para um local.

A autora considera que o conceito de nação nasce de uma invenção. "Mas como se interioriza o conceito de nação num povo???(...) Os sucessos são fruto de um proselitismo tenaz que ensina aos indivíduos o que são, obriga-os a conformarem-se e incitando-os a difundir, por sua vez, esse saber colectivo. O sentimento nacional só é espontâneo quando já está totalmente interiorizado; tendo de ser este ensinado previamente" (Thiesse 2000:18).

A formação das nações encontra-se ligada a dois aspectos, o económico e o social. "(...) Acompanha a transformação dos modos de produção, a expansão dos mercados, a intensificação das trocas comerciais, sendo contemporânea do aparecimento de novos grupos sociais. O voluntarismo consciente e militante presente nas elaborações identitárias revela, contudo, que elas não decorrem espontaneamente de desordens de que são corolários indispensáveis" (Thiesse 2000:19).

A autora considera que a as interrogações actuais sobre as identidades nacionais e a sua preservação na Europa contemporânea está interligada com a presença da mão-de-obra estrangeira "(...) as novas formas de vida económica exigem a constituição de conjuntos mais vastos que os Estados -nações. A entidade supranacional da União Europeia é um espaço jurídico, económico, financeiro, monetário, e não um espaço identitário" (Thiesse 2000:22).

Vários são os ingredientes que faltam, para esta ser considerada um espaço identitário, pois falta -lhe "(...) o património simbólico através do qual as nações souberam propor aos indivíduos um interesse colectivo, uma fraternidade, uma

protecção" (Thiesse 2000:22).

A humanidade não evolui ao acaso, as separações geográficas, os climas entre outros factores, vieram permitir o surgimento de várias línguas que constituem a língua nacional. Para Thiesse e parafraseando Herder "(...) Cada língua é a expressão viva, orgânica, do espírito de um povo, a soma da acção eficaz de todas as almas humanas que a constituíram ao longo dos anos" (Thiesse 2000:40).

Braga da Cruz considera que o Estado -Nação despontou remotamente na Europa das ruínas da República Cristiana, da Cristandade medieval, como produto da desagregação e fragmentação dos grandes impérios. A universalidade política medieval e não existindo diferenciação entre a autoridade suprema do Papa e do Imperador, levou ao surgimento de um sistema de Estados de variadas unidades políticas, soberanas e nacionais. Terá então adquirido maior impulso a ideia de Estado -Nação, com o absolutismo europeu, pois levou ao surgimento dos modernos Estados soberanos e da teoria da soberania. "A nacionalização do Estado constitui objectivamente um processo de secularização da autoridade política de autonomização do Estado da tutela moral da Igreja, de concentração de poder nas mãos dos reis"(Cruz 1992:829).

Mas foi com a Revolução Francesa que o Estado -Nação terá tido a máxima expressão, foi ela que permitiu a consagração política da figura "nação", "identificando-a com o Estado, e dotando-a de soberania, ao entendê-la como corpo de cidadãos, como poder constituinte e como continuidade histórica de um povo" (Cruz 1992:830). Com o reivindicar da soberania popular deu-se asas à definição do povo-nação que se pretendia soberano, "(...) da comunidade popular e nacional chamada a exercer essa nova noção de soberania expressa pela Declaração dos Direitos do Homem de 1789". Efectivamente, só com a formulação da teoria da soberania popular o Estado do absolutismo, identificado com a figura do rei e fundado na soberania real - o "l'etat c'est moi" de Luís XIV -, é substituído pelo Estado-Nação, pelo Estado-Povo" (Cruz 1992:830). Para Cruz e parafraseando

Adriano Moreira o nacionalismo que emergiu um pouco por todo o mundo europeu, da afirmação de novas nações, foi um nacionalismo libertador e revolucionário, mas com o tempo viria a tornara-se conservador e reaccionário, ao colocar o acento, não já sobre o indivíduo liberal, mas sobre a comunidade e a tradição histórica Nacional. Assim a Nação que o Estado se identifica plenamente constituía um mundo real, com línguas e histórias próprias. A Nação passou a ser não apenas uma imagem do passado que se herda mas uma concepção de destino que se projecta, tanto uma "comunidade de tradição" como uma "comunidade de sonho". Paralelamente o nacionalismo dotava-se também de um sentido de diferenciação em relação a outros. "A afirmação do nacionalismo fazia-o por demarcação contrária dos que eram partes da mesma nação" (1992 :833). Ramos e Silvério remetem-nos para uma visão do mundo a partir do século XVII, "(...) se impõe uma concepção do universo entendido como gigantesco aparato de relojoaria, inicia-se um processo de domínio que, no plano político-filosófico, se traduz no império de uma particularidade europeia transformada em universalidade abstrata geral" (Ramos e Cunha 2000:5). Sob o ponto de vista cultural, assistimos ao fenómeno da crescente mundialização da opinião pública (e também da publicidade), à afirmação e ao reconhecimento progressivo da necessidade de autoridades internacionais para regular o acréscimo das comunicações mundiais, tanto através dos transportes como das telecomunicações. Para estes autores, nos séculos XVI e XVII, o pensamento europeu preparou os discursos de universalidade. Ora, para estes autores o espaço público, que é base da democracia, produz relativamente à globalização a ideia de ficção do mundo social. "O progressivo reconhecimento do direito internacional vai de par com a mundialização do domínio cultural e ideológico. Não é só a cultura massificada que se expande e atravessa as nações e os continentes, tudo standartizado, desde o vestuário à alimentação, até aos produtos mediáticos, que perdem diversidade, e passam a ser os mesmos em todas as latitudes e longitudes (Cruz 1992:336). O Estado-nação e sua soberania estão a ser colocados em "questão", para Cruz fala-se assim de "erosão do Estado e do seu

enfraquecimento como escalão pertinente de governo, da sua crise de legitimidade. Há mesmo quem chegue exageradamente a falar de declínio da Europa " (Cruz 1992:837).

Todavia, para falar sobre identidade é necessário articular tal discurso com o conceito de cultura.

1.2 - O CONCEITO DE CULTURA E IDENTIDADE CULTURAL

É agora importante centrarmo-nos no próprio conceito de cultura e para isso recorreremos a Lupi (...) cada cultura é o produto de um determinado grupo num determinado território, e por isso a cultura é um fenómeno essencialmente regional, ligado às características de cada região. Para este autor e parafraseando Jorge Dias "cultura é afinal uma orgânica e viva , que como um perpétuo fluir recebemos do passado e vamos transmitindo aos vindouros, acrescentada ou modificada pela nossa própria actividade criadora e modificadora" (Lupi 1984:282).

É todavia relevante neste ponto a questão do etnocentrismo. O etnocentrismo na perspectiva do mesmo autor reveste-se de grande importância, uma vez que este é uma consciência de Identidade cultural do próprio grupo, tomando assim o grupo um posicionamento face a outro grupo. Assim, segundo o mesmo autor, cada traço cultural é um pouco de expressão humana que contribui para formar a imagem completa da humanidade, a imagem que reflectiria todas as possibilidades de expressão humana. Lupi opina que tudo aquilo que pela aparência do progresso, elimina ou absorve a cultura regional deveria ser rejeitado. É de salientar a importância do regionalismo e o respeito pela cultura local, popular e tradicional, que embora menos evoluída que a urbana possui beleza e harmonia. De acordo com Dias toda a vitalidade de um grupo que se manifesta no tempo e no espaço se manifesta em concordância com as condições ambientais com que se depara. O próprio ambiente social e cultural de que os grupos humanos são portadores, toma com o passar dos anos, a própria forma de tradição, que pode ter características funcionais e com isso levar a novos fins.

Um outro aspecto preponderante, tem a ver com a constituição de uma área cultural é sempre produto da expansão territorial, nunca descorando que é a evolução histórica que a caracteriza.

Seguindo as linhas de orientação de Lupi baseadas em Jorge Dias a cultura poderia ser considerada como elemento único, estando esta repartida ou ramificada e diversificada pelo mundo, e cada um dos seus ramos poderá comparar-se entre si. "(...) todos os povos e todas as culturas entram a par na evolução da humanidade, como se a evolução da humanidade fosse global" (1984:274).

Segundo a perspectiva de Diogo Moreira as comunidades humanas têm, por regra, limites próprios bem definidos, linhas divisórias que actuam como potentes focos de exclusão do estranho e do alheio. Para este mesmo autor existem inúmeras comunidades que contam as remotas origens sagradas dos seus respectivos lugares. Cada comunidade, ao manifestar a sua "diferença" perante as outras, transforma-se em metafísica e sacraliza-se, permitindo a essa mesma comunidade uma homogeneidade e um sentimento de solidariedade. "(...) representações, mitos de origem, ritos locais e outras celebrações festivas diferenciam comunidades entre si, conferem-lhe interioridade e afirmação exclusiva, face a outras unidades externas e próximas" (Moreira 1996:20). Deste modo, não haverá um povo, uma comunidade, com as características anteriormente referidas, existirá um conjunto de sinais e símbolos de singularidade que despertam a vivência intensa e personalizada da comunidade, tornando-se assim desigual e não querendo este mesmo grupo ser absorvido por um outro.

Todavia, seguindo Moreira e parafraseando M. Silverman, o Estado-Nação não é, com frequência e como se tem repetido, um paradigma da organização da vida humana. O próprio regionalismo, a etnicidade, o grupo culturalmente homogéneo ou que se pensa como tal, mostram-se cada vez mais incisivos, subtis, actos e profundos que uma orientação nacional ou mesmo partidária (Moreira 1996:21). Mas afinal, o que é a Identidade Cultural de um grupo? Qual é a nossa própria Identidade Individual? O conceito de identidade não é um dado adquirido,

é em primeiro lugar um processo em constante construção, considerando assim importante reflectir sobre ela de maneira plural e dinâmica (Ramos 2001:66).

Se encararmos os conceitos de Lei e Estado como um todo nacional, estes constituem o todo formal. Para além deste formalismo, ou uniformismo existem Identidades Culturais que existem para além da uniformidade nacional. Essa identidade Cultural, que se "desvia" da "normalidade" nacional vai buscar a sua legitimidade, precisamente, em aspectos como a tradição (...) cabe-nos entrar nos horizontes sem limites do aspecto cultural pois, as identidades culturais são múltiplas e não coincidem necessariamente com quadros nacionais (Ramos 2001:72). Actualmente, há um modo "institucionalizado" de proceder, no entanto existem certas culturas localizadas que fogem a essa "institucionalização", com base em tradições seculares, solidamente enraizadas.

Tomaz Calvo Buezas considera que se olharmos o mundo actual, observamos uma série de fenómenos contraditórios e inconexos, visto que nunca como hoje "fazemos parte" de uma aldeia global. Inter-relacionada pelos meios de comunicação e caracterizada pela integração, o universalismo e a globalização, o mundo converteu-se num grande mercado, em que livremente circulam pessoas, capital e tecnologia, recursos, empresas e produtos. Face ao que foi referido anteriormente, haverá cada vez mais a necessidade das Identidades culturais se afirmarem e renascem "(...) algunos analistas explicam el incremento de esta "integración universalista "por el triunfo del capitalismo liberal, de natureza transnacional y expansionista, ello explicaria la ruptura de fronteras étnicas e culturas cerradas. Por otra parte de la caída de los Estados Comunistas, el importante capitalismo habria desarrollado aún más su dimensión universalista, integradora y globalizadora (Buezas 1994:53). Todavía seguindo a linha de pensamento de Buenas, alguns autores de como na sociedade moderna de consumo "se opera" um processo "universalista" de homogeneidade económica, cultural e social, que poderia metaforicamente denominar-se de distribuição a nível estrutural e paralelamente produz-se dialecticamente um processo "particularista"

etnocêntrico e nacionalista de “retribalização” a nível simbólico da identidade étnica, que por vezes pode tomar formas extremas de exclusão xenófoba e violência-racionalista.

Todavia e seguindo a perspectiva de Moreira, considera-se que a União Europeia terá tido e reunido alguns esforços às questões dos Regionalismos e para o qual distribuiu milhares de Euros. “(...) A descentralização, o controlo imediato Comunitário, a adesão e pertença a símbolos, valores, rituais e crenças locais tradicionais são aspectos considerados conducentes ao desenvolvimento da personalidade, como dando sentido, significado e continuidade à vida humana. Esta ontologia cultural plurissecular e universal, geradora de tensão primordial proveniente da diversidade específica primária e que desponta, com vigor, por toda a parte, requer uma epistemologia adequada” (Moreira 1996:23).

Moreira questiona-se sobre quais terão sido as fontes da especificidade cultural e para qual, dá uma resposta, inicialmente o indivíduo identifica-se com a sua família, a seguir com uma tradição e também com um lugar de nascimento “(...)Esta experiência primordial e este envolvimento primário - Comunistas - tende a criar um círculo de solidariedade intenso, afectivo. As comunidades com os seus recursos e as suas tradições constituem os Loci originários da estruturação de uma diferenciação inicial e profunda”(Moreira 1996:26).

De salientar um outro aspecto que diz respeito ao “Corpus Histórico” do grupo, não numa perspectiva estática, mas sim moldável e em contínua reinterpretção. “O passado pode estar presente através de instituições, formas de vida, monumentos e símbolos, mas tornar-se efectivo ou agir através de uma mistificação, de uma idealização do *genius populi* altamente valorizado. Todo o sistema cultural conhecido tenta persuadir que é diferente e moralmente superior” (Moreira 1996:27).

Salvatierra dá -nos uma definição de Identidade Social .Diz-nos que esta é a consciência do grupo a que o indivíduo pertence, ao qual um indivíduo ou outro se identifica ou é identificado por outros. “Este concepto tiene una representación

común a los miembros de una sociedad dada, y por tanto es facilmente simbolizable" (Salvatierra 1994:374).

Ao abordarmos a Identidade social é necessário referenciar que as definições desta, tal como as classes sociais que podem produzir são múltiplas. Sem dúvida que já na antiguidade havia diferenças culturais entre os grupos que compõem a humanidade. "(...) podendo atribuir-se, em, larga medida, à adaptação espaço-tempo especializada e ao processo de individualização que resulta do facto da experiência de gerações ser por vezes e em dadas circunstância descontínua" (Moreira 1996:37). Quer em sociedades designadas como primitivas quer nas sociedades modernas a "etnicidade" é semelhante a um método social de diferenciação que torna peculiar os membros de um grupo em relação a outros. "Quando em determinadas situações interpessoais alguém diz, sem mais, "sou fulano de tal" o que faz é demonstrar um tipo de identidade no qual o nome já é explícito por si mesmo de certos conteúdos, como quando refere a pertença a uma dada linhagem. No caso étnico, a identificação da etnicidade está também adstrita a uma mensagem por meio da qual se pode perceber uma diferença cultural e em certos casos uma diferença social"(Moreira 1996:38).

Após termos abordados os conceitos de Cultura e Identidade Cultural, tomamos e reflectimos sobre a Identidade local. Ao longo dos últimos anos a "Identidade Local" tem sido objecto de estudo e de interesse de vários autores e tem vindo a adquirir cada vez mais importância nas estratégias de políticas de desenvolvimento regional, delineadas pela União Europeia.

Para Roca e Mourão parafraseando Unwin "(...) a diversidade está no centro da riqueza cultural da Europa, a qual constitui a nossa herança comum e a base da nossa unidade" (Roca e Mourão 2001:1).

No caso concreto do nosso País, tem-se refletido, discutido e afirmado, com o objectivo de aumentar a competitividade das regiões rurais "(...) no contexto da economia e cultura globalizadas, a identidade local precisa combinar qualidades como "vitalidade", "resistência", força, "autenticidade(...)" (Roca e Mourão 2001:1).

Os autores anteriormente citados apresentam a seguinte questão: "Porque razão diferem os lugares e as regiões, apesar dos efeitos homogenizadores dos mercados globalizados, dos estilos de vida padronizados?" E consideram que "(...) as características físicas, culturais e outras, específicas de determinados lugares e regiões são elementos constitutivos da sua "Identidade local" (Roca e Mourão 2001:2).

Numa sociedade global são cada vez mais "reais" as identidades afirmarem-se, mantendo a sua originalidade e distinguindo-se das restantes. (...) A Identidade local revela o espectro, forças e intensidade de integração económica e cultural dos lugares e regiões, no passado e no presente, no âmbito de redes e sistemas espaciais hierarquizados" (Roca e Mourão 2001:2).

Nos últimos tempos e de acordo com Zoran Roca e Jorge Mourão, o discurso sobre a necessidade de promover a identidade local tem sido no âmbito do desenvolvimento local, "a valorização da identidade cultural local e a protecção do ambiente deverão constituir instrumentos e veículos para a criação de novas actividades locais geradoras de emprego e com capacidade de simultaneamente reter e atrair população" (Roca e Mourão 1999:3). Assim no ponto que a seguir se apresenta, abordamos a problemática do desenvolvimento, centrando-nos em alguns autores que nos últimos anos têm estudado e partilhado a sua perspectiva, principalmente sobre o papel destes em comunidades rurais.

A identidade local é um dos instrumentos que pode contribuir para o processo de desenvolvimento, aproveitando as singularidades e especificidades de cada comunidade. Dai a necessidade de abordar, no ponto seguinte, a problemática do desenvolvimento local.

1.3 - A PROBLEMÁTICA DO DESENVOLVIMENTO

"Os indivíduos são a verdadeira riqueza de uma Nação e o objectivo principal criar um ambiente que ofereça às populações a possibilidade de uma vida longa, feliz, saudável."

Nações Unidas

Abordar a problemática do Desenvolvimento é algo complexo e inacabado, conceito que actualmente adquiriu novos rumos, ou seja novo olhar se entendermos que hoje o desenvolvimento não é uma questão aritmética ou contabilística e que "(...) hoje como nunca se incluem elementos tão diversos como o património artístico e arquitectónico herdado, as técnicas produtivas tradicionais (eventualmente recriadas pelas novas tecnologias), a autenticidade da paisagem agro-rural, a qualidade ambiental e das riquezas naturais, a originalidade das culturas locais, as solidariedades comunitárias remanescentes, a qualidade de vida de centros urbanos de pequena e média dimensão - e tantos outros aspectos outrora subvalorizados pelos técnicos desta área" (Sampaio 1997:17).

Ao longo dos anos as regiões do interior foram confrontadas com políticas de desenvolvimento concebidas e aplicadas por quem detinha o poder central. No entanto foi-se aos poucos caminhando para formas de actuar diferentes, de acordo com as aspirações destas populações e não descurando o envolvimento e a participação criativa dos vários actores locais.

Com o decorrer do tempo o próprio conceito de desenvolvimento foi adquirindo novos contornos e surgem novas oportunidades de interesse para o mundo rural "(...) resultam de imperativos de mudanças face às enormes discrepâncias que as políticas económicas e sociais têm manifestado quanto à implementação de estratégias susceptíveis de promover níveis de desenvolvimento económico, social e cultural com capacidade para articular os sectores tradicionais do espaço rural e os sectores modernos do espaço urbano-industrial" (Baltazar 1996:64).

Na perspectiva de Roque Amaro o conceito de desenvolvimento, bem como tudo o que lhe está subjacente terá as suas bases em planos e idéias -chaves que giram á volta de uma óptica extremamente industrializada e economicista do funcionamento da sociedade. Alimentada no início de que o crescimento económico, por via da industrialização de todo o processo produtivo, seria um factor gerador de equilíbrio nas relações que se estabelecem entre o indivíduo e a sociedade.

Canário tem uma visão um pouco diferente do Conceito de Desenvolvimento, considerando que uma visão mundialista deste conceito, não seria vantajosa, nem desejável porque iria agravar os problemas ambientais, já existentes no nosso planeta. Para Canário "Não é desejável porque tal significaria o agravamento drástico dos problemas ambientais. Não é possível porque os recursos naturais são finitos e o desenvolvimento na sua versão economicista tende a agravar todas as desigualdades, inclusive no seio das Nações ricas, altamente industrializadas através da emergência de "um quarto mundo", associado a fenómenos de dualização e exclusão social" (Canário 1997:33).

Se remontarmos a Aristóteles, este considerava que as acções desencadeadas para dar aos indivíduos uma vida próspera e estes estabelecem a diferença entre um bom e um mau sistema político. Para Reigado e parafraseando Kant: "age de tal maneira que trates a humanidade tão bem na tua pessoa como nos outros, sempre como um fim e não como um meio" (Reigado 1999:283).

As afirmações anteriormente citadas servem para definir e realçar a própria concepção de desenvolvimento, que tem como objectivo final o próprio indivíduo e "simultaneamente o seu bem estar económico, social, cultural, o aumento do acesso aos bens e serviços, o reforço da sua liberdade de escolha, a vivência democrática, as possibilidades crescentes de participar na tomada de decisões relativas ao traçar os seus próprios destinos e do sistema onde se insere" (Reigado 1999 :283).

Nesta perspectiva de desenvolvimento o rendimento e a riqueza material surgem tal como outros elementos, que de alguma forma dão o seu contributo para

o desenvolvimento social e humano. "Não são um fim mas um meio para que o indivíduo possa atingir uma vida longa e feliz" (Reigado 1999/2000:284).

Abordar o conceito de Desenvolvimento implica referir o próprio conceito de Desenvolvimento Regional. Bento Rosado considera que ao abordarmos o conceito anteriormente citado, este deve ser entendido, como um pequeno ramo, da árvore, onde o grande tronco é composto pelo conceito de Desenvolvimento. Rosado considera que "a espacialização do desenvolvimento é também o corolário da falência do conceito, suportado por uma visão centralizada e globalizante da gestão do território nacional e informado por indicadores macro-económicos, os quais, normalmente, funcionam como autênticos "ditadores" nas estratégias definidas para utilização do território" (Rosado 1997:13).

Como marco histórico temos a revolução industrial, que terá contribuído, para os desequilíbrios relativamente ao espaço. Devido à revolução industrial tivemos uma economia acelerada e aglomerada, dando asas ao surgimento de "grandes concentrações urbano-industriais e à "deslocalização de alguns recursos, nomeadamente: matérias-primas e mão-de-obra"(Rosado 1997:13). Para Rosado o conceito de Desenvolvimento, não terá sido uma construção académica ou teórica, terá sido uma consequência de uma prática política, aplicada durante várias décadas. Política essa que deixou sempre à deriva as características e potencialidades "do território".

Ao longo destas décadas criaram-se assimetrias devido a uma crescente globalização da economia. Rosado considera que o ordenamento do território e o ambiente, terão sido os elementos de maior relevo na evolução recente do desenvolvimento Regional. Para Rosado "o desenvolvimento regional tem, igualmente, que ser entendido como uma forma de gerir, mais eficazmente, os factores do desenvolvimento, tanto na óptica da optimização dos recursos como na garantia de uma maior participação dos diferentes actores" (Rosado 1997:15).

Seguindo a linha de pensamento de Rosado, a política de desenvolvimento aplicada na Europa e especialmente na União Europeia, terá sido no sentido de

atenuar assimetrias regionais.

Cabe-nos agora centrarmo-nos no mundo rural e no desenvolvimento local. Reigado refere-se ao mundo rural, como um "mundo" que padecceu de algum desprezo durante décadas e como consequência sofreu um atraso em termos de progresso económico e social. A distância relativamente aos grandes centros de decisão, assim como, aos grandes centros de consumidores e aos equipamentos de saúde, da educação e de cultura, foram simultaneamente causa/efeito, da enorme barreira a nível de distâncias do mundo rural, relativamente aos grandes centros.

O meio rural é composto por uma fraca taxa de densidade populacional, a nível de emprego aparecem as actividades ligadas à agricultura, no topo, sendo os equipamentos e os serviços públicos inexistentes ou escassos, apresentando laços de solidariedade bastante fortes. Contrariamente o meio urbano é composto por fortes concentrações de equipamentos públicos, um grande número de actividades industriais e uma forte concentração de equipamentos públicos (Reigado 1999/2000).

O desenvolvimento local é uma escola extraordinária e interessantíssima, todavia repleta de hesitações e grandes obstáculos, à participação e à cidadania. (Roque Amaro). Para este autor o desenvolvimento local é um processo integrado e integrador.

Actualmente o trabalho em parceria desempenha um papel fundamental, no desenvolvimento local, sendo cada vez mais necessário aprender a trabalhar com o parceiro, qualquer que ele seja. A troca de experiência é sempre necessária e enriquecedora. "A Parceria é uma visão completamente diferente, estamos a iniciar este processo em vários pontos, não apenas no desenvolvimento local" (Roque Amaro 1999: 120).

Roque Amaro considera necessário o trabalho em parceria, constituindo este um dos desafios mais interessantes no desenvolvimento local, "implica abater os autênticos "muros de Berlim" nos quais as instituições criaram as suas divisórias. E implica, uma vez mais, olhar para o lado mais do que olhar para cima" (Roque

Amaro 1999: 120).

Podemos assim verificar que os problemas com que se debate o mundo rural são dos mais variados e de difícil resolução. O que não quer dizer que se fique estático sem qualquer tipo de acção, "(...) isso reclama uma compreensão de cada situação e a procura paciente das soluções que mais se ajustam a cada caso" (Oliveira 1997:93).

Oliveira considera que a inventariação metódica dos recursos deverá ser o primeiro passo de qualquer programa de acção. Residindo a maior parte das dificuldades na mobilização de recursos endógenos, estando ligada estas dificuldades à necessidade de formação dos agentes, na sua capacidade de iniciativa e sentido de risco e na frequente necessidade de cooperação entre agentes que se responsabilizem por iniciativas que em grande parte pretendem complementaridade entre si, para garantirem sucesso.

Há todavia um conjunto de produtos locais que têm várias características consideradas de interesse e que poderão vir a ser atractivas nos grandes mercados, características muito especiais e por isso, com alguma rentabilidade.

Uma das grandes dificuldades resulta da falta de visão dos habitantes locais face às potencialidades que a sua terra encerra. Centrando-se outra dificuldade "(...) na necessidade de conciliação de uma perspectiva de longo-prazo com a de curto prazo que correntemente, determina muitas das decisões que as pessoas tomam (...)" (Oliveira 1997:94).

Para Oliveira o processo de desenvolvimento deverá centrar-se em três pontos considerados fundamentais: infra-estruturas, outra de conhecimentos e outra institucional, pois na "ausência" de estradas, energia, água, etc não poderá actualmente haver desenvolvimento consolidado. "(...) sem gente preparada, com capacidade de empreender, sentido de risco e iniciativa, conhecimentos alargados e confiança na sua própria capacidade de avaliação das situações, não haverá "actores" à altura dos desafios que se põem (...)" (Oliveira 1997:95). É ainda necessário não existirem constrangimentos físicos e ter agentes com forte

dinamismo e competências e instituições com capacidade de orientação.

Convém salientar que quando procuramos os recursos com base no local torna-se necessário "equacionar" os emigrantes (internos e externos) e as suas associações. "(...) aqueles e estas devem ser mobilizados para fins muito práticos, associando-os ao desenvolvimento local, naquilo que eles podem dar: conhecimentos, ligações de mercados ampliados, comprometimento com o progresso da sua terra(...)" (Oliveira 1997:96).

Todo o processo de desenvolvimento é complexo, quando abordamos esta temática em meios rurais, esta se intensifica, pois há aspectos que terão mais fácil resolução e de concretização mais rápida e têm de ser interligados com aqueles que possivelmente serão de mais difícil resolução.

Oliveira acrescenta "têm de se fazer estradas para tornar viáveis muitas novas actividades e para fazer chegar localmente o apoio a novos serviços, mas é também preciso desencadear toda uma série de acções que vão afeiçoando novas capacidades, novos comportamentos e novas atitudes"(Oliveira 1997:97).

Um outro aspecto das áreas ou zonas de interior tem a ver com o aspecto demográfico, onde a emigração e a baixa taxa de natalidade vieram traçar um quadro de quase estagnação demográfica, tornando-se claro o envelhecimento crescente da população residente.

Guerreiro e parafraseando Severim de Faria afirma que "(...) sem pessoas, sem massa crítica ou, por outras palavras, sem capacidade criativa e sustentadamente interventiva, não era possível desenvolver actividades e dinamizar territórios" (Guerreiro 1997:132).

Várias têm sido as contribuições e as instituições que contribuiram, nestes últimos vinte anos para atenuar esta tendência negativa. "A instalação de universidades e de institutos politécnicos nas diversas capitais de distrito e nas principais cidades de interior, a par das infra-estruturas municipais, terão sido os elementos com maior significado que terão gerado dinamismos locais e suscitado, com isso, algum equilíbrio nesses territórios" (Guerreiro 1997:133).

Para Guerreiro as iniciativas no âmbito da política de investimento regional, dos Quadros Comunitários e que fazem parte dos vários eixos estratégicos, naqueles que foram orientados para tornar mais forte a economia regional, tem sido realizada pelos municípios. "(...) a vocação das autarquias locais está natural e maioritariamente orientada para a criação e/ou melhoria das condições sociais de vida e de habitabilidade nos respectivos concelhos, resolvendo a oferta básica de bens e serviços às populações residentes (ou, como acontece nos concelhos turísticos, satisfazendo igualmente as necessidades da população visitante)" (Guerreiro 1997:133).

Os vários programas regionais do Quadro Comunitário em vigor e de anteriores, concedem privilegio às autarquias locais como entidades beneficiárias. Guerreiro acrescenta que "os executivos municipais têm, aliás, gerido equilibradamente as suas receitas e assegurado, num quadro de adequada programação, as contrapartidas financeiras nacionais que aquelas intervenções exigem" (Guerreiro 1997:133). Exemplo do que foi dito anteriormente são os programas Interreg e Lacer.

Ao longo de décadas e em grande parte dos países criaram-se "dinâmicas activas" quer a nível social, económico e cultural. "As zonas fronteiriças acabam também elas por aparecer com especificidades que são o resultado de" dinâmicas passivas "igualmente de carácter económico, social e cultural" (Rosado 1997:157).

Para o mesmo autor estas zonas apresentam especificidades peculiares entre as quais merecem especial relevo, as seguintes:

- Espaço pouco povoado;
- Implantação lenta de infraestruturas básicas;
- Ausência de infraestruturas de nível superior;
- Acessibilidades difíceis e sem continuidade;
- Actividade principal a agricultura;
- Localização muito específica de actividades económicas não agrícolas;

- Movimentos comerciais clandestinos;
- Economia de fronteira em zonas específicas;

Para além destas características acresciam, as seguintes:

- Uma forte pressão do controle policial;
- Uma ausência de incentivos a localização industrial;
- Interiorização da idéia de fronteira como obstáculo à cooperação.

Para Irene Veloso "a idéia de desenvolvimento é cada vez mais a capacidade que a sociedade tem, em determinado momento da sua história, de fazer face com os seus próprios recursos humanos à sua própria evolução histórica. É esse desafio que urge vencer, fazendo do desenvolvimento o grande factor de mobilização de todas as forças sociais, culturais e políticas, muito para além do crescimento meramente linear, traduzível por indicadores económicos (Veloso 1997:147)".

É claro que houve melhorias em relação ao passado a vários níveis, saúde, rede viária e principalmente na actuação do poder local. Irene Veloso diz-nos que "é necessário uma política de desenvolvimento regional, mais preocupada num desenvolvimento equilibrado do País e não numa política que privilegie a absorção de fundos comunitários em termos financeiros" (Veloso 1997 :218).

Ao abordarmos a temática do desenvolvimento e centrarmo-nos em regiões de interior fronteiro, surgem-nos novos problemas, "as regiões de fronteira com Espanha colocam hoje especiais dificuldades face ao maior nível de desenvolvimento espanhol, bem traduzido a nível de salários.

Após ter apresentado o enquadramento Teórico-conceptual da pesquisa, momento de ajuda e reflexão sobre a criação da Nação, passando pelos conceitos de Identidade, cultura e Desenvolvimento.

No capítulo seguinte apresentam-se os instrumentos metodológicos utilizados, que permitiram a execução da Dissertação.

2 - METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

A presente investigação assume um cariz qualitativo, e tendo em consideração os objectivos propostos, procedi à utilização de um conjunto de técnicas usuais na área das Ciências Sociais em geral, e da Sociologia em particular.

Porque toda a investigação tem por base uma teoria, tomei como suporte da minha investigação vários autores, os quais permitiram a identificação de vários conceitos, nomeadamente, cultura, identidade cultural e tradição. Assim, a pesquisa foi baseada em Jorge Dias, Diogo Moreira e Francisco Ramos, uma vez que estes autores têm obras de grande interesse na Antropologia Cultural e na problemática do "contacto cultural". Diogo Moreira considera que "(...) compreender o mundo de diferentes maneiras é, aliás, um papel essencial da pesquisa social e a capacidade de ver tais diferenças e tornar inteligíveis os diversos pontos de vista é uma contribuição fundamental que a teoria pode dar ao processo de pesquisa" (Moreira 1994:19).

Relativamente às técnicas não documentais, procedi à observação participante, do objecto de estudo, pois o investigador faz parte da comunidade em estudo. Quanto à observação participante será importante, antes de mais, quais as críticas que Cohen e Manion (1989) lhe apontam: "os testemunhos que emergem tipicamente da observação - participante são muitas vezes considerados subjectivos, parciais, impressionistas, idiossincráticos, e carecem de medidas quantificáveis precisas que são características da pesquisa e da experimentação" (Bell 1997:142). Porquê? Porque a observação participante implica um grau de envolvimento real do observador na situação observada, isto é, o observador é também um actor social da situação em estudo. Para Peter Mann (1973) a observação- participante caracteriza-se por "uma situação onde o observador fica tão próximo quanto um membro do grupo que ele está a estudar e participa das actividades normais deste". Por sua vez, Jonh Madage (1965) diz: "quando o coração do observador é levado a bater como o de cada membro do grupo sob

observação, em vez de como o de um imparcial emissário de um a laboratório distante, então ele mereceu o título de observador participante" (Ilhéu 1997:2). Talvez aí haja o perigo ou o risco de se entrar no campo da imparcialidade ou do subjetivismo.

Os observadores participantes estão bem cientes dos riscos de serem parciais. Ser-lhes-à difícil manter as suas opiniões e adoptar um papel de observador objectivo se conhecerem todos os membros do grupo ou organização.

Tendo por objectivo aprofundar os conhecimentos sobre estas duas localidades Barrancos/Encinasola, selecionei informantes privilegiados, com a pretensão de estabelecer um relacionamento mais intenso e regular, que permitem ao investigador aprofundar a temática. A escolha dos informantes privilegiados deve-se ao facto, de estes desempenharem um papel de "relevo", face á problemática.

Recorreu-se às entrevistas semi-estruturadas com o intuito de procurar sempre mais informação, "(...) colocando sempre ao entrevistador a possibilidade de adaptar este instrumento de pesquisa ao nível de compreensão e receptividade do entrevistado. O último termo desta tipologia é constituído pelas entrevistas não-estruturadas" (Moreira 1994:133). Coloquei uma lista de tópicos que se pretendia abordar com os entrevistados ou respondentes, colocando as questões na ordem que o investigador considerou mais preponderante. "A insuficiência da observação participante deve ser complementada com a utilização de uma outra técnica: a entrevista (formal ou informal). Este instrumento é o veículo privilegiado de contacto com os informantes. Sem prejuízo, logicamente, de conversas ocasionais, espontâneas e inesperadas. E sem descurar outros meios de recolha de informação: a pesquisa documental e bibliográfica, e o inquérito por questionário" (Ramos 2002:58). Segundo a perspectiva de Bell "as entrevistas não-estruturadas centradas à volta de um só aspecto e conduzidas por um entrevistador habilidoso podem fornecer dados valiosos. O controle destas entrevistas requer contudo, muita experiência e a sua análise exige muito tempo. Uma conversa sobre um

determinado tópico pode ser interessante, podendo fazer-nos compreender melhor um problema, mas é preciso lembrar que uma entrevista é mais do que uma entrevista interessante. O entrevistador precisa saber uma informação específica e se possível é preciso estipular os métodos para obtê-la" (Bell 1997:121).

A história de vida foi um dos caminhos a seguir e ilustra um dos capítulos da Dissertação. Partilhando da opinião de Ramos "as autobiografias preencheram, através dos tempos, o imaginário de um número crescente de leitores, entusiasmados com o exotismo e a singularidade das descrições literárias, elaboradas por escritores de nomeada, até aos textos mais ou menos discretos de outros autores (camponeses, padres de aldeia, professores primários, operários, senhores de terra, auto-didactas)", (Ramos 2001:58).

Na perspectiva de Ramos, "a história de vida não é, em si, um método de investigação. Trata-se de um produto resultante da aplicação de uma determinada metodologia que se baseia, essencialmente, na utilização da entrevista repetida." Todavia, partilhando a opinião de Ramos "A história de vida não é uma técnica, (as técnicas são os instrumentos colocados à disposição do método para se atingir um fim). A história de vida será um produto e um meio de produção" (Ramos 2001:68).

Partilhando da perspectiva de Francisco Ramos, "é importante salientar as questões conceptuais e técnicas das histórias de vida "interessa não descurar questões que se colocam ao nível conceptual e metodológico quando pensamos utilizar a etnobiografia como instrumento e caminho preferencial das nossas investigações" (Ramos 2001:65). O mesmo autor considera que o investigador social deverá tomar opções metodológicas que têm a ver com as temáticas em estudo, os objectivos da investigação, com a profundidade das análises e com os meios e recursos disponíveis; tais escolhas não são problemas teóricos, mas sim opções pragmáticas.

MAPA 1

Caracterização da zona transfronteiriça



Fonte: www.Multimap.com

3 - A CONTEXTUALIZAÇÃO

AS ZONAS FRONTEIRIÇAS

De Norte a Sul, quer de Portugal quer de Espanha, as zonas de fronteira, principalmente as de interior e as fronteiras terrestres, apresentam características peculiares, onde o declínio demográfico e o económico são um reflexo.

Estas zonas sofrem despovoamento, devido a vários factores, nomeadamente à dificuldade de acessos e de meios de comunicação relativamente aos centros urbanos mais próximos.

A emigração faz-se sentir principalmente nos anos 60. A procura de melhores condições de vida fez partir muita gente para zonas atractivas, como o litoral Português e para outros países da Europa, como França, Alemanha.... contribuindo para a fraca densidade populacional da zona de fronteira.

Dados publicados pela Direcção -Geral do Desenvolvimento Regional indicam de maneira geral que, os problemas destas zonas são comuns e destacam-se os seguintes:

- Declínio Demográfico
- Declínio/fraco desenvolvimento económico
- Debilidade do tecido empresarial sobretudo nas zonas de fronteira do interior e cujas potencialidades é preciso apoiar.

Apesar dos problemas anteriormente citados, estas zonas apresentam-se com um conjunto de grandes potencialidades de desenvolvimento, baseadas na riqueza e diversidade do seu património natural, paisagístico, histórico e cultural e poderão ter (ou têm) um forte suporte de veiculação face ao desenvolvimento do sector turístico, quer na área do turismo rural, quer na área cultural.

Apesar de haver vários Programas Comunitários, que defendem a Cooperação entre estas zonas (de facto esta cooperação sempre terá existido e para isso basta um simples olhar para os Registos Paroquiais, como é o caso de

Barrancos e de Encinasola), assim como influências nos costumes, no cantar, no "Tagarelar" de outra língua muito própria, em Portugal não entendem porque são considerados espanhóis, em Espanha também não porque são considerados Portugueses. Aquilo que chegou até nós terá sido muito mais, terão sido "eixos" que ligam e sempre ligaram duas localidades, a linha terá sido apenas uma "Imaginação Política" que o próprio homem construiu, isto frente a um passado de incomunicações proibidas que só o Homem/raiano soube ultrapassar e transformar. A entrada em vigor do Mercado único veio transformar e acelerar este processo, favorecendo o desenvolvimento de todo o tipo de relacionamento, nomeadamente económico, social e cultural entre ambos os países e especialmente entre regiões "raianas", que neste caso concreto tem sido o cenário de duas localidades Barrancos (Baixo-Alentejo) e Encinasola (Andaluzia - Espanhola).

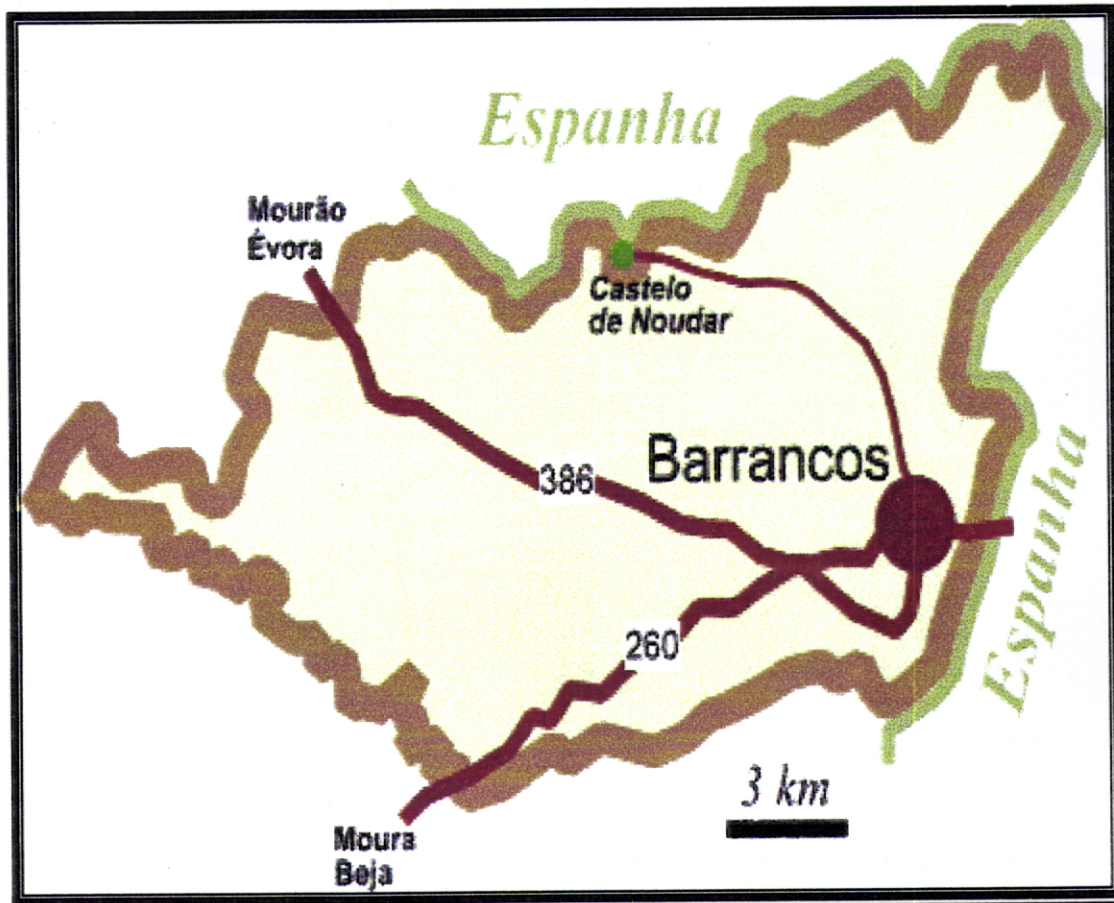
Miguel Rego considera que "(...) a noção escolástica de fronteira aparece quase sempre associada a um espaço desértico e não habitado. De conflitos e guerrilhas entre os habitantes de um outro lado do moroiço ou do marco divisório de um espaço dito distinto. Espécie de nada. O mesmo autor considera o espaço de fronteira definido pelo território de duas povoações vizinhas, Barrancos e Encinasola, parecem querer determinar que algo seja distinto" (Rego 1996:65).

Seguindo a linha de pensamento de Rego, Barrancos e Encinasola, nos limites da Serra Morena, partilham um silêncio de séculos a que é necessário dar voz. Onde começa uma terra de nada, aos de Barrancos chamam-lhes Espanhóis e aos de Encinasola "Marochos".

Perante o que foi dito anteriormente, estas duas localidades poderão ter um papel muito importante, a nível do desenvolvimento local (Turístico por exemplo) e que poderá ser valorizado em favor das gentes destes povos, muitas vezes só lembradas e mediatizados no mês de Agosto. Segundo a perspectiva de Capucha "este constitui um fenómeno de identidade cultural de base local, participando num sistema cultural compreensivo como é a cultura tauromáquica, pode fornecer a linguagem para uma leitura abrangente dos fenómenos do mundo moderno e da

respectiva dinâmica” (Capucha 2002:10). Ainda seguindo a perspectiva do mesmo autor o facto de Barrancos ter sido mediatizado, devido à problemática dos touros de morte terá contribuído para levar a discussão várias questões de índole importante no nosso país, tais como a lei e as fontes de direito, a relação entre o campo e a cidade, os animais e as relações das pessoas com eles, a cultura erudita e a denominação das culturas populares, a organização do estado e a relação dos portugueses com ele, os mecanismos da política e da comunicação social, a idiossincrasia dos portugueses entre muitos outros pontos.

MAPA 2
MAPA REPRESENTATIVO DO MUNICÍPIO DE BARRANCOS



FONTE: Câmara Municipal de Barrancos

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE BARRANCOS

"Barrancos es pueblo de Portugal situado en la frontera, a nueve Kilómetros de Encinasola, repoblado en varias ocasiones con hombres y mujeres marochos. Fruto de estas repoblaciones humanas, tiene un dialecto propio y conserva un folclore musical que sigue cantando en castellano".

(Tomás López López 2002)

Na imensidão da planície Alentejana, nos campos preenchidos de girassóis, searas... num longo e enorme percurso, para quem vem do Porto, Lisboa, Valença do Minho, Faro ou qualquer outro lugar do País, um percurso que parece nunca mais ter fim, encontramos um conjunto de curvas e contra curvas. Ao longe o "olhar desperta" e aparece um aglomerado, um conjunto de casinhas brancas situadas no alto de um belo monte, contracenando com toda a planície que preenche o relevo Alentejano. Casas na grande maioria todas com "um postigo" e janelas abertas que parecem sorrir e acolher todo o forasteiro, segundo palavras de um dos meus informantes "a primeira surpresa quando cheguei a Barrancos foi logo nas Cumbres¹ em que se espera que isto seja tudo plano como o resto do Alentejo e olha-se e encontramos um monte, depois de fazer cento e tal quilómetros de planície, chegar aqui e deparar com aquilo, terá sido a primeira impressão".

"Depois de uma estrada que parece não ter fim, a vila, profusamente branca e de casas térreas, aparece quase como um encantamento quando chegamos às Cumbres. A quatro quilómetros, quando olhamos a nascente. Para trás ficaram Santo Aleixo da Restauração, para quem vem pela estrada Nacional 258, ou a Amareleja, utilizando a antiga Nacional 386" (Rego 2002:64).

Segundo a perspectiva de Capucha "Barrancos é uma pequena povoação com cerca de 2000 habitantes, situada numa região de "ruralidade profunda", poisada na crista de um monte numa ponta de Alentejo cercada de Andaluzia" (Capucha 2002:1).

A vila de Barrancos encontra-se cercada por um manto verde, composto de estevas, que quando a época o permite torna-se "salpicado" pelo seu branco manto em flor.

Barrancos situa -se na Margem Esquerda do Guadiana e faz parte da Região Alentejo, mais concretamente do Baixo Alentejo. O Concelho faz parte, juntamente com os restantes Concelhos (Mértola, Serpa, Mourão e Moura), de uma zona que passou e "passa" por entraves económicos e em que "o envelhecimento demográfico" constitui uma realidade.

O espaço que se estende a ambos os lados da fronteira entre Portugal e Espanha, têm sido historicamente e talvez seja cada vez mais, um território que mostra numerosos aspectos em comum, quer em hábitos, quer em adaptações ecológicas, quer mesmo em aspectos linguísticos. "Rasgado por três importantes linhas de água, o Ardila, Múrtega e o Múrtigão, o Concelho de Barrancos é a imagem da diferença que marca esta Margem Esquerda do Guadiana. Na multiplicidade de zonas de água e na diversidade de paisagens pregueadas nesta região dita seca e plana. Nichos de uma fauna rara e diversificada. Que se observa sem grande dificuldade. Como a lontra, o guarda -rios, o saca-rabo, a cegonha-preta, o texugo, o bufo" (Rego 2002:65).

O concelho é hoje sede de município rural de 3ª ordem, com uma única freguesia do mesmo nome e um território de 169 Km², fica situada na raia, na zona da Margem Esquerda do Guadiana; desenha no mapa uma reentrância no território espanhol que lhe dá aspecto de um bico saliente na fronteira Alentejana, sendo envolvido pelos municípios de Oliva de La Frontera (província de Badajoz), Encinasola e Aroche (província de Huelva) a nascente.

As povoações mais próximas são "Encinasola a 9 Km, Santo Aleixo da Restauração (Moura), a 21 Km para Sudoeste e Amareleja (Moura) a 26 Km para Noroeste. Moura a 50 Km, é a cidade e sede de Município mais próxima, do lado Português. Beja (capital de distrito) fica situada a 104 Km e Évora a 110 Km. Lisboa dista de Barrancos 250 Km, aproximadamente" (Saramago 2000: 54).

¹ Cumbres – Lugar que dista de Barrancos a 4Km.

- Aroche - 30 Km
- Fregenal- 32 Km
- E Sevilha - 180 (aproximadamente)

“Encinasola é claramente a povoação mais próxima da vila Alentejana, pelo que já antes da abertura da fronteira (1993), era comum o contacto entre as duas localidades raianas. Estabelecia-se, maioritariamente, devido ao contrabando praticado na generalidade a um nível familiar, como complemento de fracos recursos económicos” (Franco 2000:22), aspecto que irei aprofundar num dos capítulos posteriores.

“A norte, fazendo fronteira com a Espanha, o Ardila corre sinuoso. Entre vales encaixados que aqui e ali se abrem a largas vargens de areais e remata com naturalidade uma paisagem de montado, de vez em quando de olival, do lado de Barrancos, contrastando com o nu das terras do lado de lá. Terras limítrofes da Andaluzia já entradas na extremadura” (Rego 2002:66).

O Concelho possui apenas um aglomerado urbano, apresentando um índice de interioridade bastante elevada, um nível de acessibilidade fraco e algumas carências, principalmente no que diz respeito à saúde.

Todo o concelho tem terrenos de fraca aptidão agrícola, devido não só às condições do solo como á segura do seu clima.

O trabalho agrícola nas grandes propriedades permitiu o sustento até aos anos 50/60. Era praticada uma agricultura de uso intensivo da mão-de-obra e de utilização dos solos muito pouco apropriadas a uma exploração em moldes modernos. Factores como a falta de capacidade concorrencial das formas de exploração anteriormente referidas aliada à criação de oportunidades da melhoria de vida noutros ramos, como a indústria e outros locais (emigração), provocou o êxodo rural (Domingues 1995:38).

Com uma economia, fundamentalmente agro-pastoril, a criação de gado ocupa quase a totalidade da região, aproveitando as azinheiras como componente económica, quer para a alimentação de gado, quer também para a produção de

carvão.

O Concelho é eminentemente rural, perdeu cerca de 40% da sua população entre 1960 e 1981. Os seus terrenos são ocupados com sistemas semi-naturais, como montados de azinho, áreas de matos e matagais, com olival e algumas culturas temporárias.

Actualmente a população empregadora da agricultura é insuficiente para sustentar uma população estabilizada ou minimamente crescente. A pecuária é o sector que maior contributo dá para a produção local, particularmente de bovinos, caprinos e suínos.

Em Barrancos existem duas fábricas de transformação de carne "a Barrancarnes" e a "Boleta", que albergam alguns postos de trabalho, sendo a Barrancarnes a que possui maior número de trabalhadores. Esta fábrica assegura o trabalho de dezasseis indivíduos do sexo feminino e doze do sexo masculino, variando o número de trabalhadores no período em que decorrem as matanças, que o seu número aumenta, sendo também um tipo de trabalho sazonal.

A "Boleta" é uma fábrica de menores dimensões relativamente à "Barrancarnes", esta tem apenas cinco trabalhadores efectivos, sendo quatro do sexo feminino e apenas um do sexo masculino. Segundo palavras do Sociólogo Saramago, os seus grandes impulsionadores terão sido, a Câmara Municipal de Barrancos, a Comissão de Coordenação da Região Alentejo e a Universidade de Évora, tendo dado origem a actual D.O.P (Denominação de Origem Protegida). "A valorização do património de produtos regionais, aliás já concretizado em várias regiões demarcadas, teve consagração comunitária traduzida na protecção das indicações geográficas e nas denominações de origem, na atribuição de certificados de especificidade e na regulamentação do modo de produção biológica dos produtos agrícolas e dos géneros alimentícios de acordo com o Regulamento (CEE) nº 2081/92, do Conselho" (Saramago 2000:78).

Segundo Saramago e parafraseando um folheto publicitário da primeira empresa, a Barrancarnes começou por uma questão de sabores e veio a juntar num

mesmo "casamento" empresarial um talhante, um industrial, um veterinário, um jovem gestor e dois filhos da região" (Saramago 2000:91).

No quadro que a seguir se apresenta encontra-se caracterizada a população, segundo os resultados definitivos, dos Censos realizados em 2001.

Quadro nº1
Distribuição da População de Barrancos

Indicador	Período	
	1991	2001
População Presente HM	2052	1924
População Presente H	998	942
População Presente M	1054	982

Fonte: Censos 2001/INE

Como se pode observar, entre 1991 e 2001 verificou-se uma diminuição da população residente. "Contudo, este valor não é desanimador, se tivermos em conta que o total da População de Barrancos era, em 1997, de 1830 indivíduos, pelo que, entre este ano e o de 2001, se verificou um ligeiro aumento demográfico. Desde 1991 até hoje, a percentagem da população residente segundo o sexo, tem-se mantido quase inalterável, sendo que os homens apresentam valores muito próximos, mas sempre ligeiramente inferiores aos 50%" (Espírito Santo 2001:27).

À semelhança de outros Municípios do Alentejo que apresentam um cenário de desertificação demográfica, o Município de Barrancos também não escapa a esta realidade. Segundo os Censos realizados em 2001, pelo INE, o Concelho de Barrancos apresentava em 1991 um índice de envelhecimento de 127,67, acentuando-se esta tendência em 2001, onde o índice de envelhecimento é já de

É importante referenciar que, apesar da diminuição da população, existe uma tendência bastante acentuada dos jovens se fixarem em Barrancos, apesar das dificuldades existentes face à falta de emprego na vila. Talvez tenha a ver este facto com a cultura que está enraizada no indivíduo, tornando-se um pouco resistente ao ter de sair para fora do Concelho e encontrar trabalho noutros destinos, o que poderá ser uma mais valia se este recurso "Os jovens" explorarem bem as suas competências e as potencialidades do Município. São eles que poderão mudar um pouco do cenário Alentejano, a nível demográfico.

Barrancos, tal como Encinasola enfrenta hoje uma nova realidade, as pessoas que emigraram, hoje estão de volta às suas origens, contribuindo assim, para acentuar o envelhecimento da população.

A taxa de escolarização tem vindo a aumentar nestes últimos anos progressivamente, desde 1991 apresentava uma taxa de analfabetismo de 23,5%, tendo passado para 16,3% em 2001 (Censos 2001, INE).

O único estabelecimento de ensino do Município é a Escola E.B.I/JI, que no ano lectivo de 2002/2003, tinha um total de 188 alunos, encontrando-se distribuídos da seguinte forma: 45 alunos a frequentar o Pré -escolar, 50 o 1º Ciclo, 38 o 2º Ciclo e 65 o 3º Ciclo. Segundo os dados cedidos por esta Escola, não existe abandono escolar, apresentando uma Taxa de Sucesso de 94%, no ano 2002, e uma Taxa de Insucesso de 6%, tendo-se registado um ligeiro aumento ao nível do Sucesso Escolar, uma vez que no anterior a Taxa de Sucesso era de 93%.

Nos últimos anos houve uma grande dinâmica estudantil no Concelho, à semelhança de outras localidades de interior do nosso país, como podemos verificar no quadro que a seguir apresentamos:

QUADRO Nº 2

POPULAÇÃO COM ENSINO SUPERIOR COMPLETO EM 1991 E 2001

CONCELHO	POPULAÇÃO COM ENSINO SUPERIOR COMPLETO EM 1991	POPULAÇÃO COM ENSINO SUPERIOR COMPLETO EM 2001
BARRANCOS	10	49

FONTE: CENSOS 2001/INE

A justificar este facto estão os estabelecimentos de Ensino Superior que abriram nesta última década no Distrito de Beja. Estes terão sido um pólo de atracção para os jovens e para os recursos económicos da família, podendo vir a contribuir para a dinamização social e económica dos territórios.

No quadro nº3 podemos observar o número de desempregados do Município inscritos, no Centro de Emprego de Moura (Instituto do Emprego e Formação Profissional), no mês de Março de 2003, segundo o sexo e a idade.

QUADRO Nº 3

NÚMERO DE DESEMPREGADOS DO MUNICÍPIO DE BARRANCOS

DESEMPREGADOS INCRITOS NO MÊS DE MARÇO DE 2003					
	« 25 A	25 - 34 A	35 - 54 A	55+	TOTAL
H	12	8	9	8	37
M	5	19	29	17	70
Total	17	27	38	25	107

FONTE: Centro de Emprego de Moura

A Câmara Municipal de Barrancos é a maior entidade empregadora do

Município, dando emprego a grande parte da população da Vila de Barranco. Esta entidade tem cerca de 100 trabalhadores efectivos. Segundo o Balanço Social da Câmara Municipal de Barrancos os seus funcionários encontravam-se distribuídos pelos grupos de pessoal Dirigentes (2), Técnicos Superiores(3), Chefes de Secção(3), Técnico Profissional de 2ª Classe (Biblioteca (1)), Técnico de Informática (1), Administrativos(8), Operário/Auxiliar (82). "Apesar da Câmara Municipal de Barrancos não possuir poderes para estabelecer políticas de emprego, tem sido cada vez mais considerada pelo governo como parceira e envolvida naturalmente no desenvolvimento e aplicação de medidas activas relativas ao mercado de trabalho. Estão neste caso os programas de actividade ocupacional e a formação profissional" (Saramago 2000:57).

Para Espírito Santo e parafraseando Luis Capucha "A Câmara Municipal é a principal entidade empregadora, tal como opina Luís Capucha"traduz claramente uma mudança social mais global, dado que a autarquia assume hoje em parte o papel do antigo latifundiário". De facto a Câmara é, hoje em dia, além do mais importante órgão em termos administrativos e de gestão da vila, a principal empregadora, "o centro da economia - ao ponto de assumir empresas que encerram" (Espírito Santo2001:30).

Com as últimas alterações ao nível da Educação e Formação de Adultos, a Câmara Municipal de Barrancos e Associações do Município, junto de Associações de Desenvolvimento, onde se encontra a funcionar um Centro de Validação e de Certificação de Competências têm dado oportunidade para elevar o nível de instrução dos habitantes da Vila. Já que " a educação de adultos constitui uma agenda para o futuro e um factor de evolução das sociedades modernas - via de uma "Sociedade do Conhecimento" (ANEFA 2000:10).

Para além da Autarquia e das fábricas de transformação de carnes, a hotelaria é terceira maior força empregadora.

UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DE BARRANCOS

Ao escolher esta localidade para objecto de estudo, não podemos deixar de referenciar um pouco da sua história, para melhor contextualizar o nosso estudo. Terá sido Noudar o berço de Barrancos.

"(...) Construído nos inícios do século XIV, pela ordem de Aviz, Noudar foi o primeiro Couto de Homiziados criado no país, em 1308. Abandonada em finais do século XIX, a vila chegou a albergar cerca de 200 pessoas numa área pouco mais de 11 mil metros quadrados. Mas, antes, uma ocupação humana contínua desde pelo menos 3000 anos antes de Cristo, fazem de Noudar, do ponto de vista científico, um dos mais interessantes sítios da região. Aí se encontram vestígios arqueológicos desde o Calcolítico. Por aqui passaram romanos e árabes.

O nome de Noudar significa olhar. Derivará da sua função de atalaia junto à antiga via que ligava Beja e Moura a Jerez de los Caballeros.

Antiga sede do Concelho, até ao século XVIII; Monumento Nacional desde 1910, é o ex -libris do Concelho é actualmente propriedade da Câmara Municipal de Barrancos" (Rego 2002: 67).

Noudar consistia numa outra vila (de proporções muito superiores a Barrancos), situada a cerca de 12 Km de Barrancos, também junto à raia. Terá desempenhado " o seu papel de primeira linha e guarda avançada na fronteira e protecção de uma retaguarda onde assentam as praças de Mourão, Moura e Serpa, mais importantes" (Coelho 1999:31).

"Durante vários séculos, Noudar foi intensamente habitada, não obstante as inúmeras contrariedades por que passou. Mas no início do Séc XVIII começou a entrar em declínio, passando a sua população a ser cada vez menos numerosa" (Coelho 1999:35).

"Concomitantemente, em Barrancos a densidade populacional não parava de aumentar, em parte com o contributo das pessoas que deixavam Noudar e lá se fixavam, mas não só. Detenhamo-nos novamente na composição castelhana da população de Barrancos e de Noudar. Terá sido a partir do século XIX que a

população de Barrancos e de Noudar. Terá sido a partir do século XIX que a presença castelhana se foi progressivamente atenuando em Barrancos" (Franco 2000:192).

"Nas juntas" do Múrtega e do Ardila, ali mesmo onde os dois rios chegam finalmente a acordo sobre a sua caminhada final, está Noudar, antiga Vila e Praça - forte do Guadiana, palco de remotas e recomboscas escamaruças medievais e espectadora de assanhadas discórdias locais, que quase dobravam a fronteira do nosso século, não foram um escassos cinco anos, tantos como podemos contar pelos dedos de uma só mão!

Resolvida a contenda das pastagens do Campo de Gamos, outras contendas se avizinham - as da paz e da justiça social - onde a velha atalaia do Guadiana se assumia também como sentinela da Serra Morena, ponto de encontro de duas culturas, sede de uma só vontade - a do desenvolvimento económico, social e cultural dos povos de Valencita, Oliva de Frontera, Barrancos e Encinasola.

E no entanto é nesta míngua que porventura reside a sua maior riqueza. A Serra Morena, qual menina mimada e caprichosa, ao dobrar nos seus contrafortes as pregas com que formou estes Campos, deles ficou tão enamorada, que decidiu não mãos os abandonar, e condoída da sua extrema pobreza, dotou-se de uma tal harmonia e encanto, que aqui acabaria por atrair quase todos os rios das cercanias, desde o Ardila ao Múrtega, companheiros de Noudar, à Safareja e ao Múrtigão e demais arraia miúda, que enlevados pela beleza de Safara, junto a esta se uniram aos primeiros, cumprindo deste modo o destino do Guadiana" (Estadão 1989:4).

Os Conflitos constantes entre Portugal e Castela ajudaram a construir a Identidade de Fronteira. À divisão da terra da Contenda está relacionada a alcunha colectiva dos habitantes de Encinasola, como se pode verificar a seguir. A tornar a situação ainda menos clara está um território fronteiriço a que se convencionou chamar Contenda que "desde tempos imemoriais foi fruída pelos povos dos Concelhos de Noudar - Barrancos e Moura, do lado Português, e Aroche e Encinasola" (Franco 2000:148).

A GEOGRAFIA E O SEU TERRITÓRIO

O clima de Barrancos é marcado por uma influência Continental, devido à presença de massas de ar provenientes de leste.

A temperatura anual média situa-se nos 16,1°C. Os valores mensais variam entre 8,0°C e 24,7°C, respectivamente em Dezembro e Julho. Sendo o número médio anual de dias quentes e muito quentes (dias em que a temperatura média é superior a 25°C) que ocorrem na região é de 137, sendo maior a sua frequência nos meses de Julho e Agosto. O número médio de dias do ano, frios e muito frios (dias em que a temperatura mínima é inferior a 0°C) é de 10, com uma ocorrência mais elevada em Dezembro e Janeiro.

No período compreendido entre Outubro e Abril, o clima pode considerar-se frio e chuvoso, verificando-se temperaturas e precipitações mensais, inferiores a 18°C e superiores a 40 mm, respectivamente. Entre Junho e Setembro apresenta-se seco e quente.

Pode-se assim afirmar que para a região abrangida pelo Concelho o ano se divide em duas estações, uma predominantemente fria e chuvosa e outra, quente e seca, considerando-se apenas o mês de Maio com características de transição, que se apresenta frio e seco.

No tocante aos ventos verifica-se que o regime de ventos é caracterizado por uma frequência de calmas bastante reduzida de 3,2% sendo o rumo mais frequente o de NW, que domina durante praticamente metade do ano, com uma maior expressão em Agosto (PDM 1995).

O Concelho insere-se na bacia hidrográfica do Rio Guadiana, onde as disponibilidades hídricas são condicionadas pela acentuada variabilidade temporal dos recursos hídricos, com a sua concentração no semestre húmido (regime torrencial), encontrando-se o escoamento superficial proveniente da parte espanhola da bacia hidrográfica do Rio Guadiana directamente depende da

utilização dos Recursos hídricos em território espanhol e da eficiência da sua utilização.

No âmbito da Bacia Hidrográfica do Guadiana o Concelho de Barrancos, encontra-se inserido na sua totalidade na Bacia Hidrográfica do Rio Ardila que nasce em Espanha.

Fazem igualmente parte da mesma bacia as Ribeiras de Múrtega, Múrtigão do Cadaval, do Arroio e da Mina da Aparis; todas elas afluentes do Rio Ardila (PDM 1995:8).

A escassez dos recursos da superfície e a sua irregular distribuição são assim as características principais que mais influenciam o habitat humano.

Assim e segundo os dados referidos no P.D.M de Barrancos, a região encontra-se mal caracterizada, do ponto de vista hidrogeológico, há indicações que os caudais prováveis variam entre 1^o 3 l/s, sendo a capacidade específica média inferior a 0,2 l/s.m. Estes valores que referimos devem-se à natureza pouco permeável dos xistos que, inclusive na sua alteração, produzem solos argilosos, também eles pouco permeáveis (P.D.M 1995:8).

As classes de uso do solo com capacidade A e B são de expressão muito reduzida no Concelho e encontram-se associadas a pequenas manchas de aluvióssolos com localização pontuais, às quais as áreas de solos com capacidade C pouco crescem, o que aliado a outras condições necessárias à rentabilidade da actividade agrícola não permite visualizar a intensificação desta actividade.

A quase totalidade do Concelho é ocupada por solos pertencentes às classes D e E, com uma dominância desta última, representada pelos solos esqueléticos de xistos, na sua maioria associados a afloramentos rochosos, enquanto os primeiros correspondem a solos Mediterrâneos Pardos os vermelhos de Xistos de fase Delgada.

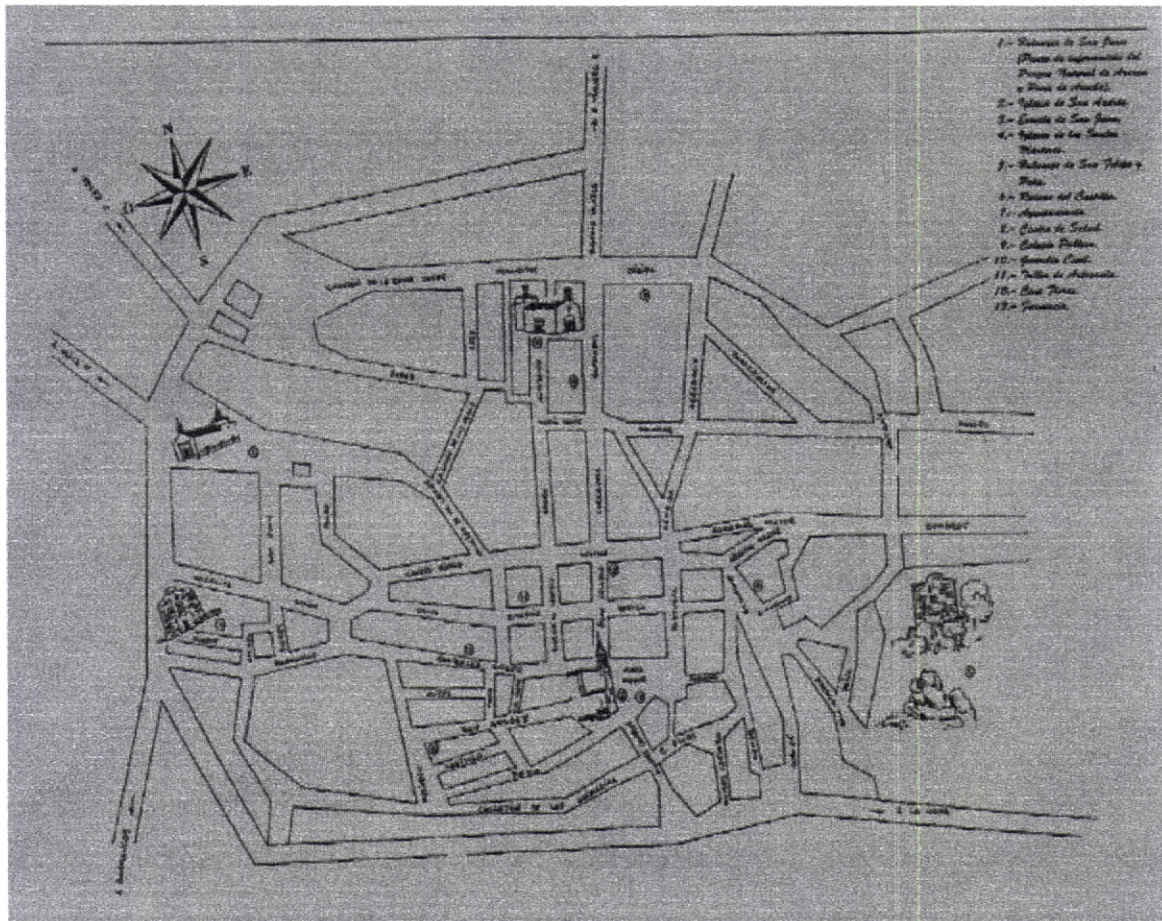
Estes solos possuem tendências naturais para riscos potenciais de erosão, que obrigam a um necessário bom senso no seu manuseio, de forma a mantê-las revestidas com coberto arbóreo.



FIGURA Nº1 - Vista Parcial de Barrancos

Mapa 3

Planta do Município de Encinasola



Fonte: Arquivo particular de Antonio Guillén

3.2 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ENCINASOLA

"La barrera natural que supone la Sierra de Aracena y Picos de Aroche para comunicarse com el resto de la provincia y Andaluzia, le han llevado a establecer vínculos com la zona sur de Extremadura Y con Portugal, especialmente com la cercana población de Barrancos" (Franco 2000:21).

APRESENTAÇÃO DO MEIO

O Município de Encinasola, incluindo o Parque Natural Sierra de Aracena e Picos de Aroche, está incluído no Noroeste da Província de Huelva, limitado ao Norte com Extremadura, ao Oeste com Portugal e ao Sul e a Este com as povoações onubenses². Está encravado no extremo "surocidental" da Serra Morena e tem uma superfície de uns 180 Km/2.

A Comarca da qual faz parte Encinasola, possui uma "cruel" realidade, ainda que assumindo contrariedades se observarmos as potencialidades que o território possui, assim pode-se destacar na História de Encinasola a importância de uma importante rede hidrográfica unida ao Rio Guadiana (Múrtega, Sillo, Caño, Valquemado). Ao longo destes cursos de água foram criados vestígios permanentes desde os inícios da Idade do Cobre.

A beleza paisagística de todo o território envolvente, paralelamente com a riqueza faunística e Recursos Florestais que possui, outorgam uma grande diversidade de recursos endógenos favoráveis a um bom desenvolvimento local da zona.

Como Comarca, a zona tem sofrido ao longo da sua história um importante isolamento devido à estrutura do seu espaço, configurado por vales muito encaixados, cuja direcção, predominantemente de NO - SE, marcou a orientação dos fluxos sócio-económicos.

² Onubenses – Assim são designados os habitantes de Huelva e das províncias que a ela pertencem.

O povoamento organizou-se num habitat concentrado em pequenos grupos, muito dispersos entre si, factor que contribuiu para desertificar grande parte da Serra.

A ocupação humana da Serra foi débil ao longo da história, situação que foi determinada pela dificuldade do meio físico e pela sua marginalidade, factores que ofereceram fracas possibilidades de ocupação na força laboral.

A regressiva evolução populacional tem sido um fenómeno praticamente generalizado em toda a comarca, tomando algum realce especialmente em Encinasola.

A confluência de uma alta natalidade e valores altos de mortalidade determinaram que a Serra se encontre perante uma situação populacional crítica, com saldos vegetativos claramente negativos desde os anos setenta.

A diminuição da emigração e o retorno dos que saíram da zona há muitos anos, vem criar uma nova situação, que de certa forma é considerada uma agravante, pois a população mais jovem continua a sair e em troca, regressa a população mais idosa.

O despovoamento da maior parte da Serra é consequência e de certa forma causa, do baixo nível de desenvolvimento local existente, cuja expressão mais sintética e clara é a escassa quantia de “rendimento” por pessoa, inferior à média provincial e regional.

Esta situação está motivada pela presença na economia da Serra de actividades de baixa produtividade, em especial de carácter agrário. A reduzida actividade da Serra é semelhante ao conjunto provincial, inferior em mais do que um aspecto, representando dois factores diferenciadores, a reduzida proporção de mulheres que incorporam o mercado de trabalho e uma maior amplitude da vida laboral.

Estas semelhanças nas taxas de actividade das economias com diferentes potencialidades e tecido produtivo como são as da Serra e as do conjunto provincial tem uma consequência directa nos níveis de desemprego, doze pontos

superiores nesta zona. Igualmente repercute na existência de empregos marginais, de escassa produtividade, principalmente no sector agrário, de tal forma que a sensibilidade a factores externos é muito elevado, estando em perigo a sua manutenção.

A ausência de empresas, por falta de mentalidade empresarial e as escassas expectativas que têm na zona, são os factores que determinam esta situação, já que a entrada de jovens no mercado de trabalho não apresenta uma intensidade suficiente como para explicar as elevadas taxas de desemprego existentes.

Como resposta à grave situação que a Comarca tem sofrido, surgem as primeiras iniciativas de Desenvolvimento local, através de Agências de Desenvolvimento Local em diversos municípios, criação de Unidades de Promoção do Emprego e outras iniciativas criadas com o objectivo de proporcionar o desenvolvimento e crescimento económico da Comarca.

SECTOR AGRÍCOLA GANADEIRO

As pequenas explorações e a agricultura intensiva constituem os pilares fundamentais da economia rural, "as pequenas explorações de azinheiras e alcornoques ocupam quase a terceira parte da superfície total da zona.

As pastagens sem arvoredo só (unicamente) têm um peso superficial importante no sector mais Ocidental, onde as potencialidades menos pronunciadas levaram ao cultivo de cereais e à desflorestação pronunciada.

Dedicadas à criação do Porco Ibérico, complementado com alguns rebanhos de ovelhas, as pequenas explorações tradicionais deviam a sua elevada rentabilidade à presença da mão de obra abundante e barata, que permitia a conservação e reprodução dos recursos naturais sobre os quais se baseava a exploração. Os trabalhos de eliminação de "matorral" e a manutenção do arvoredo, eram realizadas à mão por jornadas autorizadas a semear um ou dois anos.

Os pastos, as bolotas e as ervas das zonas próximas da agricultura da campião³, eram a base alimentar do gado e permitia um elevado grau de autonomia.

³ Campião – Agricultura intensiva.

Passados os anos 60, o sistema agrário entra numa profunda crise. A ganadaria extensiva é a primeira a ressentir os efeitos sócio-económicos.

O decréscimo da população rural e, conseqüentemente, o encarecimento da mão de obra agrária, o desenvolvimento da ganadaria intensiva, a queda dos preços da lenha e o carvão vegetal, juntamente com o aparecimento da peste suína africana. Obrigam os proprietários das pequenas explorações a desenvolver diversas estratégias de reconversão.

A economia de Encinasola baseia-se principalmente na actividade agropecuária. Destaca-se neste município o pastoreio de ovinos e porcos. Trabalha-se sobretudo a lenha, a cortiça e o picão. Cabe ainda mencionar as actividades relacionadas com a olivicultura.

Segundo dados fornecidos pela "Câmara Agrária" obtém-se uma divisão das terras do seguinte modo:

- Total de terras de cultivo: 5.365 hectares de Sequeiro
- Total de terreno florestal: 8,813 hectares de Sequeiro
- Associação de cultivos herbáceos o "barbecho" com montante aberto: 360 hectares.

SECTOR SECUNDÁRIO

A Indústria possui uma participação no emprego e no valor acrescentado inferior à média provincial e regional.

A maior parte dos sectores têm números muito reduzido de estabelecimentos, na sua maioria de tipo familiar, com fraca capacidade competitiva e muito centrados em mercados relativamente próximos.

A baixa densidade do tecido empresarial no sector secundário, une-se à sua desarticulação geral e à mínima capacidade de inovação. Devido estes últimos à posição "marginal" da maior parte das empresas nos seus respectivos mercados e à falta de recursos com que aborda a necessária modernização dos processos instalados na zona.

Existe uma forte vinculação das indústrias com a exploração dos recursos naturais da serra, cujo caso mais paradigmático é a elaboração de produtos "Cárnicos" derivados do Porco Ibérico.

Neste sector podemos destacar que as principais indústrias de Encinasola têm sido tradicionalmente a artesanal e a olivicultura. Actualmente existem várias produções, (a que os Castelhanos designam de "Granjas"), uma de frangos, outra de avestruzes e desde 1999 está a funcionar a Cooperativa Agrícola de San Andrés.



Figura n.º 2 - Vista Parcial de Encinasola



Figura n.º 3 - Plaza Mayor ayuntamiento

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE ENCINASOLA

Encinasola encontra-se ligada a Noroeste da província de Huelva, limitando a Norte e Noroeste com a província de Badajoz, a sul com Aroche, a Sudoeste com o município de Cumbres de San Bartolomé e a Oeste com Barrancos, do lado Português.

As distâncias que separam de outras povoações serranas e de interesse, assim como as capitais de distrito mais próximas, são as seguintes:

- Aracena 54 km
- Aroche 27 km
- Cumbres de San Bartolomé 17 Km
- Huelva 146 Km

As distâncias a outras povoações mais próximas da província de Badajoz, são as seguintes:

Higuera la Real	17 Km
Oliva de la Frontera	20 Km
Jerez de los Caballeros	25 Km
Fregenal de la Sierra	25 Km

Em direcção a Portugal encontramos o município de Barrancos a 9 Km.

QUADRO N°4

CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO DE ENCINASOLA EM 2001

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA	POPULAÇÃO		
	HOMENS	MULHERES	TOTAL
Encinasola	916	949	1.865

Fonte: Ayuntamiento de Encinasola/2001

Como podemos observar através da leitura efectuada no quadro anterior, a população de Encinasola é composta por 916 homens e 946 mulheres, com 1.865 indivíduos de ambos os sexos. A população é idêntica à do Concelho de Barrancos.

No quadro que a seguir se apresenta podemos observar a população estudantil do Município, onde a taxa de insucesso escolar e de abandono é nula, com um total de 109 alunos.

QUADRO Nº 5
NÚMERO DE ALUNOS A FREQUENTAR O ESTABELECIMENTO DE ENSINO
DO MUNICÍPIO DE ENCINASOLA NO ANO LECTIVO 2002/2003

NÍVEL DE ENSINO	Nº DE ALUNOS	
	1º	2º
1º CICLO	12	13
2º CICLO	10	14
3º CICLO	17	18
E. S. O	1º DE E.S.O (Ensino Secundário Obrigatório)	2º DE E.S.O (Ensino Secundário Obrigatório)
	12	13
TOTAL DE ALUNOS	51	58

Fonte: Escola de Encinasola

Ao terminar o ensino obrigatório os alunos têm de sair e procurar outros lugares, à semelhança de Barrancos.

Aquele que opta por tirar um curso, ao terminar a licenciatura fica na localidade que lhe proporcionou tal grau, ou outra onde encontra saída profissional.

Aqueles que têm um nível de instrução mais baixo, trabalham no campo, na apanha do morango (Huelva) ou da pêra (Cataluña), sendo este um tipo de trabalho sazonal.

A construção civil, o trabalho agrícola e mais recentemente a hotelaria são os sectores que oferecem alguns postos de trabalho.

O Ayuntamiento do Município de Encinasola (o que equivale à nossa Câmara Municipal), apenas possui "seis funcionários e 19 assalariados eventuais, trabalhadores fixos (9), temporais (8) e pessoal eventual, não existem lugares de dirigentes, nem de chefia, existe sim um funcionário, o qual é nomeado pelo presidente para tratar assuntos administrativos, financeiros e outras actividades. Este é designado por secretário e tem funções semelhantes aos nossos antigos chefes de secretaria" (Caçador 2002:44).

Encinasola possui uma excelente assistência médica, tendo sempre um centro médico de atendimento permanente, onde os habitantes da vila de Barrancos se deslocam quando surge alguma urgência pois a vila apenas tem a visita de um médico que se desloca três vezes na semana, do Centro de Saúde de Moura.

ENCINASOLA - Um Olhar sobre a sua História

"La Historia de Encinasola está llena de leyendas y mitos. Una de las más lhamativas identifica el primitivo nombre de Encinasola con MONS ARIORUM, traducido en castellano por Montes Claros"

(Moreno, V, 1975)

Uma abordagem à História do pequeno Município de Encinasola remetem-nos logo, para a Idade do Cobre

As primeiras referencias do termo Municipal de Encinasola estão ligadas à existência de uma importante Rede hidrográfica, como já referimos, ligada ao rio Guadiana (Múrtega, Caño, Valquemado, Cavá, etc). Ao longo dos percursos de águas surgem os primeiros vestígios de ocupação humana, a partir do início de Idade do Cobre, no III milénio A.C.

Nestes locais apareceram os primeiros povoamentos, que ali começaram a desenvolver a agricultura de subsistência e que foi complementado com a criação de gado e algumas actividades artesanais, em especial as que se encontravam

ligadas aos têxteis.

Entre os monumentos deste período destacam-se, a Peña de S. Sixto, Serra da Víbora, Pico do Criado, Serra de "Herrera e Picamijos". Eram pequenos povoamentos, onde as casas eram pequenas choças, tendo sido recuperadas algumas delas nos dois lados da fronteira.

Existiram nesta zona três Dólmenes, tendo sido destruídos ao construir um caminho da Contenda em 1914, tendo sido um deles descoberto por acaso, ao realizar uma sondagem na procura de água.

Há também marcos da Idade do Bronze neste Município, durante o II Milénio A.C, tendo grande importância a metalurgia na vida económica destes povos. " Las zonas preferidas de extracción fueran las mineralizaciones de Cobre de los Guijarros (Mina Diamante) y le Juncal (Mina Vitoria). Entre los poblados destacan los de Sierra de la Lapa, del principios del II milenio A.C" (Macias et Al 1999:156).

É o castelo de Encinasola o seu berço, onde se encontra a raiz da localidade actual, a partir do primeiro núcleo, que foi construído à volta do Castelo, surgiram os outros núcleos de casas "(se fue extendiendo el caserío en dirección a Portugal (C/Portugal), el de Fregenal de la Sierra (C/Arrabacin), el de las Cumbres (C/Arrabal) y el de Jerez de los Caballeros (C/Campo)" (Macias et Al 1999:156).

O termo "Marocho", alcunha colectiva dos habitantes deste Município, está ligada à História da Contenda, pertencente aos Municípios de Aroche/Moura, que os "Marochos", foram ocupando, dizendo os portugueses que eles eram "Marotos, no sentido mais depreciativo da palavra (ladrão). Dai terá surgido tal designação.

Ao longo dos anos Encinasola, tal como Barrancos foi terra de contrabando e as relações de fronteira, marcaram a maneira de estar destas gentes, as suas casas, marcaram o seu passado e o seu presente e o seu presente definirá o seu futuro.

E porque o os contactos entre Barrancos e Encinasola tem sido frequentes, umas vezes devido às políticas aplicadas, outras por necessidade como foi o caso

do contrabando e da Guerra Civil de Espanha e outras por motivos de diversão e ajuda mútua. Estes aspectos marcaram, a vida de quem aqui vivia, a vida económica e sobretudo as relações sociais que se estabeleciam. Por este motivo no capítulo que a seguir apresentamos, aprofundamos a temática, onde alguns dos meus informantes deram o seu testemunho "narrando" a sua História.

Para uma das minhas informantes ser Marocho (a) "significa el universo sentimental de todos aquellos que han nacido o habitan esta Villa, y que permanecen estrechamente unidos a ella por vínculos sentimentales.

- Desde la perspectiva geográfica, ser marocho se identifica com el nacido en la villa de Encinasola, un pueblo onubense al sur de la Península Ibérica.

- En este sentido, la acepción toponímica es más amplia que la geográfica, al englobar aquella el conjunto de individuos que sin haber nacido en la Villa de Encinasola se vinculan a ella por lazos que derivan del sentimiento por la tierra, los orígenes y la singularidad del terruño, entendido éste como espacio vital indisolublemente unido a la existencia de quienes lo moran o habitan sentimentalmente.

- Marocho es una forma de ser y de sentir, morar habitar la existencia, propia de las gentes Del sur, pero singularmente caracterizada por un sentimiento de pasividad ante la existencia y sus designios, por un reverencial sentido del destino y un exuberante y barroco sentido de la trascendencia. El marocho en su generalidad, no es individuo de proyectos si no de expectativas, no de proyecciones sino de reflexiones pasivas, de aceptación sumisa de lo dado y reverencial sentido de la existencia. Muerte e vida, como escenarios vividos con solemnidad y boato, apartes iguales, en un ceremonial de existencia marcado por la tragedia sentimental y sentimiento de lo inefable".

4 - A TABERNA DO CONHECIMENTO - UM LUGAR DE MEMÓRIA VIVA

A taberna, lugar de culto vinícola, "(...) está dito por quem sabe, que beber vinho é um acto de cultura. É um acto de cultura popular, dando à palavra cultura o seu significado antropológico original e não a utilizando na sua acepção vulgar" (Ramos 1996:76). O vinho povoa, o nosso quotidiano, a nossa linguagem, a nossa gastronomia, o nosso imaginário, as nossas relações sociais"(Ramos 1996:76).

No meio rural e ao longo dos séculos a taberna ocupou o centro de teias sociais importantíssimas. A taberna acolhe o trabalhador no final do dia, na pausa da hora de almoço, é local de reencontro de amigos, local de debates do quotidiano da vila ou aldeia "(...) em algumas povoações alentejanas ir ao café e à taberna ao fim do dia e beber seja o que for (cerveja, vinho ou amêndoa amarga) é "beber vinho do trabalho". A simplicidade da expressão é apenas aparente: o homem que trabalhou merece beber vinho, e só o vinho é referido como compensação ao esforço dispendido"(Ramos 1996:78).

A taberna lugar de encontros, de desabafos, de combinação de roteiros, que um dia marcaram a história, um lugar de memória viva, um lugar inter -geracional, que marcaram o próprio espaço geográfico de alguns destes estabelecimentos.

Na rua principal da vila, encontra-se situada uma pequena e acolhedora taberna, mesas redondas e rostos marcados pelo decorrer dos anos que foram passando, convidam à conversa, cruzam-se gerações trocam-se experiências, contam-se histórias, debatem-se temas da actualidade, aqui encontram -se senhores detentores de um grande conhecimento, que a universidade da vida proporcionou.

É assídua e pontualmente durante várias horas do dia que visito a taberna do conhecimento. Aqui, ouvi histórias da altura do contrabando e da Guerra Civil de Espanha, dois aspectos que terão tido alguma influência nos hábitos e costumes da vila de Barrancos, como teremos oportunidade de verificar, nos vários depoimentos daqueles que escolhi para meus informantes privilegiados.

"(...) trata-se de um cafezinho muito simpático, à beira da estrada principal, frequentado sobretudo por velhotes, mais parece uma Sociedade. Apreciei, assim que entrei, o facto das mesas serem grandes e redondas, convidando claramente à confraternização em grupo" (Espírito Santo 2001:59).

O contrabando terá tido um peso importantíssimo na vida económica da vila, tendo sido quase sempre actividade complementar, fala-se todavia com algum receio, talvez com o medo que ficou interiorizado, por esta ser uma actividade clandestina até ao tempo da abolição da fronteira.

Segundo palavras do entrevistado A "o contrabando era uma troca de géneros, azeite, carne, conforme as necessidades da altura. Habitualmente levávamos encomendas de Barrancos, diziam-nos: vai à farmácia e compra um frasco de "Ceregumil"⁴.

- Passávamos sempre a fronteira a salto, a medo!!! Tenho amigos do tempo em que a fronteira existia, pois esta era apenas uma linha imaginária. Houve casos de alguns relacionamentos entre indivíduos dos dois lados, fruto desta actividade".

As palavras do entrevistado B, são semelhantes existindo muito medo da transgressão "a vida de contrabandista era sempre feita cheia de medo ... com muito medo"

Ao longo dos anos e consoante as necessidades de cada época, variavam os produtos, os percursos e os grupos, as próprias horas do dia, tendo também importância a época do ano. Na noite de Natal por exemplo não existia tanto medo, "a noite de Natal era uma noite que os contrabandistas transportavam o café sem grandes medos, pois as autoridades estavam em casa com a família, então nós andávamos mais tranquilos".

Os produtos como referimos anteriormente variavam, consoante a época e as necessidades que apareciam, oscilavam preços de um e de outro lado da fronteira, tendo sido o café o produto de maior relevo em qualquer das épocas.

⁴ Ceregumil - Dava-se aos doentes quando estavam debilitados, mais enfraquecidos e servia como complemento na sua alimentação.

Ainda hoje é comum encontrarmos "nuestros hermanos" a comprar café em Portugal "os produtos eram vários, consoante a época e os preços. Daqui para lá, levávamos café e em troca trazíamos azeite, alhos, papada, garrafas de conhaque e também levávamos tripas de vaca na altura das matanças, pedras de isqueiro e "açucarina".

Recordo que houve um tempo em que comprávamos bestas e trazíamos de Espanha para Portugal, porque naquela altura eram mais baratas em Espanha.

Numa outra época vendiam-se "burricalhos" de Portugal para Espanha (cheguei a levar nove ou dez, juntos em manada, trazia a mãe à frente e os filhotes atrás), porque eram mais baratos.

Após ter terminado a Guerra Civil de Espanha, levavam-se as peças de roupa de Portugal para Espanha... isto ouvi contar a tio Lalo da taberna... essa gente fazia isso".

Os percursos também variavam muito, geralmente eram feitos sempre em grupo, um dos meus informantes referenciou que sozinho nunca tinha ido, pois se fosse preso iria sempre acompanhado.

Os percursos variavam muitíssimo, consoante a carga e as horas do dia, o entrevistado C diz-nos que "os itinerários variavam muito, quando estava lua cheia, por exemplo, caminhávamos pela estrada até chegar a Higuera. Num outro itinerário, saíamos em direcção às Navas até Galaroza, Cumbres, todavia existia um outro onde íamos a Oliva De La Frontera, pela Russiana. AH!!!! Arrepilado também fazia parte dos nossos trajectos, andávamos pela estrada da Contenda e íamos sair mesmo a Arrepilado, pois fica mesmo ali ao pé.

Quando o percurso era até Encinasola tínhamos pontos de paragem, um deles era uma curva a seguir à ponte que se passa quando se vai de Barrancos até Encinasola ou vice-versa. Tínhamos também locais onde controlávamos os guardas, um deles era um marco que fica aqui ao pé do cruzamento de Encinasola para Oliva (junto às Bombas de Gasolina de Encinasola).

Um outro aspecto que importa descrever refere-se ao vestuário usado pelos

contrabandistas. De entre vários entrevistados todos referiram que a roupa utilizada era de fraca qualidade e os sapatos de tecido e sola de corda para evitar fazer algum ruído.

"O mais ruim que a gente tinha, por vezes chegávamos "empelotes" desses matos e calçávamos alpargatas para não fazer barulho" (Palavras do entrevistado B).

"Usávamos calças de "cotim" (eram calças como as que hoje usam os guardas e calçávamos "alpargatas"⁵, isto porque eram as melhores que haviam, quando ficavam molhadas eram mais resistentes. Calçávamos Alpargatas ou então botas de borracha, consoante a época do ano". (Palavras do entrevistado C). Caminhos, curvas e desafios que ajudaram a construir a Identidade de um Povo que hoje consegue manter tradições, criar polémica e aparecer pontualmente no mês de Agosto no ecrã da "estimada caixinha"

Em síntese e parafraseando Trujilho e Dominguez "o contrabandista" era uma pessoa pertencente a uma família de fracos recursos económicos. Devido às circunstâncias da vida eram pessoas com baixo nível de instrução e sem trabalho. Alguns contrabandistas alternavam o contrabando com outras actividades, tais como "piconero" ou "braceros", que eram actividades temporárias.

Os contrabandistas mais jovens tinham apenas treze e catorze anos de idade, iniciando a vida de contrabandista através de familiares, principalmente com os seus pais. Muitas das vezes havia contrabandistas "a porte", ou seja, cobravam por transportar a mochila sem que esta lhe pertencesse (Trujilho e Dominguez 1999).

Um olhar semelhante tem os jovens entrevistados (estes não frequentadores habituais da Taberna do Conhecimento), todos opinam que a Guerra Civil de Espanha e o Contrabando têm o mesmo peso na construção e manutenção da Identidade cultural de Barrancos. Alguns destes jovens com que tive a oportunidade de passar algumas horas e tardes, recordaram o tempo de infância, altura em que o pai também praticava contrabando e contaram histórias

de relacionamentos, o entrevistado E (um jovem Funcionário Público), diz que a Guerra Civil terá tido algum peso, mas considera que o contrabando terá tido mais “(...) Eu acho que as duas coisas, mais o contrabando... Por um lado a Guerra, na medida em que os que cá ficaram tinham os costumes deles e que no contacto uns com os outros acabaram por influenciar... Apesar de eu achar que o contrabando mais, porque com o contrabando iam lá directamente e contactavam com a comunidade em si...por isso acho que o contrabando influenciou mais”.

Ao recordar o tempo em que a fronteira fazia parte do quotidiano destas gentes, este entrevistado diz que o relacionamento era muito bom “o relacionamento era bom, a nível de divertimento era muito bom, havia grandes amizades, ainda hoje mantenho algumas. Apesar de algumas pessoas terem partido, pois foram viver para os grandes centros, como Madrid, Sevilha e outras localidades”.

Em relação ao contrabando recordo de o meu pai o praticar, a minha casa era frequentada por contrabandistas espanhóis e recordo que a minha irmã até se apaixonou por um contrabandista espanhol (se isto serve para aproximação), namorou com ele. Recordo de eles estarem escondidos e saírem à rua a fazerem sinais (códigos), era curioso, muito engraçado...”.

Rostos marcados pelos anos que passam, histórias de vidas cruzadas, infâncias e juventudes vividas entre o marco da fronteira, filhos nascidos de um lado, educados de um outro... um sem número de situações que contribuiram para “edificar” a identidade cultural destes povos de fronteira. “El contrabando, principalmente de café, surge trás la Guerra Civil española, poniendo en contacto a personas de uno y otro lado de la frontera. Son las gentes desfavorecidas quienes lo practican, jornaleros, estableciéndose un curioso sistema de compra, transporte e comercialización. Surge así un conocimiento de la forma de pensar y el modo de vivir del otro que estrecha los lazos y multiplica las relaciones” (IDL:532).

Isabel cresceu entre cá e lá, numa infância atribulada pela Guerra. No seu rosto e olhar nota-se a vivacidade “do sangue Andaluz”, assim como no seu próprio

⁵ Alpargatas – Sapatos de tecido e sola de borracha ou corda, usadas pelos contrabandistas com o objectivo de não fazer ruído.

estilo de vida, no colorido das flores que compoem a sua casa, principalmente no exterior.

A mãe de Isabel era espanhola, natural de Aroche (localidade que dista uns trinta quilómetros de Barrancos) e o pai natural de Barrancos, por força do destino o pai de Isabel foi viver para Aroche com sua mãe e mais seis irmãos, foi em Aroche que conheceu aquela que viria a ser sua esposa, (Aroche) localidade onde cresceu. Quando foi altura de jogar sortes vieram a Barrancos, os irmãos que prestaram serviço militar foram tropa em Beja, o pai de Isabel não foi tropa, por esse motivo não veio prestar provas a Portugal.

Isabel recorda alguns episódios da Guerra Civil de Espanha, apesar de ter quatro anos de idade quando esta rebentou "(...) na altura da Guerra Civil de Espanha, um dia foram buscar o meu pai a uma horta para prestar umas declarações e já não o deixaram vir, nunca mais apareceu a casa... a minha mãe ficou aflita porque ele estava a demorar demasiado tempo. Então apareceu uma das minhas tias e sem saber como dar a noticia... sem atrever-se a dizer à minha mãe que o tinham matado .. até que disse. A minha mãe lutou muito, trabalhou muito, em matanças, lavando, a costurar..."

Este episódio veio modificar a vida de Isabel que passaria a viver com os seus avós maternos "(...) quando eu tinha oito anos a minha mãe quis que eu viesse cá a Barrancos conhecer a minha avó, que era o único familiar que estava cá em Barrancos, do lado paterno, porque os outros tinham falecido lá. Só a minha avó é que estava cá em Barrancos".

A avó de Isabel estava em Barrancos, pois já tinha regressado, os filhos faleceram na Guerra e ela veio viver para a Travessa da Preguiçosa(...) local onde Isabel passou grandes temporadas. "(...) Até que um dia D. Maria Cláudio disse: Isabel fica cá!!!! Porque eles eram todos pequeninos e a partir dai Isabel ficou a passar grandes temporadas, que marcariam o destino e a história da sua vida ". A mãe levava-a consigo para Aroche, mas ela ficava já cheia de saudades de Barrancos e das gentes que por aqui ficava "(...) eu ia para Aroche com ela até a

idade de catorze anos que comecei a namorar com o meu marido. Ele encheu-me o olho!! E então com a ilusão do namoro comecei a ir menos, depois os meus avós faleceram e os meus tios uns foram para Palma de Mallorca e morreram lá, ainda tenho lá duas primas irmãs ". Com vinte e três anos casou em Barrancos, depois de oito anos de namoro e teve três filhos, a Maria, o António e o José. A mãe acabaria por ficar com ela deste lado da fronteira, onde acabaria por falecer.

O Francisco esposo de Maria não exerceu o contrabando como actividade principal, porque os recursos económicos eram suficientes para a sobrevivência da família, no entanto quando era necessário também levava umas mochilinhas (...) ao Sr. Manuel Cláudio faziam-lhe falta mochilas e então pediam ao Tio Francisco e muitas vezes ia com tio António Sapo, com essa gente. Não é dizer que era contrabandista a cem por cento, porque de dia estava a trabalhar, claro a crise era grande, a economia não andava muito bem e ele aproveitava, não era todas as noites lá uma vez por outra.

A história de Isabel é uma entre muitas outras que poderíamos descrever aqui. Eu própria sou "produto" dessa encruzilhada cultural.

Dificuldades económicas, a procura de melhor condição de vida e uma linha a travar dificuldades, terá contribuído para que hoje um sem número de tradições tenham permanecido vivas e tenham conseguido chegar até nós.

A solidariedade é patente em meios rurais e, em tempo de crise esta terá sido desenvolvida com maior intensidade. Em altura de grandes dificuldades devido à Guerra os alimentos eram contados e colocados à venda em locais estratégicos. Isabel contou-nos que o seu marido Francisco diz que recorda "quando ele era pequenino ia levar à fronteira grão, pão que a minha sogra amassava, isto ainda na altura da Guerra... ainda nessa altura não o conhecia a ele".

Isabel recorda pouco da Guerra, mas um dos aspectos que todavia recorda é que faltavam muitos alimentos "havia falta de muita coisa, falta de pão... a minha mãe vinha aqui à fronteira buscar farinha, para vender ao padeiro, para puder comer pão todos os dias".

Isabel hoje considera -se mais portuguesa do que espanhola "(...) já comi mais pão português do que espanhol, gosto muito de Portugal, porque o meu marido é português, os meus filhos já nasceram cá e gosto muito de Portugal. Mas... não desfaço de Espanha, tenho aquela consideração por Espanha, não sei explicar.... tenho lá a família da minha mãe e mantenho contacto com a família".

Gosto muito de visitar Espanha, gosto de visitar Aroche na altura da feira, gosto da Alegria de Espanha, é divertida, os cânticos, as sevillhanas... mas com isso não desfaço de Barrancos, pois cresci aqui.

Tal como referi anteriormente o contrabando terá reforçado um período difícil desta zona deprimida e terá sido importante quer para Barrancos, quer para Encinasola, assim como também para toda a zona transfronteiriça. Terá tido maior peso nestas duas localidades, devido à proximidade com Espanha e com a própria facilidade com que em Barrancos se fala Espanhol. Se tivermos em conta a história relatada por Isabel, não será muito estranho e considerado "normal".

A Socióloga Antónia Baião considera que "(...) é mais fácil um barranquenho mercantilizar em Espanha do que uma pessoa de uma outra localidade, em que os costumes e a língua não sejam tão assimilados. Um barranquenho em Encinasola se calhar sente-se quase como um espanhol, uma pessoa de Vila Verde de Ficalho ou Vila Nova de S.Bento sente-se um contrabandista e sentir-se-ia sempre um português".

Sem dúvida que o Barranquenho assimila facilmente a cultura Andaluza, será devido às questões de Sangue, à Guerra e ao Contrabando, assim como o próprio relevo e posição geográfica em que estas localidades se situam, que contribuiram para edificação cultural, o contacto das pessoas que viviam no campo terá contribuído em grande parte, para a construção desta Identidade.

Manuel um dos meus informantes de Encinasola, considera que quando vê uma pessoa de Barrancos em Encinasola sente a mesma alegria que quando vê os seus conterrâneos, pois ao longo dos anos contactou com muita gente de Barrancos. "Sempre foi frequente o contacto com as pessoas desta localidade e

elas tratam-me a mim como se eu fosse de Barrancos".

Falar da Guerra do outro lado todavia gera alguma reticências e pertinência sobretudo para quem guarda em memória as sequelas de uma Guerra, desviando certamente alguns olhares, para quem viveu uma das maiores dificuldades de Espanha. Se bem que outras guerras se tenham que enfrentar actualmente.

Sem dúvida que o relevo, a posição geográfica e a história terão sido marcos importantíssimos. Terão contribuído para o surgimento de inúmeras especificidades, hoje "chamariz" daqueles que designaria de "turistas de passagem", que ao fim de semana preferem desligar do ruído e agitação que compõe o quotidiano dos locais citadinos do nosso país, tendo como preferência o gosto pelo local, por aquilo que é diferente, e que hoje oferece alguma qualidade. Ter uma casa na província passou a estar na moda, assim como passar o fim de semana no Alentejo.

Para a Socióloga Antónia Baião "a Guerra Civil de Espanha teve muita importância em toda a zona transfronteiriça e em Barrancos terá tido muito mais, porque a cumplicidade era muito mais forte do que noutro lado qualquer, do que em Santo Aleixo, Serpa ou Vila Verde de Ficalho, pois estas localidades estão numa zona onde a Guerra Civil também teve a sua força".

O rio desempenharia um papel importantíssimo pois "toda esta zona era veiculada através do rio, do lado de Barrancos o Ardila e o Múrtega e do lado de Vila Nova de S.Bento e Ficalho o rio "Chanza" que abrange Cabeças Rubias, Santa Bárbara, sendo o próprio rio que faz a divisão entre Portugal e Espanha. Existindo uma linha fluida, uma linha de fronteira líquida é mais fácil e, mais difícil e simultaneamente mais desprotegida". Ao invés do que acontece em Barrancos que existia uma linha física, sólida e imaginária, que terá contribuído para a intensificação de todas relações sociais e culturais destes povos. Em Barrancos, o rio divide Portugal de Espanha e simultaneamente une, o Ardila e o Múrtega abraçam-se.

Aqui a Guerra Civil terá assumido contornos diferentes, de acordo com a

Bibliografia recolhida nas mesas redondas com Ivã Delgado, havia dois destinos uns as pessoas de Barrancos acolhiam nas suas próprias casas, outros eram metidos em camionetas e entregues ao Governo português, que por sua vez os entregaria ao Governo Espanhol. Este factor terá contribuído para que alguns casamentos entre Portugueses e Espanhóis se concretizassem.

Importa ainda salientar que a História entre Portugal e Castela também terá dado o seu contributo para a construção da Identidade destas zonas de fronteira, segundo o Entrevistado F há um factor que não poderá ser esquecido "(...) não podemos esquecer que Barrancos e o seu Berço Noudar estiveram sempre num ponto de litígio entre Portugal e Castela e mais recentemente entre Portugal e Espanha. Segundo um dado histórico de Barrancos, em finais do século XIX e inícios do século XX, a população de Barrancos era composta por pessoas oriundas de Espanha e segundo esses dados, os dois terços da população viviam na encosta de Barrancos virada para Espanha".

A própria actividade agrícola, a vida do campo e a sua proximidade geográfica terão sido outro factor considerado importante "a questão do relacionamento temos que ver a evolução das sociedades. Nós vivemos no interior do nosso país, tal como os nossos irmãos da raia, estivemos sempre muito próximo uns dos outros e estas regiões sempre estiveram ligadas à terra até há algumas décadas atrás e é precisamente essa vivência do campo, que terá permitido uma maior proximidade entre os dois povos".

Ao abordarmos esta questão podemos ainda referenciar ou questionar, porquê é que Vila Verde de Ficalho situada junto à raia tal como Barrancos e como Encinasola não possui estas características (mas isso poderia constituir um outro objecto de estudo que em próxima Investigação poderá ser estudado e aprofundado). O Entrevistado H considera que "a nossa fronteira é muito mais longa, fazemos fronteira com Valencita, Oliva de La Frontera, Encinasola, ficamos próximo de Aroche e Vila Verde de Ficalho só tem com o Rosal de La Frontera. O facto de esta fronteira ser mais extensiva terá contribuído para nós termos mais

relações com os espanhóis do que Ficalho. O facto de haver muita gente a viver no campo "em montes" ou em "cortijos" do lado Espanhol, fez com que as pessoas mantivessem um grande contacto, uma grande convivência, sempre houve uma grande convivência com os espanhóis, mais do que na zona de Ficalho".

As palavras deste último entrevistado vão de acordo com as do entrevistado A "a vida do campo, o contacto que os" cereareiros "tinham com a população de Barrancos, terá contribuído para a nossa Identidade, a convivência entre as pessoas, a troca e convívio entre as lavadeiras, no "Charco de tia Morronga", "O Charco das Cabreras", depois vinha o pastor, o porqueiro aqui fazer compras, era sempre um convívio muito grande com Espanha, daí a influência nos nossos costumes, no falar. André Garcia, por exemplo, casou com uma espanhola e foi viver para Espanha".

Em síntese podemos verificar através das várias entrevistas que o contrabando teve grande importância na vida das gentes destas duas localidades, tal como em toda a zona transfronteiriça, esta actividade era considerada uma forma legítima de ajudar na subsistência da família.

Esta "actividade" terá tido o seu apogeu, após o terminus da Guerra Civil de Espanha. O contrabando não era considerado uma profissão, sendo "olhada" com bons olhos pelos habitantes destes municípios, quer em Barrancos, quer em Encinasola, a maioria beneficiava dela, sendo extinta com a abertura da fronteira.

As maiorias dos entrevistados consideram que o contrabando teve maior peso na construção da Identidade cultural de Barrancos, porque esta actividade permaneceu durante um longo período de tempo, permitindo um maior contacto com o outro, tendo ocorrido a Guerra durante um período mais limitado. Embora com a Guerra tenham ficado alguns elementos a viver em Barrancos.

A geografia, o relevo e a proximidade e a extensão geográfica da fronteira, são elementos que terão contribuído, para intensificar este contacto, juntamente com a convivência da vida no campo.

Para o Sociólogo Jacinto Saramago, vários são os factores que terão

contribuído para a diferença cultural de Barrancos:

- "Isolamento: localização geográfica de Barrancos (cunha de terra que entra por Espanha dentro)".
- Nação: indefinição da nacionalidade até ao século XVII-XIX
- População: origem da população, a qual, de acordo com os Censos realizados até as primeiras décadas do século XX, era maioritariamente espanhola.
- Estigmatização da cultura local e resistência: relacionado com as festas Agosto no contexto nacional e a defesa da preservação das tradições locais".

Ao analisar as várias entrevistas podemos verificar que estes elementos mencionados anteriormente, terão contribuído para o surgimento e manutenção da Identidade Cultural de Barrancos. Parece-me que o desenvolvimento destas regiões, passará pelo Turismo Cultural, aspecto que será referenciado no capítulo a seguir.

Numa sociedade massificada, em que muitas vezes o urbano tende a sobrepor-se ao rural, tentando fazer desaparecer algumas tradições centenárias, estas tendem a renascer e afirmar-se com maior força. "A globalização está aí, no entanto aparentemente paradoxal assiste-se a uma (re) descoberta do local, facto este que deita por terra todos os vaticínios que apontavam no sentido da abolição das identidades e diferenças em nome da homogeneização conseqüente à nova ordem global. Ou seja, ao mesmo tempo que a globalização se afirma constata-se uma grande procura pelo "consumo de lugares" (Barros 2003:3)

De acordo com Saramago consideramos que: "O processo de globalização em curso - a cocacolização da humanidade - não tem contribuído para a homogeneização completa das culturas e das Identidades, havendo algumas "bolsas de resistência", na qual, talvez com algum exagero, se pode concluir a cultura barranquenha no contexto nacional. No caso de Barrancos, esta resistência tem sido reavivada pelas polémicas provocadas anualmente pela comunicação social em tempo estival e que tem unido a sua população em torno de uma questão - as

touradas com touros de morte - que estava um pouco adormecida e que por "rotina" vinha sendo "aplicada".

Assim, atendendo à valorização dos elementos materiais de representação da sua cultura, na capacidade de organização e de resistência das populações - não esquecendo o processo dinâmico de constante confronto do velho com o novo - parece-me que o global dificilmente se sobreporá ao local.



FIGURA nº4 - Taberna do Conhecimento

Através das entrevistas anteriormente citadas podemos verificar que o contrabando terá contribuído em grande parte para a construção e manutenção da Identidade quer de Barrancos, quer de Encinasola. Actualmente expressa na Romaria de Flores (que em Encinasola tem grande expressão), em Barrancos também mas com menor força, celebrando-se à semelhança de Espanha e contrariando a tradição nacional.

Actualmente Barrancos tem uma grande expressão cultural, tendo recebido grande parte dessa expressão, do contacto permanente com Espanha e que hoje constituem a base para o seu desenvolvimento, nomeadamente para o turístico, ponto que irei desenvolver no capítulo a seguir.

5 - BARRANCOS E ENCINASOLA NUM CIRCUITO DE FRONTEIRA

"A conservação da diversidade cultural pode vir a ter tanta importância para o futuro da espécie humana como a conservação da diversidade biológica tem para o futuro da própria vida".

(Milton, 1997)

Cabe-nos agora centrarmo-nos um pouco sobre o turismo, não como tábua de salvação para todos os problemas para estas regiões de interior, mas como uma das primeiras soluções, que em algo ou alguma coisa poderá contribuir para o seu bem estar e para o desenvolvimento do Alentejo, mais concretamente das Regiões fronteiriças, que constituem o nosso objecto de estudo, se perspectivarmos o futuro recente.

Nos últimos anos o turismo passou para a ribalta de seminários, debates, workshops como solução apontada para o desenvolvimento das comunidades de interior e não só.

Num momento em que as consequências imediatas de Alqueva começam a tornar-se evidentes, pois num simples fim-de-semana temos oportunidade de observar um sem número de visitantes, que terminam muitas vezes a sua visita num circuito de fronteira. Monsaraz e toda a paisagem que se tem modificado no último ano, convidam os nossos olhos a ficar um pouco "perplexos" sobre a paisagem que agora parece não ser o Alentejo, aquele onde o sol e dourado do trigo se espelhavam, entrecruzam-se águas, searas e planície.

Iniciaram-se os primeiros passos para o reconhecimento das potencialidades destas zonas de interior, nomeadamente as do Baixo Alentejo, estando estas encerradas na riqueza do seu património cultural, ambiental e humano, evidenciando-se assim a necessidade de aprofundar a reflexão sobre esta temática, com o objectivo de planear estrategicamente o desenvolvimento destas

regiões. A antropóloga Maria João Burney ao abordar esta temática considera que devemos pensar no turismo com todas as suas valências, salientando alguns pontos considerados fulcrais; como é que o turismo pode ser um contributo para a região?

A região oferece naturalmente um conjunto de riquezas que importa salientar e aprofundar e que vão desde o seu património cultural, ambiental e humano, potencialidades que deverão ser aproveitadas para um desenvolvimento harmonioso. "(...) Torna-se indispensável aprofundar a reflexão sobre as alternativas possíveis ao tradicional turismo de massas que se mostrem adequadas às características desta região e às necessidades postas pelo seu desenvolvimento"(Pintassilgo e Teixeira 1997:9). Palma considera que o turismo não poderá ou deverá ser colocado como a única solução para o desenvolvimento do Alentejo e nomeadamente para zonas transfronteiriças. "(...) Fazendo uma análise sobre esta actividade no Alentejo, podemos verificar que esta é ainda um pouco insipiente, mas que se encontra num desenvolvimento crescente."(...) A Região de Turismo Planície Dourada foi criada em 1993 e integra os Concelhos de Aljustrel, Almodôvar, Alvito, Barrancos, Beja, Castro Verde, Cuba, Ferreira do Alentejo, Mértola, Moura, Ourique, Serpa, Vidigueira, uma vasta área de fraca tradição turística. Desde então a oferta, desde o alojamento de nível médio e superior (Pousadas, TER, Hotéis de 3* e 4*) com uma preocupação cada vez maior em proporcionar animação ao turista (cavalos, bicicletas, barcos de recreio, ténis) como forma de o atrair e aumentar o período da sua estadia"(Palma 1997:17).

Em primeiro lugar iremos focalizar alguns conceitos ligados à temática. Actualmente conceptualizamos o turismo como um elaborado e vastíssimo processo de decisão. Neste processo evidenciam-se vários factores, tais como a realização pessoal e social, de natureza emocional, económica, cultural, ecológica e científica que determinam em parte a escolha dos destinos, assim como o local de alojamento e o objectivo da viagem em si, quer como bem material ou como a concretização de um sonho. "Este roteiro é feito por meio de roteiros interactivos espontâneos ou dirigidos, compreendendo a compra de bens e serviços da oferta

globais com produtos de qualidade e Competitivos" (Beni 2002:1).

O desenvolvimento regional do turismo vem trazer reflexos no planeamento económico e estratégico deste sector, onde a sua distribuição espacial deverá ser justa, tendo em conta os recursos e actividades económicas. O turismo constitui uma actividade produtiva, geradora de emprego, incluindo entre os sectores que poderiam ser entidades como motrizes ao desenvolvimento de certas regiões (Beni 2002: 1). Segundo o que referenciamos anteriormente o turismo poderá transferir benefícios de uma região mais "rica" para uma região mais pobre, prestando o seu contributo para um melhor equilíbrio inter-regional. Sendo importante incentivar o processo de desenvolvimento endógeno, com o objectivo da sua integração em mercados globais.

Cláudio Torres considera que o turismo é hoje em todo o mundo a maior actividade empresarial. Para Torres esta "actividade" expandiu-se nos últimos anos, apesar deste não ser uma novidade recente. "(...) Não é de agora o conceito de viajar. Foi desta mobilidade, desta troca de experiências e de culturas que surgiram os contactos humanos fundamentais para a construção dos sistemas filosóficos e ideológicos que tentaram e tentam compreender o Homem e explicar o mundo (...)" assim, o que dissemos anteriormente terá contribuído em grande parte para a troca de experiências comerciais, que para Torres terão sido também compostas por uma vertente lúdica aliada a uma vertente cultural, que podemos chamar de turismo. "(...) o indivíduo, ao viajar para trocar ou vender mercadorias, já vê o outro não como um estranho e inimigo, alguém a dominar ou a escravizar depois de vencido no campo de batalha, mas antes como cliente, com quem é obrigado a dialogar (...)". Assim, este contacto irá dar premissa à troca de idéias e de conhecimentos.

Surge então uma nova visão sobre o turismo, uma nova postura sobre esta temática que "poderá transformar definitivamente o futuro desta actividade - a descoberta recente dos espaços marginais, das microculturas, com o objectivo também de manter e salvaguardar as suas identidades (...)". Assim surge a

também de manter e salvaguardar as suas identidades (...)". Assim surge a curiosidade pela descoberta de algo que é novo, desconhecido, o interesse de novos mercados, seguindo-se a curiosidade pelas culturas regionais e locais.

Para Torres actualmente há como que uma introspecção, um olhar sobre aquilo que está mais próximo de nós. Vão-se descobrindo novidades naquilo que está mais próximo de nós e que foi dotado ao abandono pelas zonas urbanas, onde as localidades rurais terão sido consideradas abandonadas e "atrasadas" em relação ao progresso acelerado das zonas urbanas. "(...) O camponês, essa figura de cultura de saber milenar, construtor da civilização e da paisagem mediterrânica, hábil gestor da biodiversidade, passou a ser friamente catalogado pela Política Agrícola Comum ao lado lince ibérico e, como ele, condenado à extinção (...)" (Torres 2002:48).

Nos nossos dias emerge uma nova postura sobre o turismo, como resposta á massificação e à globalização. De acordo com este autor surgem novas perspectivas e desafios na descoberta recente de espaços marginais, das microculturas, com o objectivo de preservar e manter vivo as identidades locais (Torres 2002).

Surgem então um conjunto "de coisas" que poderão beneficiar o desenvolvimento das regiões do interior, características adquiridas pelo abandono a que foram dotadas ao longo dos anos. Há assim um conjunto de referências culturais, tais como património ambiental, arquitectónico e cultural, hoje procurado por quem vive em centros urbanos. "(...) a maioria da população de 60 e 70 emigrou para a zona industrial de Lisboa onde muito poucos conseguiram melhorar a vida. Podem ter alcançado inicialmente uma maior capacidade de consumo que, no entanto, tem sido anulada pela crescente degradação que invadiu os dormitórios urbanos. Começa a fazer sentir-se uma espécie de sonho de regresso às origens, não apenas entre reformados, mas também - e esse é o facto mais revelador - entre a segunda geração, para a qual muitas vezes não se trata de um regresso, mas de uma viagem definitiva às raízes do esquecimento" (Torres 2002:50). De facto e de acordo com o que referimos anteriormente, o turismo tem-se

parafraseando Denise Lawrence "(...) o turismo tem vindo a afectar os residentes locais, quer se tratem de habitantes das cidades de montanha da Itália, dos burgos acastelados de Espanha, das aldeias perdidas das ilhas do Mar Egeu ou da Planície Alentejana (...)" (Ramos 1996:83).

Segundo a Comissão da Liga das Nações, em 1937, estabelece uma diferenciação entre "o turista estrangeiro" e o "excursionista" O turista estrangeiro será aquele que visita um país, diferente daquele em que reside, efectivamente por um período de, pelo menos, vinte e quatro horas. Para a mesma organização e parafraseando Foster "As pessoas que ficavam menos de vinte e quatro horas eram tratadas como excursionistas (1996:83)".

Ramos acrescenta todavia, o turismo doméstico, onde uma viagem de negócios, um congresso científico podem aliar-se e associar-se a práticas turísticas (Ramos 1996:84).

Para o mesmo autor o fenómeno turístico altera os estilos de vida das populações que a nível económico quer a nível social e ou até mesmo político, fomentando a aculturação. Este considera também que "a delicadeza do fenómeno turístico assenta também em modas. E tal como é preciso aproveitar as modas, torna-se necessário também reflectir sobre a viabilidade económica de iniciativas turísticas isoladas e sobre o facto de existirem zonas, locais ou povoações sem vocação turística e sem condições infraestruturais para a actividade (...)".

Centremo-nos um pouco nas potencialidades que as regiões fronteiriças encerram a nível turístico.

O Baixo Alentejo e em particular as zonas fronteiriças são portadoras de uma identidade cultural forte, num ambiente preservado (Tapajedo 1997).

O isolamento geográfico destas comunidades permitiu que eles preservassem as suas características tradicionais quer na manutenção das habitações quer nas manifestações festivas, que ocorrem ao longo do ano, no próprio linguajar das gentes que aqui vive. Como verifiquei nas entrevistas, vários são os factores que terão contribuído para o seu aparecimento e para a sua

são os factores que terão contribuído para o seu aparecimento e para a sua manutenção.

De acordo com Tapajedo um conjunto de factores poderão contribuir para a fixação das populações e para o desenvolvimento económico e social destas regiões à semelhança do que acontece no Norte Alentejano, entre eles destacam-se "(...) o património construído bem preservado; valores arqueológicos; valores naturais; paisagem rural humanizada, riqueza gastronómica; artesanato de qualidade; produtos agroalimentares de qualidade (...)" (Tapajedo 1997:13).

Penso que o desenvolvimento turístico, como um forte "amigo" do desenvolvimento deverá passar por uma estratégia bem elaborada e construída em paralelo nos dois municípios, que constituem o nosso objecto de estudo. De maneira a criar sinergias e equilíbrio que passarão pela "beleza e qualidade da sua paisagem natural e humanizada, na sua história, nas suas diferenças culturais e nas suas tradições, é neste sentido que deverão ser desenvolvidos, de uma forma profunda, todas as acções de informação, formação e promoção regional" (Tapajedo 1997:14).

É necessário reflectir sobre esta temática, uma vez que o ritmo acelerado da sociedade actual e que se reflecte nos grandes centros urbanos, levam a que cada vez mais as pessoas procurem a calma dos centros rurais, o sabor dos seus pratos e o seu ritmo natural.

As acessibilidades que hoje temos e chegam até quase Barrancos (pois temos um troço de ligação entre Barrancos e Amareleja num péssimo estado) ajudam em grande parte a que tenhamos muitos visitantes e a que as pessoas vão intercalando as suas vidas entre o urbano e o rural. De acordo com Tapajedo é realmente necessário tirar benefícios destas potencialidades e torna-las competitiva. "Este processo passará necessariamente para integração de todos os recursos em produtos turísticos que, mais do que um conjunto fragmentado de atracções, contribui para estruturar a oferta turística da região, permitindo-lhe apresentar-se como uma região turística de clara e diferenciada identidade" (Tapajedo 1997:47).

contacto entre culturas que como considera Ramos " é o instrumento privilegiado das relações entre nós e os outros, o elo potencial de ligação com estranhos, forasteiros, hóspedes e estrangeiros" (Ramos 1996:84).

Olha-se para o desenvolvimento de maneira diferente, debatem-se questões, publicam-se artigos, como sinal de preocupação, ao longo dos anos os conceitos sofrem evolução. Nos alicerces do desenvolvimento devem estar assentes as vantagens dos recursos endógenos e simultaneamente a sua conciliação com outros factores, tais como "tradição e modernidade, qualidade e quantidade, curto e longo prazo, homem e natureza, global e local, unidade e diversidade, recursos e necessidades" (Tapajedo 1997:114).

Ao longo dos tempos todos os povos deixam testemunhos que permitem definir as culturas locais, o que terá acontecido na zona de raia, a comunidade toma consciência desses valores culturais "(...) é quase unânime o reconhecimento de que o Alentejo é uma região com bom ambiente e rico património cultural(...)" (Tapajedo 1997:114).

De acordo com o autor anteriormente citado todo e qualquer projecto de desenvolvimento deverá deixar escapar ou deixar de ter em conta toda a riqueza cultural, ambiental que toda a região encerra. O mesmo acontecendo com os municípios que do outro lado no país vizinho fazem fronteira com Portugal e neste caso concreto com o Alentejo. "(...) As paisagens e os habitantes peculiares, o artesanato, os usos e costumes e tradições constituem um menaçal que só por ignorância ou má fé se pode desprezar" (Tapajedo 1997:115).

Actualmente devido à abolição das fronteiras, facto que ocorreu em 1992, veio permitir um maior contacto a estes povos. Hoje é frequente e considerado normal, observarmos pessoas de Barrancos a fazerem compras em Encinasola e vice-versa. A abertura desta terá contribuído para uma maior proximidade e para o desenvolvimento destas localidades, principalmente o turístico, como já tive oportunidade de estudar no meu trabalho de final de Licenciatura, considerando esta como uma grande vantagem para os dois municípios"uma outra vantagem tem a

ver com a oportunidade de desenvolvimento do concelho a nível turístico, ao tornar-se com a abertura da fronteira um local de passagem, derrogando a premissa "A Barrancos só se vai de propósito" (Domingues 1995:93).

É necessário repensar o turismo como factor de desenvolvimento em municípios de fronteira. A forte Identidade cultural destes está a contribuir já, para o seu desenvolvimento. Disto são exemplos os vários visitantes que passaram, pelos postos de turismo, quer de Barrancos, quer de Encinasola, como de Lisboa, Sevilha, Évora.... em grupo, familiares, "excursionistas", "turistas de passagem" sendo o período da Primavera, aquele onde o número de visitantes é maior e os de Agosto, devido à mediatização das festas de Agosto, os dois municípios terão recebido esse benefício. Mas estas localidades, devido ao seu isolamento, encerram um conjunto de características, cada vez mais procuradas, de quem vive na correria citadina, "Para além das suas tradicionais Festas de Agosto, divulgadas pelos meios de comunicação social, dispõe de uma paisagem agradável, calma e harmoniosa, com uma entidade própria e uma vida que engloba um conjunto de atractivos capazes de satisfazer os mais variados interesses" (Domingues 1995:93).

O facto dos turistas procurarem, em determinados períodos do ano alguns destinos, nomeadamente o litoral, tem recebido como consequência, os problemas a nível ambiental. Num país de paisagens diversificadas e ocupação humana muito antiga, como o nosso, subsistem nas áreas menos conhecidas do Norte e do Interior, fortes motivos de atracção capazes de , por si só, criarem e manterem actividades turísticas essenciais ao desenvolvimento" (Cunha 1997:143).

Burney considera que "não existe protecção da natureza, nem uma gestão sustentável dos recursos naturais, sem a participação e o efectivo envolvimento das populações nos processos de tomada de decisão sobre modelos e iniciativas de desenvolvimento nos seus territórios, em geral, e nos processos de criação e gestão de áreas protegidas e outras áreas classificadas com objectivos de conservação da natureza e da diversidade, mais em particular"(Burney 2003:1).

Assim, existe um conjunto de factores favoráveis, ao desenvolvimento das zonas rurais, entre eles destacam-se, a simplicidade do Homem que aqui habita, que acolhe calorosamente o forasteiro independentemente de falar esta ou aquela língua.

"Boa parte do país rural não é, realmente, tão pobre quanto se possa imaginar. Para além do património construído e sedimentado pela passagem dos séculos, existem nesse Portugal desconhecido múltiplos outros pontos de interesse" (Cunha 1997:143).

Hoje e principalmente nos últimos anos a perspectiva sobre o turismo sofreu algumas alterações, chegou-se a uma certa saturação do turismo designado de "sol e praia" e procuram-se cada vez mais roteiros diferentes. Pois segundo Cunha "as enormes concentrações de turistas que afluem, em certos períodos do ano, particularmente às áreas sensíveis do litoral, dão origem a problemas de foro ambiental" (Cunha 1997:143).

Num País como Portugal onde a ocupação humana é muito antiga e onde a paisagem é relíquia de alguns requintes diversificados, subsistem áreas desconhecidas e actividades por desenvolver, há fortes motivos de atracção capazes de, por si só, criarem e manterem alguns postos de trabalho, importantes para o desenvolvimento e para a fixação da população mais jovem. A qual é favorecida por "uma ruralidade marcada por elementos arcaicos muito peculiares Boa parte do país rural não é, realmente, tão pobre quanto se possa imaginar. Para além do património construído e sedimentado pela passagem dos séculos, existem nesse Portugal desconhecido, múltiplos pontos de interesse" (Cunha 1997:143), principalmente neste que constitui o nosso objecto de análise.

O turismo tenderá então a confundir-se com um recreio que visa a descoberta de paisagens e vivências novas por parte de pessoas curiosas.

É assim, que na sociedade massificada em que vivemos surge o turismo virado para a natureza, "o turismo ambiental", este tem um papel fundamental na rentabilização da economia local, de pequenas comunidades como é o caso dos

Municípios de Barrancos e de Encinasola e todo o território envolvente "El turismo ambiental se organiza como un instrumento de revitalización de la economía local y, en definitiva, como un nuevo diálogo entre el hombre y su entorno natural concentrándose en un mayor entendimiento entre el medio rural y urbano" (Vasquez 1997: 146).

Existe pois, um diversificado leque de recursos nestas zonas, presentes na paisagem, na natureza bem preservada, na arquitectura popular, nas manifestações festivas e religiosas, considerado de interesse para o desenvolvimento, quer de Barrancos quer de Encinasola. Tal como referimos anteriormente, estas eram regiões esquecidas por quem organizava os habituais roteiros turísticos sobre os quais se debruçava o turismo tradicional de sol e praia.

O Alentejo e a Andaluzia, constituem um espaço geográfico que pode em si mesmo representar e oferecer estes novos elementos de atracção turística, elementos tais como:

- Grande quantidade de espaços naturais
- Um amplo mostruário de vestígios que falam da sua história e da sua cultura.
- Um enorme e diversificado conjunto de tradições populares, relacionadas com o folclore, a gastronomia, o artesanato, a agricultura.

"Por ello debemos aprovecharnos de las ventajas que nos ofrece este turismo cuyos destinatarios básicos son el medio rural y los espacios naturales. Pero pueden llevar a cabo de una manera efectiva el desarrollo de este sector en nuestras regiones, debemos ofertar calidad que nos haga competitivos" (Burdalo e Garcia 1997:222). Segundo Burdalo e Garcia "a importância socioeconómica da actividade turística em Espanha é apresentada a partir da atribuição que este ramo de actividade tem no PIB, sua importância para desenvolvimento regional e para as zonas atrasadas com um meio rural de importância. "El turismo se ha consolidado como una de las principales actividades económicas de la sociedad

española, con gran incidencia en la balanza de pagos, en la creación de empleo y en el producto interior bruto. Esta realidad, a la que se suman, junto a otros factores, la internacionalización de los mercados, tanto emisores como receptores, la implantación de nuevos sistemas de gestión y planificación empresarial, así como de programa I+D y sistemas de información tecnológicamente avanzados y la necesidad de integrar de forma coherente el sector turístico en los entornos natural urbano, convierte en inevitable el proceso iniciado de mejora e impulso de las enseñanzas turísticas y la adaptación de las mismas a las demandas del sector" (Real Decreto 259/1996 (BOE de 5 de Marzo de 1996). É necessário considerar a importância do factor humano no desenvolvimento desta actividade. Assim, a qualificação e a profissionalização constituem uma tarefa prioritária para poder competir num mercado cada vez mais profissionalizado.

Hoje olha-se para o mundo rural de maneira diferente "(...) Hoy allí y en casi todas las zonas rurales, han cambiado las situaciones.

El mundo rural se va ligando a Naturaleza, con toda naturalidad desde la ciudad estresada y poluida, y hay gentes en tal mundo que van como descubriendo esa cantera, si bien existia aun recelo y resistencia" (Gaspar 1997:88).

Considera-se importante a consciencialização para manter, preservar e manter limpo todo o ambiente natural que oferece o mundo rural. Devendo existir como um complemento entre campo e cidade "Deixa comer aos pardais que a seara é do Senhor" (Gaspar 1997).

Um aspecto preponderante para a preservação da Identidade destas zonas e para todo o desenvolvimento turístico destas, tem a ver com os Recursos Humanos existentes, pois estes são a base de todo e qualquer desenvolvimento.

"Fisicamente repoblar, mantener, prevenir incêndios, conservar, naturaleza y Patrimonio puede ser fácil desde dentro y fuera con organización y medios.

Económicamente puede logra-se turismo, hosteleria y restauración y aun sobrecargas, superpoblación y desorden con sólo los fuera" (Gaspar 1997:89).

À semelhança das características apresentadas por Gaspar, Barrancos e

Encinasola apresentam hábitos, paisagens, "unos "savoir être", "Savoir faire", savoir vivre", que têm presentes os seus actores e cenários, difíceis de transportar, não mercantilizados por forças exógenas e com um dinamismo capaz de o sustentar e desfrutar.

Estas regiões encerram uma oferta na sua História, no Património natural, artístico; existindo assim um conjunto de tradições que permanecem vivas e que deverão ser preservadas "Hay unas tradiciones y costumbres, un entorno conservado que debe permitir una vida digna a quienes los heredaron y conservan para los que vengan, a la vez que sirva a cuantos quieran disfrutar de sus paisajes, sierras, águas, productos, salud, culturas" (Gaspar 1997:90).

A vida sofreu grandes e rápidas mutações nos últimos anos, devido aos meios de comunicação social e em especial dos meios audiovisuais, contribuindo para a modificação do "modus vivendi" das comunidades rurais, estes substituíram o largo centro de notícias, como iremos referenciar posteriormente "constituindo simultaneamente, um dos factores determinantes para a desertificação humana dos espaços rurais e conseqüente perda do saber tradicional" (Ferreira 1997:101).

O turismo é sem dúvida um dos maiores vetores de desenvolvimento, quer em Barrancos, quer em Encinasola e em todo o território envolvente.

Ao longo dos anos a actividade agrícola, a vida no campo e o isolamento a que estes municípios foram dotados, marcaram a vida destas gentes e seu "modus vivendi".

Encinasola é a localidade Espanhola geograficamente mais próxima de Barrancos. Daqui Barrancos herdou algumas daquelas, que hoje são as suas expressividades Culturais:

- O dialecto ⁶

⁶ "Na vila de Barrancos, fala-se um dialecto do português medieval - o alentejano - com fortes traços dos dialectos do sul de Espanha: o "Andaluz" e o "Extremenho".

Encontramo-nos, pois, face a um dialecto romântico. Trata-se de um dialecto misto, produto de longo contacto entre as povoações vizinhas das duas actuais nacionalidades, a espanhola e a Portuguesa.

- Os quintos⁷
- O Natal

As Festas de Agosto " e a Maneira de estar das suas gentes. " Barrancos tem, ao longo do ano, três festas que merecem destaque: A feira, o dia oito de Dezembro e o Natal.

Devido ao isolamento geográfico que a nossa terra se encontra, nós, os barranquinhos, criamos as "nossas coisas" e temos é um jeito muito original de sermos portugueses.

A Feira está (permitam-me a comparação) para os barranquinhos como o Carnaval está para os barranquinhos como o Carnaval está para os brasileiros. É de facto algo muito nosso e muito original!

A fala deve remontar-se àqueles tempos medievais em que as fronteiras desta zona estavam pouco definidas. De facto Afonso IX, por exemplo, em 1248, discutia a legitimidade das conquistas que a margem esquerda realizava o monarca português Sancho II a debilidade política do país vizinho, recupera os Castelos de Moura, Serpa e Noudar.

É a primeira vez que se fala aqui do Castelo de Noudar, pois vai ter uma importância decisiva na criação do dialecto barranquenho, como se verá.

(...) Ao longo dos séculos, no que diz respeito à população, Noudar sofreu oscilações: em 1308 tinha 79 moradores; no fim do século XIV, teria 400 habitantes e este deve ter sido o nº mais elevado de pessoas até começar o seu declínio em finais do século XVIII.

Estes habitantes de fala espanhola (entendido isto no sentido amplo do termo), vieram das aldeias próximas, extremenhas ou andaluzas de Cumbres Menores e Encinasola, entre outras, e instalaram-se nas terras pertencentes ao Castelo de Noudar. (...) É em 1493 a primeira vez que o nome de Barrancos aparece na História e o faz como dependente da fortaleza de Noudar" (Navas 2001:12).

Esta terá sido uma das heranças da História entre Portugal e Castela e que hoje permanece viva no Homem que vive entre a raia.

⁷ Os quintos - " É importante, e está muito viva entre a povoação, a celebração que "os quintos" (moços que vão ser chamados à tropa) fazem um mês antes das sortes; todas as noites agarrados pelos ombros, à maneira alentejana, cantam em espanhol, pelas ruas da vila, quadras relativas ao seu futuro militar, como estas - estas canções apresentam formas normativas espanholas onde se podem contemplar exemplos de misturas das duas línguas e culturas nestes versos, os habitantes de Barrancos manifestam que vivem entre dois espaços linguísticos, o português ("depressa, vai-te") e o espanhol de cujo contacto são o produto" (Navas 2000:13).

Ela marca uma época anual daí ser consequente estarmos a mencionar um facto e dizermos:

- "Isso se passo anti da fera"
- "Isso se passo depois da fera" (Monteiro 1995: 4).

Para um dos meus informantes é o culminar de um ciclo de tradições, que se efectua ao longo do ano. "É o culminar de uma série de tradições que acontecem ao longo do ano, o nosso fim de ano é basicamente a feira. Toda a gente vive apontando para a feira e todas as festas apontam para o mesmo fim. É como que um ritual que se vai fazendo e que atinge o seu auge nesta festa.

As pessoas não identificam que há uma fogueira na Praça, as pessoas não sabem o que se passa por lá, o convívio que se partilha, a música, as vivências. A música que é Espanhola. As pessoas cá em Barrancos conhecem mais facilmente artistas espanhóis do que portugueses. Mas as pessoas que vêm de fora e não conhecem, não ligam, pensam que é apenas Touros de Morte, o que é erróneo" (Palavras de um dos meus informantes).

"(...) À semelhança do que acontece com o carnaval brasileiro, a "Fera" é vista como propriedade de todos, como um momento em que a comunidade se descentraliza e em que todos têm o mesmo direito de se divertir. Para Espírito Santo e parafraseando DaMatta, as festas no geral, e a barranquenha em particular, são momentos marcados pela alegria e por valores considerados altamente positivos, por oposição à rotina da vida diária, que é vista como negativa. (...) A festa consegue fazer esquecer as preocupações diárias" (Espírito Santo 2001:76).

A "feira" é o termino e o inicio de um ciclo de tradições, que vão decorrendo ao longo do ano, havendo aqui um renascimento, uma renovação para seguir um novo ano de tradições.

Encinasola, como já referimos anteriormente encontra-se situada junto ao Parque Natural de Aracena e Picos de Aroche, estando situada a Noroeste da Província de Huelva.

Encinasola, como já referimos anteriormente encontra-se situada junto ao Parque Natural de Aracena e Picos de Aroche, estando situada a Noroeste da Província de Huelva.

O Rio Múrtega, composto por uma diversificada flora e com um suporte fortíssimo de fauna, vai ao encontro do rio Ardila, onde em terras portuguesas estabelecerá a união com o Múrtega. Tal como o rio estas gentes da raia terá procurado, ao longo dos séculos esta união, que o rio geograficamente separa e simultaneamente une, estabelecendo assim "um verdadeiro casamento entre Portugal e Espanha".

Uma das belas paisagens que Encinasola possui é o rio "Valquemado", que vai desaguar nas águas do Múrtega. No percurso entre serras e vales, oferece recantos lindíssimos, que adquirem maior beleza, junto do "Peñon do Buho" e do "Aguila" (estes são nomes de locais específicos, atribuídos em Encinasola).

À semelhança do Alentejo, as casas encontram-se caiadas de branco e os telhados compostos por telhas avermelhadas. Ao observarmos atentamente as duas localidades, rapidamente damos conta, que têm alguns nomes de ruas e lugares comuns, como é o caso de "Altozano" e "Montes Claros".

E porque Encinasola encontra-se em território Andaluz, as suas maiores manifestações culturais encerram-se no Fandango e na "Dança Del Pandero"⁸ e na Romeria "Da Virgem de Flores", Padroeira de Encinasola.

A Romaria de Flores - No Domingo de Ramos decorre uma Procissão, onde a Virgem virá desde a Ermida de Flores situada a 9 quilómetros de encinasola até à Igreja da localidade, onde permanecerá durante oito dias. Passados oito dias após

⁸ "A Dança Del Pandero" que teve a sua origem no séc XIII, dançava-se quando falecia uma criança, convicto que o sofrimento da vida seria compensado com a morte, com a entrada no paraíso celeste. Cantava-se e dançava-se à porta da residência da criança.

Cantava-se à porta da criança formando um corredor "bajo la sobriedad del Pandero", único instrumento utilizado.

Onde posteriormente se deslocavam à casa dos padrinhos da criança, onde novamente dançavam e eram recebidos com doces, enchidos e outros produtos típicos da região.

O "Pandero" caracteriza-se pela elegância e austeridade dos seus compassos.

Está a lenda desta Ermida ligada à História com Portugal, diz a lenda que os portugueses vieram roubar a Virgem de Flores para a levar até Portugal, devido à devoção que por cá havia com a respectiva Virgem. Fez uma grande trovoada o que impediu a travessia do Múrtega, assim os portugueses esconderam a imagem entre uns ramos, para regressar mais tarde e prosseguir a viagem com a Virgem. Ao ser encontrada por “Marochos”, habitantes de Encinasola, antes dos portugueses chegarem, decidiram então fazer uma ermida no lugar onde foi encontrada a Imagem.

É neste local que Encinasola celebra a Segunda-Feira de Pascoela, com uma grande Romeria.



Fig. n.º 5 - Ermida de Flores - Encinasola

O folclore é uma das mais fortes manifestações culturais desta localidade. Dela Barrancos recebeu herança, como é o caso dos quintos, que hoje permanece viva nesta localidade e em Encinasola acabou por desaparecer.

Actualmente o Fandango de Encinasola é um dos mais importantes da

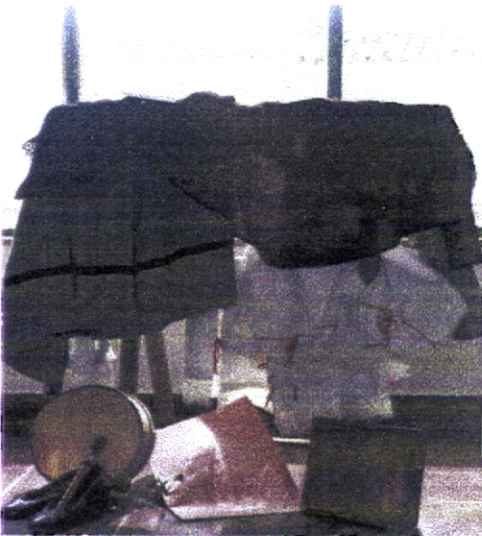
Província de Huelva. Terá surgido no séc XVI e dançava-se nos casamentos e nas festas em Honra da Virgem de Flores, padroeira de Encinasola, todavia com grande expressão, principalmente na Romeria.

É com Encinasola que Barrancos, mantém quotidianamente contacto. À semelhança de Espanha, Barrancos também celebra a Segunda-feira de Flores (designação dada pelos barranquinhos) passado oito dias do Domingo de Páscoa. Não existindo nenhuma Procissão, todos os barranquinhos vão para o campo, ficando a vila quase deserta, onde em reuniões de grupos passam o dia no campo, num local designando por "Cadaval". "As pessoas agrupam-se por laços familiares ou de amizade e distribuem-se pelos montes mais ou menos distantes ou ficam pela margem do rio, local em que se mantêm até à hora do almoço. A partir daí, cada um circula livremente, por uma vasta área, encontrando-se uns e outros. Alguns aproveitam para dar passeios a cavalo, de burro, ou de mota, tudo isto num caminho estreito de terra batida, fazendo levantar uma nuvem densa de poeira" (Espírito Santo 2001:62).

A Paisagem dos dois Municípios assemelha-se um pouco quer nos seus montes, quer nos seus vales. Assim, a fauna e flora que compõem estas duas localidades é praticamente a mesma.



Figura. n.º 6 - Dança Del Pandero - Encinasola



Na figura nº7, podemos observar o traje da Dança “Del Pandero” e os instrumentos musicais utilizados durante a mesma.

Figura n.º 7 - Traje utilizado durante a Dança

Com o passar dos anos, com a mecanização da agricultura a actividade do campo sofreu grandes alterações. Quem aqui vivia teve que partir para outros destinos à procura de melhores condições de vida.

De Barrancos partiram para Lisboa e arredores, Almada, Amadora e para o estrangeiro, nomeadamente França e Suíça, terão sido os locais mais cobiçados.

Os habitantes de Encinasola partiram para Madrid, Sevilha, Huelva e alguns para o estrangeiro, a Alemanha foi um dos países para onde foi grande parte da população emigrante de Encinasola.

Actualmente ambos encerram um conjunto de valores expressos em Romarias, como é o caso da Romeria de Flores de Encinasola, nos sabores dos seus pratos, que acarretam um grande número de turistas aos fins de semana, desenvolvendo o turismo gastronómico.

Será a Identidade Cultural destes povos, aliadas ao turismo de natureza que poderão modificar a realidade até aqui existente nas vidas destas gentes.

É necessário repensar o turismo e lançar estratégias, para que a relação do Homem com a natureza, possa ser harmoniosa e este possa ser um turismo de qualidade. É assim também necessário atender à cultura e ao património cultural destas comunidades se atendermos à definição de cultura que nos é dada por alguns antropólogos "conjunto de modelos comportamentais, de usos e costumes, de instrumentos e de objectos, usados por uma população geralmente a um espaço geograficamente definido" (Vasquez 1997:103). Este mesmo autor considera que "a cultura deve ser encarada no seu contexto e abordada nas suas manifestações do dia-a-dia, encorajando a criatividade e partindo do princípio que é acessível a qualquer pessoa" (1997:103)

Seguindo a perspectiva de Vasquez a cultura será um conjunto de símbolos e manifestações, usos e costumes usados por uma população, numa determinada área geográfica, tendo assim uma população com características peculiares, como é o caso concreto de Barrancos em relação a outras comunidades do Alentejo" (Vasquez 1997).

As manifestações da actividade mental do homem são expressões de escolha determinadas que o mesmo faz para organizar a sua própria vida. São elas que constituem a sua cultura. Segundo Domingues parafraseando Taylor cultura é "todo o complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade. Deste modo a cultura pode ser definida como a soma total dos esforços do homem para ajustar-se ao ambiente e melhorar a sua maneira de viver" (Domingues 1995:61).

Ao longo dos tempos e segundo as tipologias das culturas particulares fixou-se pouco a pouco, o conceito de Subcultura faz parte de um fenómeno de estratificação cultural e social. Contudo esta não possui uma autonomia completa, já que, embora mantendo elementos importantes de distinção e separação, participa em certa medida na cultura dominante. Este aspecto de subordinação que coloca a Subcultura numa relação directa com outra cultura que por motivos vários (históricos ou dinâmicos) se assume como dominante, deve ser sempre considerado" (Domingues 1995).

Barranco assume-se como uma subcultura no seio daquilo que é a Cultura Alentejana. O Município de Barrancos encontra-se assim, unido por um conjunto de valores partilhado pelos seus membros.

Centremo-nos um pouco sobre o conceito de Identidade para posteriormente centrarmo-nos na Identidade Cultural de Barrancos. Segundo Diaz, Caldera e Fernandez as crianças através da sua identificação adoptam certas características, crenças e determinados valores e condutas de outras pessoas e grupos. A identificação é um dos aspectos mais importantes do desenvolvimento da personalidade nos primeiros anos da sua vida. Normalmente as crianças tendem a imitar os adultos, as pessoas com quem se identificam, os pais, professores e querem ser como elas.

Este é um dos processos de maior relevo, no que concerne ao processo de identificação, no desenvolvimento da infância. Para Diaz, Caldera e Fernandez

parafraseando Papalia "as crianças acostumam-se a adoptar as crenças, atitudes e valores do modelo, assim como a sua conduta".

Assim, cada cultura ou subcultura, o grupo étnico tem uma personalidade "típica" um conjunto particular de motivos, idéias e maneiras de interactuar com indivíduos, que é característica dos seus membros. De certo modo, a cultura onde a criança cresce prescreve os métodos e os conteúdos da sua acção, a forma como se ensinará, assim, como as características da personalidade, os motivos, as atitudes e os valores que deverá adquirir.

A pertença a uma nação ou a um grupo étnico é um elemento relevante para a fixação da identidade pessoal. Aliado ao género (identidade sexual) e ao nome próprio, constituem o trio essencial da identidade. Somos masculinos ou femininos, chamam-nos de uma forma concreta "Maria, Francisco, Pedro"... e temos uma determinada "nascença" e ao mesmo tempo outros tipos de conhecimento social, o conhecimento sobre o facto nacional, é também uma construção pessoal, uma síntese individual a partir de uma intensa transacção social (Torres, 1994:388). De tal maneira que esta transacção nacional se desenvolve, histórica e individualmente através do mecanismo da comparação social.

A aquisição e modificação da personalidade e conducta social das crianças estão reguladas por vários factores, pois os diversos grupos transmitem valores, mitos e símbolos que recolhem o resultado favorável da comparação social com outros povos.

É todavia importante, salientar o papel da língua no desenvolvimento do Homem. Porque é na língua, juntamente com os contextos afetivos sociais onde se desenvolve, o "encargo" de transmitir as representações sociais como formas estereotipadas dos diferentes "endo" ou "exogrupos".

É precisamente no momento em que as crianças começam a aplicar determinado tipo de linguagem, como instrumento de comunicação e intercâmbio, que se inicia uma maior "amplitude" nas diferenças que existentes entre os indivíduos que vivem em contextos sociais e culturais diferentes, podendo dizer,

indivíduos que vivem em contextos sociais e culturais diferentes, podendo dizer, que em comunidades - Nacionalidades diferentes, e a tomar consciência deste facto.

Quando o emprego da linguagem potência ou influência do meio social e cultural diferente, as coisas começam a modificar, como consequência das diferenças na qualidade dos contextos em que são criadas as crianças. Provavelmente por esta razão, alguns autores defendem que a personalidade da criança estará determinada nos primeiros dois anos de vida, será a partir desse momento que inicia as maiores diferenças entre os grupos.

Terá sido assim, que os indivíduos em Barrancos os indivíduos inter-actuaram, com membros de um outro grupo -comunidade - Encinasola, construindo a sua Identidade "Los contextos socializadores referentes a lo étnico, a lo grupal, a lo Comunitário o nacional suponen conceptos axiológicos (frontera, leyes , valores,etc) y sentimientos de aprecio por lo próprio, en oposición a lo ajeno" (Castro et Al 1994:17).

Terá sido com este apreço que todos os meus entrevistados, terão definido a Identidade Cultural de Barrancos, considerando que esta é uma encruzilhada da cultura Andaluza, Extremenha e Alentejana.

Facilmente um barranquenho se identifica com a Cultura Andaluza, no entanto a cultura Alentejana não deixa de estar presente, segundo a perspectiva de um dos meus informantes "a nossa Identidade é uma mistura do Alentejo e da Andaluza Espanhola, contudo penso que a cultura barranquenha tem mais a ver com a Andaluza do que com o Alentejo... mas, temos grupos corais Alentejanos e simultaneamente dança-se muito sevillhanas, o que também se está a alterar um pouco. Há algum tempo atrás as pessoas tinham a televisão na espanhola, ouviam música espanhola, liam revistas espanholas, as próprias festas têm muito de Espanha".

Para um outro entrevistado a cultura barranquenha é "(...) um produto de duas ou três culturas: A Andaluza, a Extremenha e a Alentejana".

barranquenho canta à Espanhola, mas também não esquece o cantar Alentejano e facilmente o ritmo é alternado.

Devido às dificuldades de uma Guerra, às crises económicas, à teimosia do rio e à própria morfologia do território, Barrancos adquiriu um ser diferente .

Barrancos, possui um conjunto de produtos locais, que poderão ajudar no seu desenvolvimento. A nível turístico deram-se os primeiros passos, nestes últimos anos, não só em Barrancos, como também em Encinasola. A confirmar este facto estão duas unidades hoteleiras, uma em Barrancos e outra em Encinasola.

Para um dos meus entrevistados "Barrancos pode ser um pólo de desenvolvimento extraordinário, a nível local, regional e Europeu".

O Desenvolvimento deste Município deverá assentar essencialmente naquilo que são os seus produtos locais:

- As carnes de Porco Preto, Denominação de Origem;
- O Xisto, a sua extracção e a sua venda deverá ser potenciada ao máximo;
- O Turismo ligado à natureza, e neste caso temos os pólos da Coitadinha, Cadaval, Ribeira do Múrtega e todo o seu leito.

É essencialmente a nível turístico que estas localidades fronteiriças têm o seu "trunfo".

Nestes últimos anos o INTERREG tem ajudado na cooperação destes Municípios. Desde 1989 que a Comissão Europeia criou este Programa com o objectivo de dinamizar as zonas fronteiriças, para assim conseguir um desenvolvimento equilibrado destas regiões.

O primeiro Interreg foi aprovado em 1990 e teve uma vigência de três anos, tendo terminado em 1993. Posteriormente, seguiu-se o INTERREG II, dando maior relevo às potencialidades específicas destas regiões.

Actualmente, o novo Programa que irá decorrer no período de 2000-2006, tem como objectivo fomentar a coesão económica e social da União Europeia e potenciar um desenvolvimento equilibrado do território comunitário.

Ao longo destes anos Barrancos e Encinasola têm cooperado através de dificuldades, juntas terão encontrado soluções comuns, que o Homem da raia, soube ultrapassar, criando condições excelentes para o desenvolvimento do turismo cultural.

Cada vez mais o turista procura e exige qualidade, o turismo de massas deixou de estar na moda. Procura-se o diferente, procura-se o lugar. O turismo abriu novos horizontes, surgindo novas necessidades. Penso que é necessário abrir novos caminhos por via do turismo cultural.

Para um bom aproveitamento deste, é necessário sensibilizar estas regiões fronteiriças, os actores sociais que aqui vivem e que compõem o seu território, principalmente os mais jovens, para que possam aproveitar ao máximo os recursos e fixarem as suas vidas, numa zona onde o envelhecimento da população é elevado, serão eles os principais dinamizadores da zona.

Para a dinamização destas localidades apontamos alguns aspectos:

- A nível turístico, um dos aspectos por explorar é a animação turística, facilmente encontramos folhetos informativos, com indicação de rotas, não existindo animação, quer num Município, quer noutro .
- Jornadas, workshops e iniciativas com o objectivo de promover o turismo.
- Encontros - Alternados, onde participam empresários e entidades dos diversos níveis e em áreas diversificadas, culturais, turísticas, agro-alimentares.
- Jornadas sobre o agro-turismo e o turismo rural.
- Revitalização dos Postos Fronteiriços - Com exposição de artesãos ao vivo, fazendo assim renascer o Artesanato. Aproveitando e revitalizando espaços , criando postos de trabalho, aproveitando os indivíduos qualificados.
- Mostras com qualidade nos nossos produtos, em espaços

hoteleiros. Exposições fotográficas de várias temáticas, ambiente, património histórico, arquitectónico e cultural, mostras de artesanato, onde os visitantes possam ir à descoberta.

- Centros de estudos ambientais, com actividades pedagógicas e lúdicas para as crianças.

Valorizar e divulgar os saberes fazer culinários, associados aos produtos específicos de cada Município, desenvolvendo assim o "Turismo Gastronómico".

É necessário estabelecer um elo de ligação entre Tradição-Inovação. "De estigmatização na modernidade, a tradição passa a ser considerada como uma referência cultural e a representar um recurso essencial para o desenvolvimento. A tradição casa-se bem com a inovação. De facto, inovação não se opõe a tradição, como nos fizeram crer, antes deve ser vista como uma necessidade conducente à valorização daquela" (Barros 2003:3).

É necessário estabelecer uma ligação de equilíbrio entre a tradição e a inovação, com o objectivo de manter a qualidade e genuidade do produto.

Ao longo deste capítulo, demos conta da problemática do turismo, apresentando no capítulo a seguir as considerações finais da Investigação.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível apresentar agora algumas considerações finais, na sequência de todo o processo de pesquisa. Centramos a investigação na Identidade Cultural de Barrancos, abordando a problemática do contacto entre culturas e a sua relação com a construção e "manutenção" da Identidade Cultural de Barrancos.

Partiu-se para o terreno com dois objectivos específicos e um objectivo geral: Abordar a problemática do contacto de culturas e a sua relação com a construção e "manutenção" da Identidade Cultural de Barrancos; por outro lado, pretendia-se apresentar propostas de intervenção no sentido de dinamizar o contacto transfronteiriço pela via do turismo cultural.

Estes objectivos foram mencionados na introdução, momento em que também se enquadraram os conceitos de Identidade Cultural, Cultura e Desenvolvimento, nomeadamente o local e o regional.

No ponto dois foi feita a descrição da metodologia, assim como os instrumentos metodológicos que permitiram a realização desta investigação.

Com vista à concretização dos objectivos delineados (anteriormente mencionados), fez-se uma abordagem contextual, pois considerou-se importante a caracterização dos Municípios de Barrancos e de Encinasola e da Região Transfronteiriça, onde estas localidades se situam.

No capítulo quarto "A Taberna do Conhecimento" permitiu-nos verificar a importância do Contrabando, da Guerra Civil de Espanha e dos próprios contactos estabelecidos pela vida no campo, na construção da Identidade Cultural de Barrancos, com o depoimento que os informantes-chaves forneceram.

Conclui-se que vários foram os factores que contribuíram para a construção, assim como para a manutenção da Identidade Cultural de Barrancos, salientando-se os seguintes:

- **Isolamento geográfico** - localização geográfica de Barrancos (cunha de terra que entra por Espanha dentro).
- **Indefinição de Fronteira.**

- **As consequentes Guerras entre Portugal e Castela.**
- **População:** origem da população, a qual de acordo com os Censos realizados até às primeiras décadas do século XX, era maioritariamente espanhola.
- **Estigmatização** da cultura local e resistência: relacionado com as Festas de Agosto no contexto nacional e a defesa da preservação das tradições locais.

Por último centrei a minha pesquisa, na problemática do Turismo apresentando algumas propostas de dinamização destas zonas, por via do Turismo Cultural.

A abertura da fronteira trouxe vantagens para Barrancos e para Encinasola. A entrada de Portugal e de Espanha na C.E.E - Comunidade Económica Europeia, actual União Europeia, veio consentir a abertura total dos seus passos fronteiriços, anteriormente dados com sobressaltos e medo. O que veio constituir um passo fundamental e decisivo, nas relações de vizinhança estabelecidas, desde terras Galegas e Castelhanas, até à extensa comunidade autónoma da Andaluzia.

A abertura da fronteira veio constituir um passo de singular importância, uma vez que veio permitir a concretização de alguns objectivos dos Municípios em análise, aproximando-os a vários níveis, sociais, comerciais e humanos.

Conclui-se que, a Identidade Cultural de Barrancos está já a contribuir para o seu desenvolvimento. A nível turístico e devido à mediatização que a Vila teve nos últimos anos (devido à polémica estabelecida em torno dos Touros de Morte), deram-se os primeiros passos. O desenvolvimento do Município deverá assentar em três aspectos fundamentais, os produtos locais, onde entram o Xisto, as carnes de porco preto e o turismo. Relativamente a este último aspecto, no último capítulo apresento algumas propostas de intervenção. Penso que a este nível há muito por explorar e reflectir.

Os meus entrevistados consideraram que, estas regiões enfrentam todavia, um grande obstáculo, as fracas acessibilidades. Ficando sempre atrás daquelas que

já têm acessibilidades excelentes, como é o caso concreto das localidades situadas do outro lado do "Parque Natural de Aracena e Picos de Aroche". Do outro lado da Serra, o Turismo desenvolveu-se muito mais rapidamente, porque têm excelentes acessibilidades. Sem boas acessibilidades o desenvolvimento torna-se um pouco mais complicado, nomeadamente o turístico.

Contudo e apesar da problemática anteriormente citada, consideram que estas localidades reúnem grandes potencialidades e que devem funcionar com actuações comuns. Estas localidades deverão desenvolver o turismo rural, uma vez que estes Municípios estão favorecidos pela sua situação geográfica

Os dois Municípios devem pressionar os respectivos governos no sentido do desenvolvimento das infraestruturas de comunicação (estradas), que são um factor importante para o resurgimento. Se pretendemos estar à altura dos tempos, temos que pedir, exigir estradas com condições. Em primeiro lugar estas regiões devem desenvolver as suas vias de comunicação. Encinasola necessita das estradas que estabelecem a comunicação de Barrancos com outros lugares, assim como Barrancos necessita das vias de comunicação que Encinasola estabelece com outras localidades.

Devemos tentar conseguir que estas localidades sejam os caminhos preferidos em direcção à costa, Madrid, Sevilha, Lisboa e outras zonas de interesse.

No que diz respeito a Encinasola, os meus entrevistados consideraram que se poderia favorecer e intensificar a criação de programas de desenvolvimento comuns, que promovessem a criação de um marco geopolítico de actuações singulares comuns.

Desde há já algum tempo o desenvolvimento de Encinasola não se compreende sem a projecção dos espaços geopolíticos vizinhos, que de acordo com o território, os povos e a cultura, têm servido para a confecção de projectos, baseados em interesses comuns.

Todavia os meus informantes consideram que, o segredo parece estar no

respeito da História. Na mentalidade das suas gentes, no gosto por vivenciar as tradições, pelo folclore e a manifestação das suas raízes. Dela são bons exemplos, a tradição taurina e a cultura do vinho, comuns às duas microsociedades.

A problemática das identidades enfrenta hoje novas batalhas, face uma sociedade global.

A história deixou-nos um tempo, um conjunto de diferenciações partilhadas por estas comunidades. Tornando-se necessário preservar as Identidades. Uma conquista que o Homem da raia deverá uma vez mais conseguir. É no saber destes actores sociais e nas suas diferenciações e autenticidades que se encerra o desenvolvimento destas regiões.

7 -BIBLIOGRAFIA**AMARO, Rogério Roque**

- 1999 "Inovação e Disseminação na Formação", Actas -
Desenvolvimento de Competências, Competitividade e
Cidadania, pgs. 118 -122.

ALMEIDA, Maria João Coruche Castro

- 2003 "Desenvolvimento Turístico Do Alentejo Aptidões e Usos",
Alcácer do Sal.

BASTOS, Cristiana Lage; EVERARD, Pedro Duarte Alves Lara

- 1982 Da Antropologia ao Antropólogo: Barrancos de um
percurso. Trabalho final de Licenciatura, Universidade
Nova de Lisboa.

BARROS, Vitor

- 2003 "O Papel da Tradição e da Inovação no Desenvolvimento"Local:
Uma Abordagem Integrada": Alcácer do Sal.

BENI, Mário Carlos

- 2002 "As três Sustentabilidades do Turismo" in Estudos Turísticos
- a Comunidade do Turismo na webe (O.M.T).

BELL, Judite

- 1997 Como Realizar Um Projecto De Investigação - Um Guia
Para Pesquisa Em Ciências Sociais e Da Educação, Lisboa:
Gradiva.

BORDIEU, Pierre

- 1989 O Poder Simbólico, Lisboa: Difel.

BURDALO, Juan J. Cendal; GARCIA, Yolanda García

- 1998 "Rutas Turísticas Conjuntas Portugal - Espanha" Turismo:
Horizontes Alternativos - Actas do Encontro realizado
na E.S.E. de Portalegre, Lisboa:Edições Colibri.

- BURNEY, Maria João
2000 "Turismo e a Utilização Sustentável da Diversidade Ecológica",
Évora: Seminário - Rotas e Destinos
- CAPUCHA, Luís
2002 "Barrancos na Ribalta, ou a Metáfora de um País em Mudança"
SOCIOLOGIA PROBLEMAS E PRÁTICAS 39: 1-38
- CABRAL, João De Pina
1990 **Os Contextos Da Antropologia**, Lisboa: Difel.
- CAÇADOR, Sabino
2003 **Divergências Interiores - Municípios de Barrancos e de Encinasola**, Beja, CEFA.
- CARMO, Renato
2003 "Elementos para uma Releitura da Sociedade Tradicional Alentejana", Beja: ESEB.
- CANÁRIO, Rui
1997 "Educação e Perspectivas de Interior", **Perspectivas de Desenvolvimento do Interior**, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- CASTRO, Vicente; DIAZ, A.V; CALDERA, M.^a.I; FERNANDEZ, M.^a I. Ruiz
1994 "Construcción De La Identidad Regional", **Identidad e Fronteras Culturales: Antropología y Museíta, II Congreso de la Historia de la Antropología Española**, Badajoz: PSICOEX
- COELHO, Adelino de Matos
1986 **Fortaleza Medieval**, Barrancos: CMB.
- CRUZ, Manuel Braga da
1991 "Europeísmo Nacionalismo, Regionalismo", **Análise Social 118 - 119: 827-853.**

DIAS, Jorge

1961 **ENSAIOS ETNOLÓGICOS**, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar - Centro de Estudos Políticos e Sociais.

DOMINGUES, Álvaro

1997 "Desenvolvimento do Interior", **Perspectivas de Desenvolvimento do Interior**, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda,

DOMINGUES, Cristina

1995 **Fronteira como Ponto de União**, Seminário de Antropossociologia, Beja, UM.

ESPIRITO SANTO, Ana

2000 **Touros De Morte Num Ciclo De Vida**, Instituto Superior De Ciências Do Trabalho e Da Empresa, ISCTE.

ESTADÃO, Paulo Manuel

1989 "Campos de Noudar, Terras de Vales e Barrancos", **Luzeiro** n°303:4.

FITAS, Ana Paula

2003 "Afirmção Identitária: Uma Problemática para a Região Alentejo", Beja: ESEB.

FRANCO, Norberto

2001 **Porquê de Barrancos**, Barrancos: Câmara Municipal de Barrancos.

GASPAR, Domingos Frades

1998 "El Turismo Cultural En Sierra De Gata", **Turismo Horizontes Alternativos - Actas do Encontro realizado na E.S.E de Portalegre**, Edições Colibri: Lisboa.

- GUILLEN, Antonio Rodriguez**
2003 "Interrelaciones Sociales en La Frontera de La Sierra de Huelva y Alentejo", Beja: ESEB.
- GUERREIRO, João**
1997 "O Desenvolvimento das Áreas de Interior Exige Inovação em Matéria de Enquadramento Empresarial", **Perspectivas de Desenvolvimento do interior**, Lisboa: Imprensa Nacional
- LÓPEZ, López Tomás**
2002 **Cancionero y Tradiciones de Encinasola - Puntos de Encuentro com Barrancos**, Huelva :Tomáz López Lopez.
- LUPI, José Eduardo Pinto Basto**
1984 **A Conceção Da Etnologia Em António Jorge Dias**, Braga: Publicações Da Faculdade De Filosofia.
- MACIAS, Juan; TERUEL, Nuria; CARRASCO, Juan**
1999 "Los Pueblos Célticos - Encinasola", **História de La Provincia de Huelva - Un análisis de los ámbitos municipales**, Huelva: Agedime, S.I-Editorial Mediterráneo.
- MARTINS, Moisés**
1993 "Identidade Regional, Local e Dinâmica Cultural - O Papel das Autarquias", **Estruturas Sociais e Desenvolvimento,II Congresso Português de Sociologia**.
- MONTEIRO, Maria Agudo M.**
1995 "Falando Do Que é Nosso", **Luzeiro** 368:3
- MONTEIRO, Paula**
2003 "Identidade e Território", Beja: ESEB.

MOREIRA, Carlos Diogo

- 1994 **Planeamento e Estratégia da Investigação Social.**
Lisboa: ISCP
- 1996 **Identidade e Diferença - Os Desafios do Pluralismo Cultural,** Lisboa: I.S.C.P,

MUÑOZ, Juan José Pujadas

- 1992 **EL Método Biográfico: El Uso De las Histórias de Vida en Ciencias Sociales,** Madrid: Cis.

OLIVEIRA, Luis Valente de

- 1997 "Problemas do Mundo Rural", **Perspectivas de Desenvolvimento,** Lisboa: Imprensa Nacional casa da Moeda.

PALMA, Ana Seixas

- 1999 "Turismo e Desenvolvimento no Alentejo", **Turismo Horizontes Alternativos - Actas do Congresso realizado na E.S.E em Portalegre,** Edições Colibri: Lisboa.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van.

- 1992 **Manual de Investigação em Ciências Sociais,** Lisboa:Gradiva.

RAMOS, Francisco Martins

- 1996 **OS Proprietários da Sombra,** Lisboa: Universidade Aberta
- 2001 "Histórias de Vida: Produto e Meio de Produção", **Economia e Sociologia** 71:55-71. 2
- 2001 "Etnologias", **Os Caminhos do Desenvolvimento,** Monsaraz: ADIM
- 2002 "Reflexões Sobre o Trabalho de Campo Antropológico", **Sociologia Em Diálogo** 1: 51-65.

REGO, Miguel

- 1996 "Território de Fronteira, Barrancos e Encinasola", **Encinasola:**

Actas do XI Jornadas Del Património De la Sierra De Huelva,
Encinasola: Diputación Provincial de Huelva.

REIGADO, Felisberto Marques

1999/2000 "Desenvolvimento das Dimensões Local e Rural",
Episteme 3-4:279-294.

ROCA, Zoran; MOURÃO, Jorge Carvalho

2003 "Identidade Local; Globalização e Desenvolvimento Rural: à
procura de verificação empírica", 1º Congresso de Estudos
Rurais - Mundo Rural e Património, Vila Relá.

ROSSA, Sónia

1999 Práticas Alimentares em Paredes da Beira, Trabalho
realizado no âmbito do Curso de Sociologia, U.E.

SARAMAGO, Jacinto D. Mendes

2000 A "DOP - Presunto de Barrancos" como factor de
desenvolvimento sócio-económico, Trabalho realizado no
âmbito do Seminário Temático do Curso de Sociologia, U.E.

SAMPAIO, Jorge

1997 Discurso do Presidente da República", **Perspectivas de
Desenvolvimento do Interior**, Lisboa:Imprensa Nacional Casa
da Moeda.

SANCHEZ, Maria Vitória Navas

2004 "Dialecto Barranquenho, Apontamentos Para a História de
Barrancos", Barrancos: CMB.

SALVATIERRA, Pilar Jimeno

1993 "La Construcción de Identidades Sociales" - **Identidad y
Fronteras Culturales: Antropología y Museística - Actas II
Congreso de Historia de la Antropología Española**, Badajoz:
PSICOEX

SEDAS NUNES, Adérito

1996 **Questões Preliminares sobre as Ciências Sociais**, Lisboa:
Editorial Presença (1ª edição 1970).

SIDARUS, Adel

2003 "As Minhas Identidades", Beja:ESEB

TAPAJEDO, Carolino

1998 "Uma Estratégia Para o Turismo Norte Alentejano",
Turismo:Horizontes Alternativos - Actas Do Encontro
Realizado Na E.S.E De Portalegre,Lisboa: Edições Colibri.

THIESSE, Anne Marie

2001 **A criação das Identidades Nacionais Europa - Séculos
XVIII-XX**, Lisboa: Actividades Editoriais
(1ªedição:Setembro de 2000).

TORRES, Cláudio

2002 "Turismo, Camponeses e Património Construído", **Com Os Olhos
no Futuro - Reflexões Sobre o Turismo em Portugal**, Lisboa:
Conselho Sectorial do Turismo

2003 "O Local Como Sitio da Memória", ESEB:Beja.

TRUJILLO, Francisco Javier Perez; DOMINGUEZ, Manuel Moreno

1999 "El Contrabando en La Sierra de Aroche", A Guerra Civil de
Espanha na Raia - Mesa Redonda, CMB.

VÁZQUEZ, José Maria de Pedro Corrales

1998 "El Turismo Ambiental Una Forma de Desarrollo", Turismo:
Horizontes: Alternativos - Actas Do Encontro Realizado em
Portalegre na E.S.E. , Lisboa: Edições Colibri.

VALAGÃO, Maria Manuel; Silva, Joana Gomes Da

2005 "Inovar e Valorizar as Tradições Alimentares enquanto
Percursoras da Conservação da Natureza e do Desenvolvimento
Local em Alcácer do Sal"; Um Projecto de Desenvolvimento
Experimental e Demonstração do Po Agro, Álcacer do Sal.

VELOSO, Irene

1997 "Perspectivas de Desenvolvimento do Interior (algumas
considerações)", **Perspectivas de Desenvolvimento do
Interior**,Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

INTERNET E ORGANISMOS OFICIAIS

AYUNTAMIENTO DE ENCINASOLA, "Estudo Socioeconómico de Encinasola En Relacion Con Su Comarca", Oficina de Desarrollo Local, Encinasola.

BENI, Mário Carlos - "As três sustentabilidades do turismo" - www.abbtur.com.br/turismo.

CÂMARA MUNICIPAL DE BARRANCOS

2003 - Balanço Social

CENSOS 2001 - www.ine.pt.

INSTITUTO DE DESARROLLO LOCAL - Encinasola - El rumbo de la historia

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS, "Dinâmicas Regionais em Portugal - Demografia e Investimentos", Departamento de Prospectiva e Planeamento.

PLANO DIRECTOR MUNICIPAL DO MUNICÍPIO DE BARRANCOS, CMB

8 - ANEXOS

ANEXO I

**CONTRIBUTOS PARA HISTÓRIAS
DE VIDA**

A história de José é semelhante á de Isabel, com a diferença de que este viveu a infância em Barrancos.

José nasceu em Huelva, numa pequena aldeia próxima da cidade de Huelva.

Viveu a sua infância em Barrancos, num local designado por Canto De Cima, local onde viu passar algum contrabando.

Viveu em Barrancos até casar, esperou que o seu irmão Manuel desse o 1º passo para o casamento, para posteriormente dar ele o seu.

Também viveu na Contenda, com a sua mulher e os seus sogros.

Casou e foi viver para Encinasola, pois a sua esposa era desta pequena localidade. Em Encinasola nasceram os seus filhos, local onde ainda hoje reside.

Homem alegre de conversa afável e bem disposto, homem de negócios ligados à agricultura. Mantém quotidianamente contacto com a localidade de Barrancos, por razões de negócios, familiares (o seu irmão ainda reside em Barrancos) e das amizades que a História da sua vida permitiu edificar.

António é um jovem que reside em Encinasola. Os seus avós viveram em Moura, foram para lá viver antes da Guerra Civil de Espanha. Do lado paternal a família era composta por onze irmãos.

O pai veio viver para Encinasola com mais quatro irmãos, os restantes ficaram por Moura, onde todavia tem família.

Os outros casaram em Encinasola e construíram família nesta pequena localidade da Andaluzia Espanhola.

O pai de José quando veio viver para Encinasola trouxe práticas agrícolas novas, que os "Marochos" começaram a adaptar.

Para além das práticas agrícolas trouxeram termos linguísticos que todavia se utilizam em Encinasola, tais como fechadura e buraco.

A Guerra foi um tormento. As pessoas tiveram que pedir ajuda, um dos meus tios era secretário do Partido Socialista, na altura da guerra teve de fugir e a minha tia escondeu-o durante meses num monte de lenha. Foi procurado muitas vezes pela Guarda espanhola.

A época do contrabando à parte do produto em si trouxe a bagagem cultural das relações.

Este jovem devido às relações familiares mantém um contacto permanente com Portugal, não só com Barrancos mas com outras localidades vizinhas.

ANEXO II

Fotografias do Município de Barrancos
Fotografias do Município de Encinasola



Fig. n.º 01: Hotel Agarrocha



Fig. n.º 02: Vale do Múrtega - Paisagem Natural do Município de Barrancos



Fig. n.º 03: Janelas e sacadas típicas de Barrancos com influência espanhola



Fig. n.º 04: Janelas e sacadas com influência andaluza



Fig. n.º 5,6: Marcos divisórios do território espanhol e português



Fig. n.º 07 - Vista parcial de Barrancos - vista do lado espanhol



Fig. n.º 08. Torre da Igreja de Nossa Senhora da Conceição e torre do Relógio



Fig. n° 09 - Vista Parcial de Encinasola



Fig. n.º10: Rua de acesso a Encinasola



Fig. n.º 11: Janela típica



Fig. n.º 12: Porta e janela típica

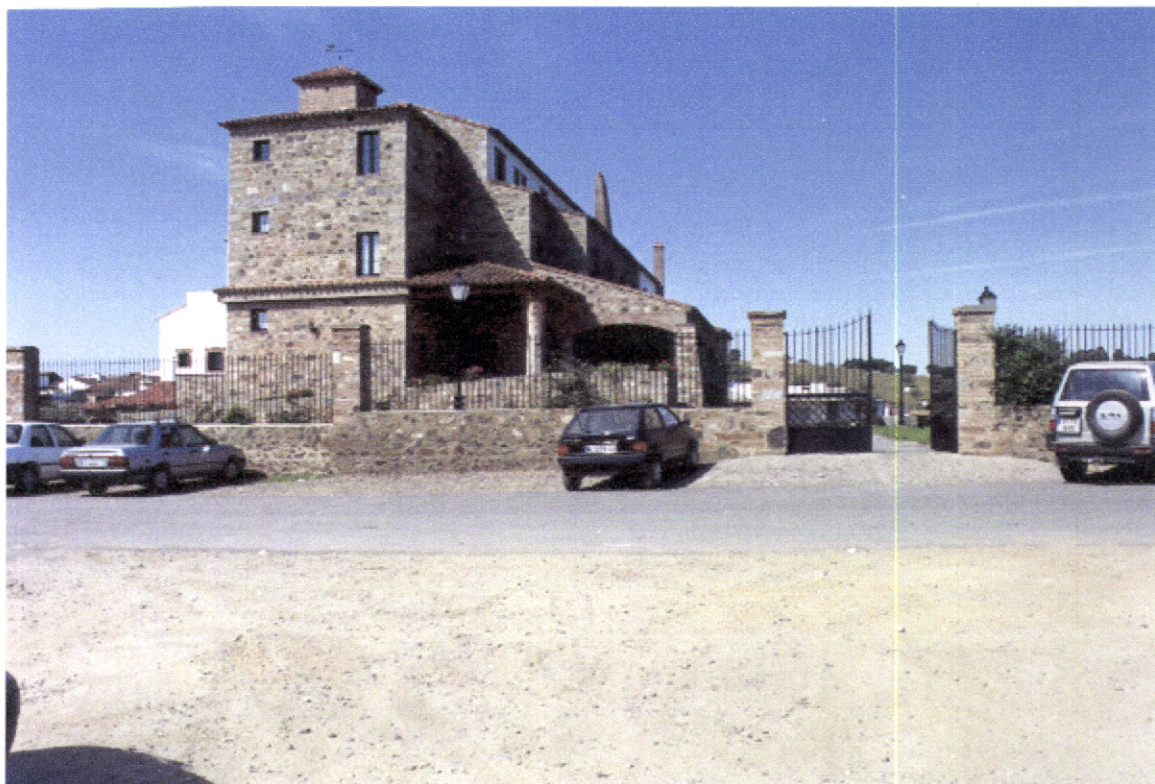


Fig. n.º 13: Hotel el Rincón del Abade



Fig. n.º 14: Vista da Torre da Igreja. De S. Andrés



Fig. n.º 15: Monte ou "Cortijo" - situado na via de acesso Barrancos /Encinasola-

Estrutura representativa da actividade agrícola desenvolvida nestas zonas de fronteira

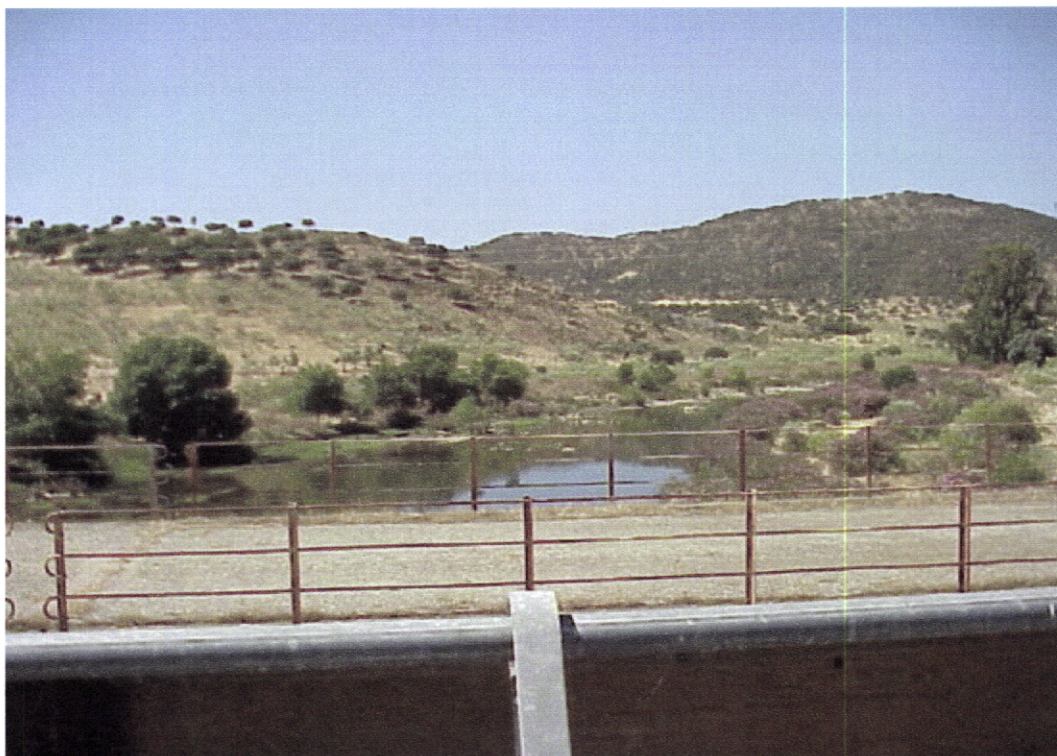


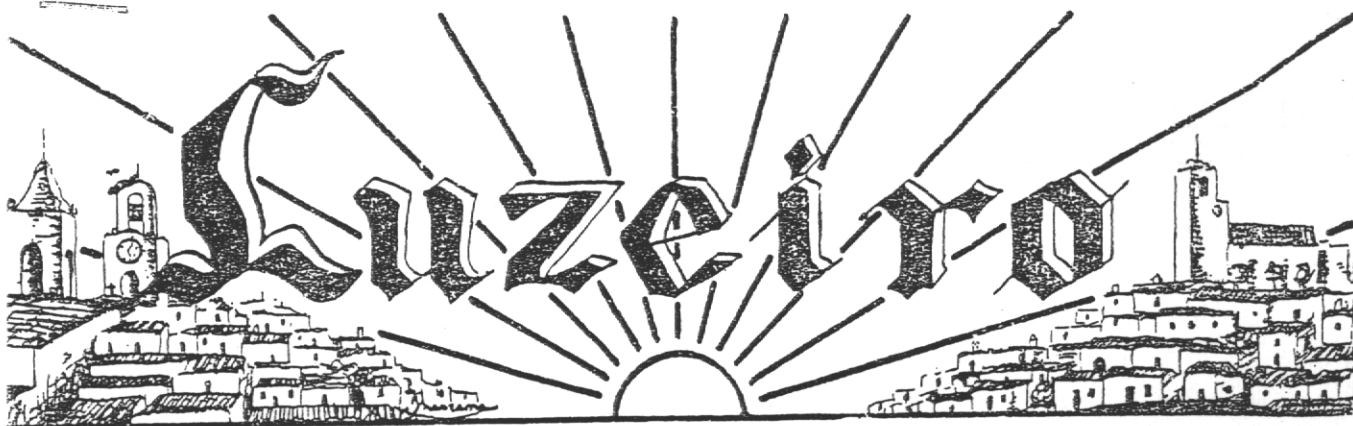
Fig. n.º 16: Antiga via de acesso



Fig. n.º 17: Via de acesso Barrancos / Encinasola

ANEXO III

DOCUMENTOS DOS MUNICIPIOS DE BARRANCOS E DE
ENCINASOLA



MEMSÁRIO PAROQUIAL DE BARRANCOS E SANTO ALEIXO DA RESTAURAÇÃO

Director e Editor: P.º Agostinho A. dos Santos	Propriedade da Paróquia de Barrancos	Redacção e Administração: Casa Paroquial — Barrancos	Composto e impresso na Bejagráfica, Lda. — Beja Depósito Legal: n.º 1954/83	FEVEREIRO DE 1993 ANO XXXIV N.º 345 AVENÇADO
---	--	---	---	--

DIAGNÓSTICO DA IGREJA EM PORTUGAL

Os Bispos Portugueses foram a Roma em visita «ad limina», ou ao limiar da Igreja, por ali se ter estabelecido o primeiro Papa da Igreja, S. Pedro, e dali ter irradiado o cristianismo para todo o mundo e dali terem continuado os seus sucessores a governar o mundo cristão.

É uma visita obrigatória que fazem os bispos de todo o mundo, de cinco em cinco anos, para manifestarem a sua união com o Santo Padre e com toda a Igreja. Têm conta dos avanços e recuos do cristianismo nas suas dioceses e recebem orientações para uma maior eficácia da sua vida pastoral.

Depois de terem passado individualmente pelos diferentes dicastérios (ou ministérios) para apresentar cada qual o relatório do seu trabalho da sua diocese, cada bispo teve um encontro particular, a sós, com o Sumo Pontífice e no final um encontro colectivo de todos que terminou com uma concelebração Eucarística, depois de recitarem em comum o Credo, junto dos túmulos de S. Pedro e S. Paulo, para mostrarem que a fé que eles ensinam é a fé da Igreja fundada pelos Apóstolos. A visita termina com uma refeição de todos com o Santo Padre.

No encontro colectivo com João Paulo

II, o Arcebispo de Braga fez um breve diagnóstico da Igreja em Portugal, de que aqui fazemos uma pequena síntese.

Disse que a maioria dos portugueses confessa-se cristã e nas dioceses do norte a frequência à missa dominical anda à volta dos 50%, sendo bastante inferior nas dioceses do sul. Contudo nem só pela assistência à missa se pode aferir o fenómeno religioso, pois ele tem raízes mais profundas e diversificadas.

Para melhor diagnosticar o estado da Igreja em Portugal, apresentou alguns sinais, positivos uns, negativos outros, que passamos a resumir:

SINAIS POSITIVOS

- Bom relacionamento entre as autoridades eclesásticas e as civis, para o bem comum, independentemente da cor política destas.
- Razoável participação na missa dominical e sacramentos com adesão mais consistente e activa.
- Crescente colaboração dos leigos nas tarefas da Igreja.
- Investimentos vultuosos na criação e renovação das estruturas materiais.
- Renovação dos seminários e aumento

progressivo, embora lento, dos candidatos ao sacerdócio.

- Implementação da imprensa, rádio e televisão de inspiração cristã.
- Maior esforço na preparação para o casamento.
- Catequização mais prolongada e actualizada, sobretudo entre os jovens.
- Aturada preparação dos confirmandos e revitalização das visitas pastorais.

SINAIS NEGATIVOS

- Crescente baixa da natalidade.
- Desertificação do interior onde a vivência cristã é mais geral e autêntica.
- Diminuição e progressivo envelhecimento do clero.
- Permissivismo moral fomentado por vários factores ambientais.
- Enfraquecimento do vínculo conjugal, com o crescente e facilitado recurso ao divórcio, casamento apenas civil e meras uniões de facto.
- Laicização progressiva da vida pública.
- Intensa propaganda de seitas religiosas, com adesões significativas, sobretudo entre as classes menos cultas.

(Continua na 2.ª pág.)

FESTEJADA A ABERTURA DA FRONTEIRA DE BARRANCOS

A abertura da fronteira de Barrancos foi festivamente celebrada, no local, com um inolvidável convívio entre as populações dos dois povos vizinhos, Barrancos e Encinasola (e não só), no dia 23 de Janeiro.

As comentes que impediam a circulação na estrada entre os dois povos, foram retiradas do lado de Espanha às 23.30 horas do dia 9, logo após comunicação telefónica

das autoridades superiores. Grande parte da população de Barrancos, que já dormia o primeiro sono, acordou com o estralar dos foguetes espanhóis subidos no local. Do lado de Portugal, seria só às 8 horas do dia 14, após diligências do Presidente da Câmara de Barrancos. Procederia ao acto o capitão da Comandância da Guarda Fiscal de Évora, na presença das autoridades locais e das câmaras da nossa Televi-

são. Foguetes portugueses assinalaram o dia e a hora.

Por enquanto a fronteira está aberta das 8 às 24 horas, com o controlo da Guarda Fiscal do lado de Portugal, porque do lado de Espanha a Guarda Civil desapareceu dali por completo. Só a partir do mês de Agosto é que passará a ficar aberta de dia e de noite e sem qualquer controlo.

(Continua na 4.ª pág.)

RENDIMENTO PARA 1993 DA JUNTA DE FREGUESIA DE SANTO ALEIXO DA RESTAURAÇÃO

A J. F. de Santo Aleixo prevê para 1993 a seguinte receita, em contos:

receitas correntes	9 067
transferência da C. M. de Moura	3 423
Total	12 490

(De notar que hoje o rendimento previsto das duas propriedades que possui, é de 1 130 contos).

Com esta receita prevê fazer as seguintes despesas:

salário	7 250
alugueres não duradouros	300
adquirição de serviços	650
alugueres	500
alugueres	1 810
instruções diversas	1 480
quinária e equipamento	500
Total	12 490

Nesta despesa não está incluído o abastecimento de água, esgotos e pavimentação de ruas, a cargo da Câmara concelhia de Moura, que tem prevista, para Santo Aleixo, a verba de 27 650 contos, assim distribuída:

6 000 para água nas ruas de Aroche, Eira Tavares, Tavares, Nova, Juncalinho, Balança, Rochas Altas e Praça.

8 100 para esgotos nas Travessas da Rua do Forte e Rua Nova, parte da Rua Nova, parte da Rua do Juncalinho, traseiras da Rua D. Afonso Mendes, traseiras da Rua das Rochas Altas, Travessa da Rua da Fonte Santa, Estrada da Contenda até à Escola N.º 1.

12 550 para pavimentação das Ruas Aleixo Carrasco, Barrancos, Afonso Mendes e Fonte de Aroche.

1 000 para o projecto da ETAR (Estação de Tratamento dos Esgotos).

A BÍBLIA EM MUITAS LÍNGUAS

São 1978 as línguas ou dialectos em que no final do ano passado estava traduzida a Bíblia ou parte dela. Entre as 32 línguas novas que acolheram integralmente o texto sagrado, em 1991, contam-se Kituba (Zaire), o Kekchi (Guatemala) e o Macedónio (Jugoslávia).

A África é o Continente onde foi mais traduzida, com 566 versões, contra 490 na Ásia, 411 nas Américas, 321 no Pacífico e 187 na Europa. Três versões existem em línguas artificiais, como o esperanto.

Certamente não há no mundo qualquer outro livro que esteja traduzido em tantas línguas. Segundo a notícia difundida pela Sociedade Bíblica Alemã, estas traduções permitem que cerca de 80% da humanidade possa ter conhecimento do texto sagrado na sua língua materna.

BARRANCOS - ENCINASOLA

SOLO

Dia 23 de Janeiro de 1993

É data p'ra recordar Não iremos esquecer

Facto de grande importância e que ambicionámos tanto A abertura da fronteira Encinasola - Barrancos

CORO

Barrancos
Terra linda tão estranha
Barrancos
Linda vila sem igual
Barrancos
Tu stás pertinho de Espanha
Tu stás pertinho de Espanha
Mas és bem de Portugal

Encinasola
Com tuas lindas espanholas
Encinasola
Em alegria ninguém te ganha
Encinasola
És vizinha de Barrancos
És vizinha de Barrancos
Mas pertences a Espanha

SOLO

No barranco da Casinha
Junto ao de Cansa Lobos
É dia de grande festa
Na união de dois povos

Tanto tempo esperámos
Até que cedeu a mola
A abertura da fronteira
Barrancos - Encinasola

CHICUELO

FESTEJADA A ABERTURA DA FRONTEIRA

(continuação da 1.ª pág.)

Para comemorar este acontecimento, há muitos anos ambicionado, as autoridades de Barrancos e Encinasola convocaram as respectivas populações para um convívio no local da fronteira, durante toda a tarde do dia 23. No seu início, às 14 horas, em pleno armamento do lado de Espanha usaram a palavra o Governador Civil de Beja, a vereadora de Huelva, o Presidente da Câmara de Barrancos e o Alcalde de Encinasola. Todos se regozijaram pelo facto finalmente se ter atingido a meta ambicionada desde sempre dos dois povos, fomentando a amizade sempre existente entre os dois povos, que será incrementada com o derrube da fronteira, bem como das vantagens que surgirão com a livre circulação entre Portugal e Espanha.

Depois foram os comes e bebes oferecidos pela Câmara de Barrancos e pela Aldeia de Encinasola, que se prolongaram toda a tarde, com portugueses e espanhóis misturados em alegre convívio. O Grupo Coral de Encinasola, regido por Luís Vasquez Lopez, alegrou o ambiente com bonitas canções e danças sevillanas.

A população de Barrancos e de Encinasola juntou-se muita gente dos povos vizinhos.

VENDE-SE

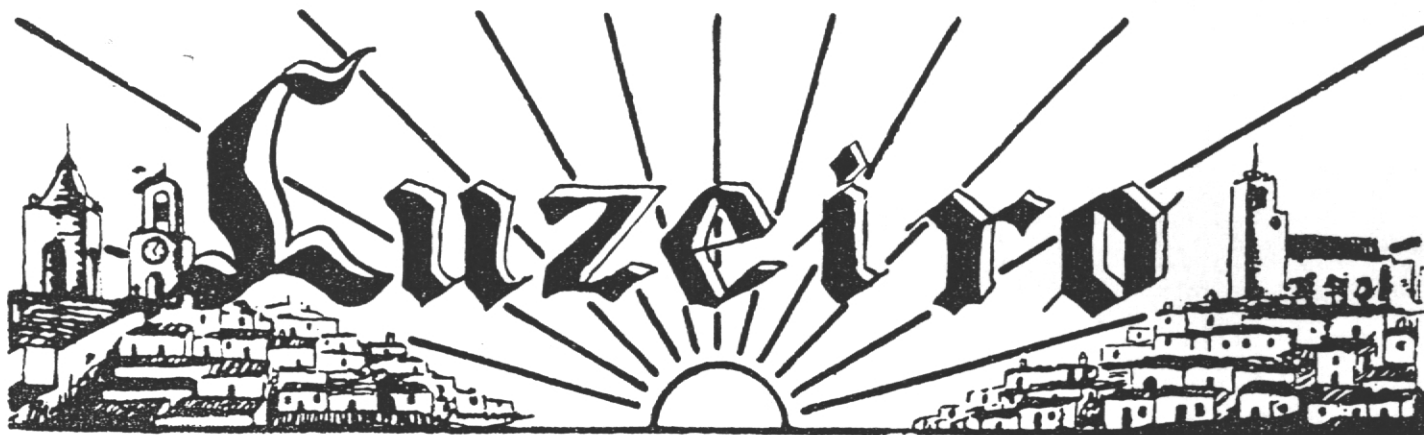
propriedade, com três-do-chão e 1.º andar, Rua de S. Sebastião, em Barrancos. Contactar o próprio pelo telef. 95321.

dos povos dum e doutro lado da fronteira, perfazendo uma multidão calculada em mais de 2 000 pessoas. A G.N.R., Guarda Fiscal, Guarda Civil e Polícia Municipal de Encinasola prestaram bom serviço no trânsito e estacionamento de carros e autocarros, que deviam ultrapassar as 500 unidades.

Foi uma festa que não esquecerão facilmente aqueles que nela tomaram parte, e que marca o início de uma nova era, nesta região, no relacionamento entre portugueses e espanhóis, sobretudo entre Barrancos e Encinasola.

Este acontecimento foi largamente relatado pelos jornais, rádio e televisão tanto de Portugal como de Espanha. Nunca Barrancos foi tão badalado, nos meios de comunicação social. Ficámos mais conhecidos em Portugal e em Espanha e muita gente terá ficado com a curiosidade de conhecer a nossa terra, os nossos costumes, a nossa fala, as nossas festas, as nossas touradas, o nosso presunto, o nosso catalão, o nosso mel, o nosso Castelo de Noudar, as nossas paisagens e um mundo de coisas que temos para lhes oferecer. Vem aí a avalanche do turismo. Estaremos preparados para a receber?

Dizem-nos que o caminho mais perto, entre Lisboa e Sevilha, passa por Barrancos, vindo de Alcácer do Sal, por Viana do Alentejo e Barragem de Alqueva, seguindo por Frejal a apanhar a Gran Via Badajoz-Sevilha. Devemos, porém, prevenir os condutores de autocarros que a estrada entre a fronteira e Encinasola (9 quilómetros) exige muita cautela, por ser bastante estreita e com curvas muito enroladas.



MENSÁRIO PAROQUIAL DE BARRANCOS E SANTO ALEIXO DA RESTAURAÇÃO

Director e Editor P. Agostinho A. dos Santos	Propriedade da Paróquia de Barrancos	Redacção e Administração: Casa Paroquial - Barrancos	Composto e impresso na Bejagráfica, Lda. - Beja Depósito legal n.º 1964 83	ABRIL DE 1995 N.º 371 7230 Barrancos - Taxa Paga
---	--	---	--	--

UM SANTO ALENTEJANO

Quando se fala em Santos, a maior parte da nossa gente pensa em seres espirituais de outro mundo e que nada têm ou tiveram a ver conosco que somos de carne e vivemos neste mundo. Contudo os Santos foram pessoas como nós, que viveram neste mundo, sujeitos à fragilidade da natureza humana decaída, às tentações do mal, e alguns foram até grandes pecadores antes de viverem uma vida de santidade.

Santos são todos os que vivem em amizade com Deus, sem pecados graves que cortem esta amizade, embora cheios de pequenas faltas, porque completamente cumpridor de todos os seus deveres não existe ninguém. Por isso S. Paulo nas suas cartas aos primeiros cristãos, que nos ficaram na Bíblia, começa sempre com estas palavras: «Paulo aos Santos que estão em Corinto», «Paulo aos Santos que se encontram em Éfeso», «Paulo aos Santos de Filipos», etc. Santos, portanto somos todos os cristãos que não estamos desligados de Deus pelo pecado mortal.

Porém, os santos que veneramos nos altares, não foram apenas santos vulgares, como nós, mas santos de santidade heróica, que tiveram uma vida de muito maior amizade com Deus, inteiramente dedicada ao seu serviço, e muitos deles dando mesmo testemunho dessa amizade com o próprio martírio. Muitos são aqueles que no decorrer dos séculos, a Igreja declarou terem tido esta santidade heróica, dignos de serem recordados festivamente e de terem as suas imagens nos altares das igrejas para nosso exemplo.

Neste ano de 1995 celebramos o 5.º centenário do nascimento de um desses grandes santos, que foi português e alentejano, S. João de Deus.

Nasceu em Montemor-o-Novo, há 500 anos, em 1495 no seio duma família cristã e piedosa, que lhe pôs o nome de João Cidade Duarte. O seu espírito aventureiro muito cedo o levou para Espanha, onde se dedicou a trabalhos agrícolas. Insatisfeito alistou-se no Exército e tomou parte na guerra contra os franceses de Francisco I e contra os turcos em Viena de Áustria. Regressado da guerra vai em peregrinação a Santiago de Compostela e volta à sua terra, Montemor-o-Novo, em 1533. Tendo-lhe já morrido os pais, parte para novas aventuras e, em 1535, encontra-se no norte de África a trabalhar nas fortificações da cidade de Ceuta. Aí aparece já a sua inclinação pelos pobres, ajudando com o seu salário uma família portuguesa ali exilada. Fez-se depois vendedor ambulante de livros no sul de Espanha, indo fixar-se em Granada. Foi nesta cidade que começou a sua vida de santidade. Depois de ouvir um sermão de S. João de Ávila que o tocou intimamente, saiu como louco da igreja, gritando: - «Misericórdia, Senhor, misericórdia!» Distribuiu tudo quanto possuía pelos pobres e resolveu dedicar-lhe toda a sua vida, sobretudo aos que estavam doentes. Após ter fundado um pequeno abrigo para os seus assistidos, conseguiu a construção de um amplo hospital, e depois um segundo e depois um terceiro, porque os doentes pobres eram

muitos. Percorre toda a Andaluzia espanhola ao encontro dos doentes necessitados para a todos socorrer. Em 1540 funda a Ordem dos Hospitaleiros, com todos os seus colaboradores, toma o hábito e muda o seu nome para João de Deus. Depois de intensa actividade em favor dos doentes pobres, morre em Granada a 8 de Março de 1550.

A sua obra foi continuada pelos seus companheiros em Espanha, extravasando para toda a Europa, para o Oriente e para o Novo Mundo acabado de descobrir. Hoje a Ordem Hospitalreira está presente nos cinco Continentes, com 230 Centros, 1.500 Irmãos, 45.000 colaboradores directos e muitos milhares de voluntários. Em Portugal tem o Hospital de S. João de Deus, em Montemor-o-Novo, sua terra natal.

Para celebrar este centenário de S. João de Deus os bispos portugueses publicaram em 20 de Janeiro uma Nota Pastoral para propor a imitação de todos os portugueses as extraordinárias virtudes deste santo alentejano «paradigma da dedicação aos doentes». As solenidades iniciaram-se já no dia 8 de Março em Montemor-o-Novo, sob a presidência do Cardeal Florêncio Angelini, enviado especial do Papa João Paulo II, que assim quis mostrar a importância deste santo português para a história da Igreja. No dia 11 e 12 tiveram lugar em Lisboa celebrações culturais e religiosas, presididas pelo Cardeal Patriarca, na igreja de S. João de Deus.

(Continua na última pág.)

O ORDENADO DOS PADRES

PÁGINA 3

ÁLVARO CUNHAL EM BARRANCOS

PÁGINA 2

AMIGOS DO «LUZEIRO»

Durante o mês de Março pagaram a assinatura de 1995:

De Barrancos (500\$00) - Mariana P. Navarro, António P. Caçador, José C. Agudo, Alexandrino N. Rico, Isabel D. Tereno, Antónia Maria C. Gonçalves, Eulália R. Escoval, António R. Andana, José F. da Silva, Maria Mercedes E. Tereno, Angelina A. Pires, Alfredo R. Monteiro, António C. Reganha.

Com 600\$00 - Luis Manuel B. Pica.

Com 700\$00 - Francisco R. Delgado, Maria das Dóres S. Alcario, Agostinha A. Abade, José P. Valério, Maria das Dóres O. Raio.

Com 750\$00 - Carlos R. Nazaré.

Com 800\$00 - Manuel B. Rodrigues, Domingas O. Marcelo.

Com 1.000\$00 - Ana da Conceição D. Pinto.

Com 1.500\$00 - C. Mira, Maria Rosália R. Lopes, Conceição R. Gavino, Pedro R. Torvisco.

Do resto do País (700\$00) - Antónia B. Rodrigues, Corroios; Francisco S. Alves, Alverca; Augusto R. Pinto, Carcavelos; Joaquina B. Charrama, Moita; António D. Tereno, Beja; Domingas C. Comprido, Catujal; José N. Guerreiro, Moura; Isabel A. Bergano, Amadora; António M. Monteiro, Portimão; Maria Isabel O. Baptista, Queluz; Maria da Conceição D. Santiago, Lisboa; Agostinha G. L. Pires, Estoril; José D. Burgos, Carnaxide; Daniel R. Caetano, Granja; Domingas S. Delgado, Moscavide; Agostinho R. Godinho, Amadora; Maria da Redenção G. Baião, Amadora.

Com 800\$00 - Manuel P. Valério.

Com 1.000\$00 - Maria Cristina L. Pelicano, Figueira da Foz; António Francisco L. Pelicano, Coimbra; Maria da Purificação M. da Costa, Coimbra; António F. Carrasco, Moura; Maria da Conceição N. de Carvalho, Moura; Domingas A. da Conceição, Lisboa; Maria Francisca G. C. Dias, Paio Pires; José D. Dábrio, Cacém; José Maria M. Dábrio, Cacém; Inês G. F. Reinhardt, Estoril; Manuel José Marques, Odivelas; José Carlos A. Lopes, Montijo; Lucinda A. L. da Silva, Lisboa; Mário Domingos M. Alcario, Lisboa; Manuel M. Bergano, Safara; José Maria P. Navarro, Odivelas; Antero G. Marques, Évora.

Com 1.500\$00 - Manuel E. Abade, Linda-a-Velha; António Aquiles R. Cainé, Canta-nhede; António Rafael B. Magalhães, Salgueiral.

Com 2.000\$00 - Isabel C. Oliveira, Póvoa da Isenta; Isabel C. C. Ventinhas, Almada.

Com 2.500\$00 - Dr. Bento C. C. de Almeida, Santo Aleixo.

Com 5.000\$00 - Prof. Jaime dos Santos, Albergaria-a-Velha.

Do Estrangeiro (1.200\$00) - João Francisco B. Rodrigues, Alemanha; Manuel R. Estevens, França.

Pagaram também assinaturas em atraso, de anos anteriores, os assinantes N.º 4, 13, 167, 237, 333, 400, 616, 943, 1011, 1077, 1122, 1201, 1236, 1455, 1711, 1891, 1926, 2056.

Muito obrigado a todos.

O ORDENADO DOS PADRES

Muitas pessoas têm felicitado os padres por já terem um ordenado do Estado de 95 contos mensais, porque ouviram a notícia na RTP. De facto a RTP, mal informada, deu essa notícia. Mas, na verdade os padres em Portugal não recebem qualquer ordenado do Estado.

A confusão veio do facto de, na diocese de Lisboa, se ter deliberado que os padres daquela diocese tivessem um ordenado mínimo de 95 contos. Para isso instituiu-se o Fundo Comum do Clero para o qual contribuem os padres que ganham mais que isso, e até os fiéis que o desejarem, e do qual recebem os que têm proventos inferiores a isso.

Em quase todas as dioceses do país existe este Fundo Comum do Clero para subsidiar os padres que não tenham o estritamente necessário à sua subsistência. Mas ainda só na diocese de Lisboa foi possível estabelecer aquele ordenado mínimo de 95 contos. Não, portanto, o Estado que paga,

mas o Fundo que distribui equitativamente por todos. A sustentação do clero fazia-se antigamente através das cóngruas paroquiais, para a qual contribuía, todos os paroquianos, conforme as posses de cada um, e do rendimento dos serviços pagos, como baptizados, casamentos, funerais e missas. Porém, estas cóngruas têm ido desaparecendo, e a maior parte dos padres, com licença do Bispo, viu-se na necessidade de dar aulas para poder sobreviver. Mas a tendência actual, em todo o país, é de conseguir que o Fundo do Clero consiga os meios necessários para que todos os padres possam ter o estritamente necessário para a sua sobrevivência.

Apesar das dificuldades, até hoje não consta que algum padre tenha morrido à fome, porque a Providência Divina se encarrega de dar a todos o pão de cada dia.

O VITORINO DOS LOBOS

(Figura popular
de Sobral da Adiça)

*Ganhara fama seu saber profundo,
Por toda a parte o mestre era querido,
E não havia lobo neste mundo
Que não temesse o homem atrevido.*

*E pelo mato, no barranco fundo,
Ele indicava o animal escondido,
Fosse da mais longínqua serra oriundo,
Era localizado e perseguido.*

*Ciência miraculosa, dom divino,
Que Deus legara a mestre Vitorino.
Na hora santa de espalhar o bem!*

*Mas tantos lobos vieram ao caminho,
Quando o homem morreu, já bem
[velhinho,
Que não deixaram mais viver ninguém!*

ARLINDO CALDEIRA

ESTRADA DE ENCINASOLA

Conforme já aqui noticiámos, a estrada da fronteira de Barrancos a Encinasola, que era muito estreita e com muitas e apertadas curvas, está a ser substituída por uma autopista larga e de leves curvas que, segundo dizem, reduz para 6 a distância de 10 quilómetros entre Barrancos e Encinasola, além de permitir alta velocidade.

Porém, agora encontram-se paradas, ao que parece por falta de verba, e não se sabe quando recomeçarão. Parte do percurso já se faz pelo novo traçado, ainda em pó, mas em pior estado está o percurso que se faz pela estrada velha, porque as máquinas têm rebentado com o alcatrão e o piso está quase intransitável.

Esperemos que as obras recomecem, para que estes dois povos vizinhos, e não só, possam visitar-se mais facilmente.

HOMENAGEM A TÍTULO PÓSTUMO AO MESTRE JOSÉ DE ALMEIDA LOPES

Vai ser prestada homenagem àquele que muito deu da sua vida, no ensino musical a muitos jovens da sua terra, Santo Aleixo da Restauração.

Irà assim, no próximo dia 15 de Abril

ser dado o seu nome à rua onde viveu a maior parte da sua vida. Os seus familiares vêm assim dar conhecimento a todos aqueles a quem o seu saudoso marido, pai e avô, ensinou os seus conhecimentos musicais.

Câmara de Barrancos Apresenta (

PROJECTOS - PROGRAMA INTERREG IIIA



A Proposta conjunta de Portugal e Espanha ao Programa de Iniciativa Comunitária INTERREG III - Vertente A considera as novas orientações deste instrumento de financiamento para promover o desenvolvimento harmonioso e equilibrado dos territórios da fronteira, como um vasto leque de oportunidades para reposicionar as economias periféricas do espaço transfronteiriço, no seio dos Estados-membros da União Europeia.

Esta ideia de reposicionamento inscreve-se numa visão mais ampla que decorre da necessidade de os territórios (as cidades e as regiões) desenvolverem estratégias de afirmação positiva, capazes de corrigir a sua perda continuada de influência. O êxito dessas estratégias depende da capacidade de associar competitividade territorial e sustentabilidade, mobilizando de forma activa tanto recursos tradicionais (naturais e produtivos), como recursos de inovação e conhecimento.

Esta visão do PIC INTERREG III integra-se nas orientações estratégicas das bases estruturais e das políticas comunitárias, referidas na Comunicação da Comissão, em especial nos vectores da "melhoria da competitividade das zonas incluídas", da "introdução de políticas de desenvolvimento sustentado" e da "criação de postos de trabalho", num contexto de fomento da igualdade de oportunidades, no acesso ao emprego e à qualidade de vida.

Esta é uma visão exigente da cooperação transfronteiriça porque está centrada numa transformação estrutural efectiva dos territórios abrangidos e procura potenciar as respectivas estratégias de desenvolvimento regional. A concretização desta visão pressupõe melhorar o que já se alcançou de positivo e inovar em torno de áreas de intervenção que contribuam para desenvolver as pontes de cooperação, sobretudo aproximando-as do terreno material do reforço das estruturas económicas, condição para o aumento das capacidades competitivas.

Os elementos de diagnóstico deixam claro para a generalidade do espaço fronteiriço que existe um conjunto de problemas que determina:

- a adopção de apoios da Iniciativa INTERREG, num contexto de consolidação dos laços de cooperação das regiões transfronteiriças;
- a orientação dos apoios para fortalecimento da base produtiva e a valorização do mercado das produções locais.

Foi com base nestes pressupostos, aliados a um excelente relacionamento com as localidades espanholas vizinhas, que a Câmara Municipal de Barrancos, apresentou nesta primeira fase de candidaturas 9 projectos no âmbito do Programa Interreg IIIA (quadro resumo da página seguinte).

A Serra Colorada, cuja beleza todos apreciam desde o Jardim do Miradouro, tem fortes potencialidades turísticas que, a muito curto prazo podemos todos vir a usufruir. Assim, foi candidatado um projecto no qual se prevê numa primeira fase a sua recuperação ambiental, após o qual, serão criadas uma série de infra-estruturas que nos permitirão a todos o usufruto máximo da referida serra: um parque de merendas, um observatório, um circuito de manutenção, sinalização de percursos pedestres e um grande arranjo no caminho das Voltas Ferreiras. Tudo isto, aliado à sua beleza natural, poderá tornar a Serra Colorada um local bastante visitado, não só por naturais de Barrancos como também por turistas que até aqui se deslocam. Até porque este projecto terá uma forte divulgação, uma vez que será candidatado numa oferta de turismo da natureza, em conjunto com mais dois projectos: um da Câmara Municipal de Ferreira do Alentejo; e um outro da Mancomunidade Camiña-Andévalo.



Em parceria com Encinasola, foi candidatado o arranjo com asfalto do Caminho de Vale de Reales, o que para além de beneficiar todos aqueles que possuem propriedades no referido caminho, possibilitaria um acesso mais rápido ao caminho de Aroche, bem como a ligação à Caseta de Flores, que num futuro próximo poderá vir a ser recuperada.

Ainda em parceria com Encinasola e com as demais localidades que de certa forma usufruem da Contenda (Moura e Aroche), participamos na candidatura às II^a. Jornadas da Contenda, onde será aprofundado o conhecimento sobre a mesma e, ao longo de um fim de semana, através de debates e colóquios todas as potencialidades e algumas problemáticas serão amplamente discutidas.

Feira de Projectos ao INTERREG III-A

Com a Diputación de Huelva, representada pelo Ayuntamiento de Jabugo, que em comum com Barrancos apresenta a excelência dos seus enchidos, foi candidatado um projecto para a realização de uma grande Feira de Presuntos e Enchidos.

O Vale do Múrtega, outro local de grande beleza paisagística, que poderá ser mais um chamariz de turistas ao nosso concelho, é candidatado, englobado num projecto bastante amplo que para além da vertente turística, já citada, é acima de tudo um projecto de cariz ambiental, uma vez que pretende-se sobretudo diminuir a poluição da Ribeira do Múrtega. Assim, o Ayuntamiento de Jabugo, fará a sua intervenção no Rio Caliente, afluente e principal poluidor da Ribeira do Múrtega; intervenção essa que prevê a despoluição do mesmo. Contamos ainda com a parceria da Câmara Municipal de Moura no âmbito do rio Ardila. No que se refere às intervenções a realizar no Vale do Múrtega, saliente-se a recuperação dos três açudes e dos três moinhos, bem como da casa do moleiro. No Cadaval será ainda construído um parque de merendas. De referir ainda, que será elaborado um estudo ambiental para essa zona, procedendo-se à reflorestação de certas áreas, nomeadamente de algumas que devido aos últimos incêndios ficaram praticamente sem vegetação perene.

Para o Castelo de Noudar, apresentamos dois projectos, sendo um deles bastante ambicioso. Assim, em parceria com o IPPAR, a EDIA e os Ayuntamientos de Fregenal de la Sierra e Valência del Mombuey, candidatamos um projecto que prevê, numa primeira fase, obras de conservação, consolidação e restauro de todas as muralhas do Castelo de Noudar, bem como arranjo paisagístico e valorização patrimonial. Neste mesmo projecto, numa segunda fase, será elaborado um estudo e divulgação de todo o património de Noudar. Ainda, para o Castelo de Noudar, foi candidatado um outro projecto que prevê a recuperação de mais duas casas da Vila de Noudar. Este segundo projecto para Noudar e, aproveitando as excelentes relações que temos com as localidades da raia, foi apresentado conjuntamente com os ayuntamientos de Bodonal de la Sierra, Fregenal de la Sierra, Fuentes de Leon, Segura de Leon e Calera de Leon.

Em suma, a Câmara Municipal de Barrancos, apresentou 9 candidaturas, com um total de 17 parceiros. Ficamos agora a aguardar pelos resultados das candidaturas apresentadas, mas estamos certos que apresentamos projectos válidos e com muito valor, e que, no caso de virem a ser aprovados, contribuirão em muito para a dinamização do turismo em Barrancos. Um agradecimento muito especial a todos os 17 parceiros e à Rota do Guadiana, que conjuntamente com a Câmara Municipal de Barrancos elaboraram estes nove projectos.

Quadro Resumo dos Projectos Apresentados

Nome do Projecto	Barrancos	Parceiros
1. Barrancos Encinasola Via/Contenda	Caminho de Vale Reales	Encinasola
2. Fomento de Actividades de Turismo em Espaço Rural	Recuperação Ambiental da Serra Colorada; Caminho das Voltas Ferreiras; Circuito de Manutenção; Percurso Pedestre; Parque de Merendas; Observatório	Ferreira do Alentejo; Mancomunidade Camiña-Andévalo
3. Plano de Desenvolvimento Empresarial Transfronteiriço	Feira de Presuntos e Enchidos	Diputación de Huelva; (Jabugo)
4. Projecto de Recuperação Ambiental e Valorização Paisagística dos Rios Caliente, Múrtega e Ardila	Estudo Ambiental; Acções de Melhoria Ecológica; Parque de Merendas; Recuperação de Açudes e Moinhos (3); Caminhos e Percursos Pedonais; Recuperação da Casa do Moleiro.	Moura; Jabugo
5. Promoção de Actividades Desportivas Transfronteiriças na Serra de Fregenal e no Baixo Alentejo	Construção de Campo de Tiro; Construção de Bancada no Campo de Futebol	Bodonal de la Sierra; Fregenal de la Sierra; Fuentes de Leon; Segura de Leon; Calera de Leon
6. Reabilitação e Conservação de Espaços Naturais da Serra de Fregenal de la Sierra e Baixo Alentejo	Recuperação de 2 Casas na Vila de Noudar; Promoção e Difusão da Oferta Turística	EDIA; IPPAR; Fregenal de la Sierra; Valencia del Mombuey
7. Recuperação do Património Histórico-Cultural do Eixo Fronteiriço de Barrancos e Valência del Mombuey-Fregenal de la Sierra	Obras de Conservação, Consolidação e Restauro; Projecto de Arranjo Paisagístico e Valorização Patrimonial; Estudo e Divulgação do Património de Noudar	Moura; Aroche; Encinasola
8. 2ª Jornadas da Contenda	Colóquios; Visitas	EDIA Barrancos Parque Natural S.A. e P.A. Valencia del Mombuey
9. Ecomuseu na Herdade da Coitadinha - ECOCOT	Ecomuseu na Herdade da Coitadinha	

Encinasola

